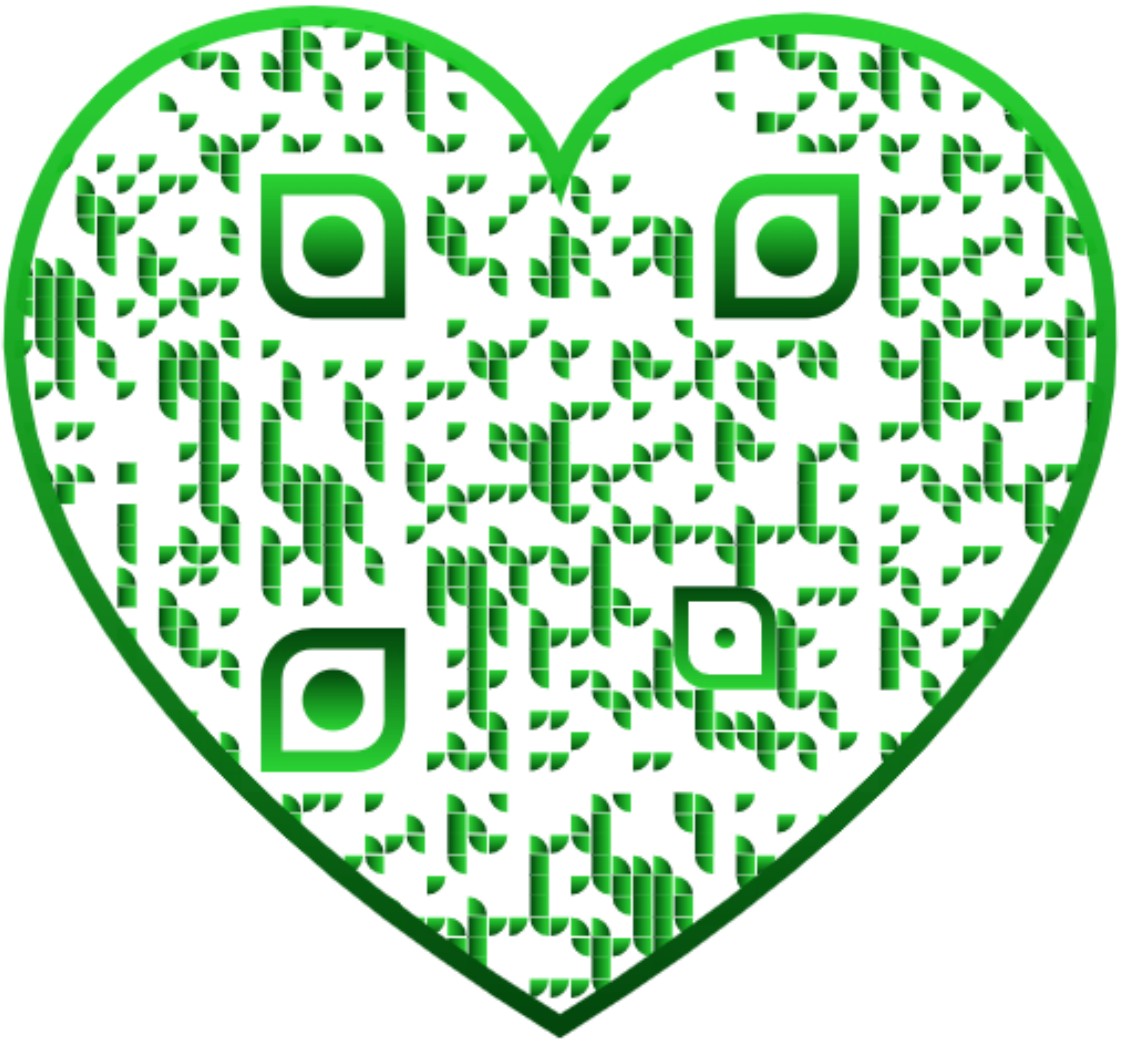
# LOUD!

MENSAL
ANO XIX
N.º 219
06/2019
€3.50
[CONT.]

# BARONESS

GHOST CORROSION OF CONFORMITY SUNN O)))
GLASSJAW ESPECIAL LUSOFONIA



SWR inc. proudly presents...

# Destroyer 666

## Devils Over Europe 2019

## Nordjevel

# 19.06.2019 **PORTO** HARD CLUB

DOORS: 20:00 | MERCADO FERREIRA BORGES - PRAÇA DO INFANTE 95 | 4050-252 PORTO | PORTUGAL | WWW.HARD-CLUB.COM

www.swr-inc.net | www.facebook.com/SWR.inc.pt

NAAM LOUD! ipdj

# 4-5 JUL.'19

## ESTÁDIO DO RESTELO (LX)

### 4 JUL.

**Slipknot**

ARCH ENEMY

TRIVIUM

WHILE SHE SLEEPS

### 5 JUL.

**Slayer**

FINAL SHOW IN PORTUGAL

lamb of god

Gojira

MOONSPELL

CANE HILL

WAKO

VOA.ROCKS

M/G

Prime Artists · Centenário CF Os Belenenses · Antena 3 · Ticketline · Blue Ticket · fnac · Super Bock

BILHETES À VENDA NOS LOCAIS HABITUAIS.

# EDITORIAL
JOSÉ MIGUEL RODRIGUES

# CLUBITES E QUEJANDOS

O novo álbum dos Baroness, «Gold & Grey», que serviu de mote à entrevista de capa desta edição, é uma valente surpresa. Apesar de manter inalterado o ADN estabelecido pela banda de Savannah há mais de uma década, estas canções mostram-na a dar continuidade ao seu processo evolutivo e, acima de tudo, a tentar a todo o custo não repetir a fórmula vencedora do «Purple», ou o que quer que seja que tenham feito no passado. O que, verdade seja dita, não será grande novidade para quem tem seguido John Dyer Baizley e companhia desde que lançaram os primeiros EPs. Talvez por serem sucedâneos dos Mastodon, a par dos conterrâneos Kylesa, os Baroness assumiram, desde o início, a personalidade mutante e a vontade de derrubar as fronteiras do que é habitualmente visto como música pesada, que caracteriza muito do que se tem feito neste contexto no novo milénio. Por nós tudo bem, Baizley e a sua banda nunca nos servem mais do mesmo e, mantendo a sua identidade intocada, sabem como manter os ouvintes, e provavelmente eles próprios também, ansiosos para conhecer o que vem aí a seguir.

A atitude é louvável e, sobretudo, compreensível. Afinal, quantos de vocês aí desse lado sejam meros ouvintes ou músicos querem estar sempre a fazer o mesmo, a ouvir o mesmo? É que pizza até pode ser a vossa comida favorita, mas ninguém suporta comer pizza todos os dias durante um ano. Constata-se esse simples facto e torna-se óbvio que o público vai inevitavelmente sentir necessidade do ocasional desafio. Do lado dos músicos, então, nem vale a pena falar é mais que natural que queiram explorar outras avenidas, crescer como instrumentistas e compositores. O problema aqui é que, acima de tudo no universo da música pesada e extrema, o conceito de evolução nunca foi bem aceite. Por se moverem num estilo tão à margem do *mainstream*, as bandas geram amores e ódios com muita facilidade, muito à semelhança do que se passa no futebol. Quando evoluem, e inevitavelmente mudam, cai o Carmo e a Trindade sobretudo se essa mudança coincidir com um incremento de exposição.

Por um lado, até é compreensível que as pessoas se sintam um bocadinho traídas, afinal queriam mais do mesmo e as suas expectativas acabaram goradas, mas por outro, não há absolutamente nada que se possa fazer. Bandas há que se satisfazem a repetir a mesma fórmula álbum após álbum, outras que jamais conseguiriam continuar a criar sem se reinventarem e não se iludam porque, neste último caso, o fã acaba por ter pouco peso na equação. Sejamos sinceros, ninguém vos obriga a ir ao concerto ou a comprar o álbum dos X ou dos Y, portanto os músicos não vos devem absolutamente nada e, na arte, há quem crie e quem aprecie a criação, sendo que uns e outros não têm contas a ajustar entre si. Infelizmente não é o que se tem passado ao longo dos anos e, apesar de sempre ter havido uma quota generosa de maledicência na cena, as coisas tomaram proporções dantescas desde a proliferação das redes sociais.

Nos tempos que correm, apesar de andarem mais distraídas, as pessoas mantêm as "facas" bem afiadas e fazem questão de mostrá-las em público, a cada oportunidade que têm. Já sabemos que o ódio gera ódio, que o Facebook é uma fonte inesgotável de mal-dizer e de escárnio, que a maior das pessoas perde mais tempo (e energia) a falar do que não gosta do que daquilo de que gosta, mas... Não estará na altura de inverter de uma vez por todas esta tendência? Porque não focarmo-nos (e apoiarmos) aquilo que nos dá gozo? Porque não partilharmos uma canção que achamos espectacular em vez de xingarmos o novo *single* daquela banda só porque não soa como esperávamos? Se calhar está mais que no *timing* certo de interiorizarmos que a clubite, a cegueira e o sentimento exacerbado de posse não nos vão levar a nenhum sítio produtivo. Os músicos, como toda a gente, crescem e mudam, por isso torna-se imperativo estarmos cientes de que o nosso álbum favorito vai estar sempre disponível para ser ouvido enquanto tivermos vontade de o fazer. Mesmo que a banda que o gravou já esteja a fazer algo diferente, talvez menos do nosso agrado.


**LOUD!**

N.º 219/ MAIO 2019

**LOUD!**
*Sede do editor/redacção:*
Rua Carlos Mardel, 32 - 3.º Esquerdo
1900-122 Lisboa
Tel. 215816655

**E-MAIL**
[geral@loudmagazine.net]

**WEBSITE**
[www.loudmagazine.net]

**FACEBOOK**
[www.facebook.com/loudmagazine.net]

**ASSINATURAS**
[assinaturas@loudmagazine.net]

**PUBLICIDADE**
[ads@loudmagazine.net]

**PUBLICAÇÃO MENSAL**
ISSN: 087-9531
DEPÓSITO LEGAL: 152667/00

Registada na Entidade Reguladora para a Comunicação Social sob o n.º 126774

**TIRAGEM**
15.000 exemplares

**PROPRIEDADE**
Pessoal do 13 – Publicações, Lda.
NIF: 510172342

**DETENTORES COM MAIS DE 5% DO CAPITAL DA EMPRESA**
José Miguel Rodrigues, José Carlos Santos, Bernardo Serralha, Pedro Oliveira, Signoff - Consulting Unipessoal, Lda.

**DIRECTOR**
José Miguel Rodrigues
[jmr@loudmagazine.net]

**CHEFE DE REDACÇÃO / DIRECTOR ADJUNTO**
José Carlos Santos
[jcs@loudmagazine.net]

**GERÊNCIA**
Pedro Oliveira, Daniel Marujo

**COLABORADORES**
Carlos Guimarães, Emanuel Ferreira, José Almeida Ribeiro, José Raposo, Luís Pires, Luís Rattus, Marta Louro, Nelson Santos, Pedro C. Silva, Ricardo Agostinho, Ricardo S. Amorim

**FOTOGRAFIA**
Catarina Torres, Estefânia Silva, Jorge Botas, Pedro Almeida, Pedro Roque
**Capa:** John Dyer Baizley

**DESIGN**
Joaquim Pedro

**ILUSTRAÇÕES**
Stebba Ósk, Pedro Silva

**IMPRESSÃO**
Jorge Fernandes, Lda.
*Sede do Impressor:* Rua Quinta Conde de Mascarenhas, Lote 9, Vale Fetal, 2820-652 Charneca Da Caparica

**DISTRIBUIÇÃO**
VASP

**ESTATUTO EDITORIAL**
*Disponível online em:*
loudmagazine.net/estatuto-editorial

A LOUD! escreve de acordo com a antiga ortografia.

# ÍNDICE

# #219


NOTÍCIAS 06

**STUDIO REPORT**
COMMANDO 08

**MARGINÁLIA E IMAGINÁRIO**
POR DAVID SOARES 10

LOST IN KIEV 11

RINGWORM 12

EMPLOYED TO SERVE 13

GHOST 14

**ASSINATURAS** 17

ÅRABROT 18

**LOUD! DJ**
ENCHANTYA 20

**ESPECIAL LUSOFONIA**
AFFÄIRE 22

MIDNIGHT PRIEST 24

BLACK BOMBAIM 26

EQUALEFT 28

**BARONESS** 30

GLASSJAW 36

CORROSION OF CONFORMITY 38

SUNN O))) 40

**DISCOS** 43

**TESOURINHO PERTINENTE**
FLIPPER 51

LIVE & LOUD! 52

AGENDA 58

14
GHOST

40
SUNN O)))

30
BARONESS

# NOTÍCIAS

NOTICIAS@LOUDMAGAZINE.NET

GROG

Os **GROG**, nome mítico do nosso underground e líderes incontestáveis do death/grind que por cá se produz, foram os grandes vencedores da edição deste ano da **W:O:A Metal Battle Portugal**, competição que levará uma banda lusa ao maior festival de heavy metal do mundo, na Alemanha. A concurso estavam também os Roädscüm e Diabolical Mental State. O mais recente disco do quarteto lisboeta chama-se **«Ablutionary Rituals»**, sendo o primeiro lançamento do grupo em seis anos e descrito nestas páginas, de entre outras formas, como "*mais que apenas gore; é a filosofia da morte levada ao extremo*". Composto por catorze temas, ao longo de 40 minutos, este é o quarto longa-duração da banda que já celebrou duas décadas após a infame estreia, «Macabre Requiems».

Os **MAXILA** são um novo nome nacional, trio da área de S. João da Madeira, formado em Junho 2018, mas que só agora lançou a primeira maqueta. «Digital Zombie», «Imitations» e «Evaporated Tears» são os temas contidos na estreia do grupo que conta com **Carlos**, no baixo e voz, **Jorge Cantão**, guitarra, ambos ex-**EAK** e **GORDURA**, a que se junta José Soares, ex-**AS THEY COME**, na bateria. Definem o som como um "*rock musculado e sujo com influências de doom, sludge, noise e metal.*" Todos são músicos com créditos firmados, tendo participado em vários títulos gravados pelos seus respectivos grupos, e juntam-se agora neste novo projecto.

O cartaz do **EDP VILAR DE MOUROS** deste ano está particularmente **LOUD!**ável. A juntar aos já confirmados **KILLING JOKE**, **PROPHETS OF RAGE**, **THE SISTERS OF MERCY** e **GANG OF FOUR**, a organização já confirmou também a presença dos *punk rockers* californianos **THE OFFSPRING** no festival minhoto. Depois da última passagem por território nacional no festival Rock in Rio, a banda de Dexter Holland vai estar por fim de regresso a Portugal este Verão. Com a edição de um álbum novo agendada ainda para este ano (numa altura em que o último **«Days Go By»** dista já sete anos), os autores de **«Smash»**, um dos discos mais marcantes dos anos 90, vai actuar no festival de rock mais antigo do país a 23 de Agosto. Para o evento, que decorre de **22 a 24 de Agosto** em Vilar de Mouros, estão também confirmadas actuações dos Manic Street Preachers, Nitzer Ebb, Skunk Anansie, Gogol Bordello, Clan Of Xymox e Linda Martini, entre outros.

Quando todos aguardam o sucessor para **«The Tarot Of The Bohemians»**, eis que do lado dos **HEAVENWOOD** surge novo projecto, denominado **DIABOLOS HERMETICUM**. Esta nova "aventura" reúne dois dos elementos do grupo, o guitarrista **Ricardo Dias** e o baixista **Bruno Silva**, que regressou recentemente ao grupo. Nas palavras do guitarrista, este é um "*projecto*" e não uma banda no verdadeiro sentido da palavra, embora não esteja descartado poderem vir a tocar em *"ocasiões especiais"*. A sua génese remonta já a uma fase ainda no período das gravações de «Tarot Of The Bohemians», mas que depois ficou "*suspensa com a saída do Bruno da banda*". Ricardo Dias tem a seu cargo todos os instrumentos, bem como a voz, ficando Bruno Silva apenas responsável pela produção. Está, para já, planeada a edição de um EP, ainda sem data de edição.

Já está disponível o álbum de estreia dos **UIVO BASTARDO**. **«Clepsydra»** foi editado a 10 de Maio através da Ethereal Sound Works e, segundo a própria banda, a sonoridade forjada no disco "*situa-se nas franjas do largo espectro do rock pesado e do metal, com apontamentos de roupagem electrónica e industrial e sempre vociferado em português*". Este é o projecto que dá continuação ao ideal lírico, sentido e vociferado por **Hélder Raposo**, com a providencial mestria de **David Jerónimo** na bateria, reconstrução e produção. A terceira peça desta máquina visceral chama-se **André Louro** e é teclista. «Clepsydra» foi gravado e produzido nos estúdios Malware, no Sabugo, perto de Sintra. Nos sete temas registados, o baixo e a guitarra estiveram entregues a experientes músicos de sessão, **Dikk** e **Miguel Camilo**.

# PLAYLISTS

**JOSÉ MIGUEL RODRIGUES**
BOG BODY – Through The Burial Fog
IDLE HANDS – Mana
SPOTLIGHTS – Love & Decay
SWALLOWED – Lunarterial
WASTE OF SPACE ORCHESTRA – Syntheosis

**JOSÉ CARLOS SANTOS**
WEYES BLOOD – Titanic Rising
RAMMSTEIN – Rammstein
BAD RELIGION – Age Of Unreason
VONNIS – Bikini Season
DEPARTURE CHANDELIER – Antichrist
Rise To Power

**PEDRO ROQUE**
WEYES BLOOD – Titanic Rising
LUCY IN BLUE – In Flight
INSTITUTE – Readjusting the Locks
ASID – Pathetic Flesh
VR SEX – Human Traffic Jam

**JORGE BOTAS**
SABATON – he Great War
WHITESNAKE – Flesh and Blood
GRAND MAGUS – Wolf God
MORBID ANGEL – Domination
AMON AMARTH – Berserker

**LUÍS PIRES**
GREY AURA – 2: De Bezwijkende Deugd
MADVILLAIN – Madvillainy
NIHILIST – Drowned
SUNN O))) – Life Metal
VIRUS – Memento Collider

**JOSÉ RAPOSO**
SUNN O))) – Life Metal
SWANS – Cop
SWANS – Children Of God
FULL OF HELL – Weeping Choir
ABYSSAL – A Beacon In The Husk

## ★★★ OS TOPS DO ★★★ JCS

### DEZ DISCOS "COLORIDOS" PARA FAZER COMPANHIA AOS BARONESS

01. NEUROSIS – «Through Silver In Blood»
02. AT THE GATES – «The Red In The Sky Is Ours»
03. DEATH IN JUNE – «Brown Book»
04. TOMBS – «Savage Gold»
05. BORIS – «Pink»
06. SODOM – «Agent Orange»
07. OCTOBER TIDE – «Grey Dawn»
08. DEEP PURPLE – «Deep Purple»
09. DIABOLIQUE – «The Green Goddess»
10. KRIEG – «Blue Miasma»

# SONIC BLAST

08, 09 & 10 AUGUST 2019 - MOLEDO, PORTUGAL

Om · Graveyard
Eyehategod
Orange Goblin
Earthless
My Sleeping Karma
Windhand · Monolord
Lucifer · The Obsessed
The Devil and
The Almighty Blues
Dopethrone · Toundra
Satan's Satyrs · Sacri Monti
Harsh Toke · Petyr
High Fighter · Zig-Zags
Kaleidobolt · Cardiel
Maidavale · Minami Deutsch
Maggot Heart · Jesus The Snake

GARBOYL LIVES PROMOTION · LOUD! · lore

# COMMANDO

Depois de 25 anos sem contacto entre os dois músicos que compõem o projecto, mais dois de adiamento por questões de saúde, pode-se dizer que os COMMANDO não tiveram propriamente um "parto" fácil. Tudo ultrapassado, no entanto, entraram agora em estúdio para gravar finalmente o seu primeiro álbum, «Love Songs #1... (Total Destruction, Mass Executions)», uma descarga de energia bem-humorada, da qual já nos foi possível ouvir temas tão lindamente intitulados como «Não Queremos Um Split Com Agathocles» ou «Isto Não É Nada SLAYER», entre muitas outras. Está tudo pronto, portanto, para conhecermos o seu muito particular estilo… de crossunder! Fomos descobrir mais com o duo Rui Vieira e José Alexandre Graça.

JOSÉ CARLOS SANTOS

**Anunciaram a gravação deste álbum já há algum tempo, e depois houve o que descrevem como "paragem forçada". Podem resumir a linha temporal que levou a este álbum, deste o processo de composição inicial, até esta gravação a dois tempos?**

*Rui*: A primeira curiosidade deste projecto será o facto de não contactar com o José há uns 25 anos e, devido às maravilhas da tecnologia, voltámos a estar novamente em contacto. Tudo isto porque andava à procura de uma cassete de vídeo VHS Kodak (daquelas amarelas de 240 minutos que se compravam no Continente) que emprestei há meio século e que tem um concerto/festival que organizei em Arruda dos Vinhos, o Metalcore 92, com Estalada Total, Vade Retro e Enslave! [risos] Palavra puxa palavra e fico a saber que o José tocava bateria. "Ai é? Então vamos já fazer qualquer coisa!", pensei. E assim foi! Após um primeiro encontro, decidimos começar a ensaiar e "mandar cá p'ra fora". Estivemos cerca de três meses (recta final de 2016) a ensaiar no JAP (Moscavide) e entrámos em estúdio pouco depois, em inícios de 2017. Nessa altura, tive um complicado problema de saúde e as gravações tiveram que ser suspendidas várias vezes. Em determinada altura, até cheguei a pensar que não me ia safar... Tornou-se tão complicado que fiquei "esvaziado" de gosto pelas coisas, nomeadamente, música. Diria que tive de reaprender a gostar destes temas e voltar a entrar nisto. Mas lá conseguimos terminar a parte instrumental, ficando a faltar apenas as vozes. Como não se proporcionou arranjar vocalista e com um conceito tão peculiar que procurávamos, ficou tudo novamente em "banho maria". Andámos a ouvir as músicas e a preparar as vozes durante algum tempo. Finalmente, no início de 2019, terminámos a gravação. Foi uma experiência bastante atribulada e demorada mas por razões infelizes e que, maioritariamente, me ultrapassaram. Ah... sobre a cassete VHS Kodak, continuo à espera! [risos]

**Como descrevem a música deste álbum? E não vale utilizar o belo termo "crossunder" que inventaram!**

*Rui*: Eu defino o «Love Songs #1...» como uma tentativa de misturar Mamonas Assassinas, S.O.D., Comme Restus, Anthrax, Discharge, Amon Amarth, Agent Steel, crust, grind, Therapy?, Nifelheim mas não... Agathocles! [risos] Melhor súmula que esta não pode haver! Desde início, a premissa foi "Vamos curtir! É o que sair...". E assim foi! O resultado é um caldeirão de influências, momentos hilariantes, muita brincadeira e boa disposição. Tomámos sempre como referência de trabalho, os discos de Mamonas Assassinas e Comme Restus. Ou seja, quando se pode "brincar" mas com um *power* filho da mãe! Commando tem funcionado como um bálsamo, uma espécie de saco azul para todas as limitações que encontramos nos nossos restantes projectos/bandas, particularmente, no meu caso. O termo "crossunder" (em oposição a "crossover") demonstra o nosso espírito: desconstruir. [risos]

*José*: A música deste álbum pode ser descrita como uma amálgama de todas as nossas referências e gostos, bem como a utilização de muitos *clichés* e algumas singelas homenagens, feitas de uma forma peculiar. Resumindo, algo que nos deu muito gozo fazer.

**Podem fazer uma pequena análise dos temas do álbum, um a um?**
*Rui*: O álbum começa com «Metal Is The Lei», um valente *fuck off* ao (suposto) pessoal que apoia a "cena" mas, no fim, só olha para o seu umbigo. É a nossa «March Of The S.O.D.»! «Moshpitas» aborda a sempre problemática das... *intros*! «Ancharge» soou-nos a uma mistura de Anthrax com Discharge, como tal, fundimos os nomes!
*José*: «Ancharge» é sobre a forma leviana e fútil das relações afectivas nos dias de hoje.
*Rui*: O nosso épico de 0:06 chama-se «Não Queremos Um Split Com Agathocles»! Será que vão ficar ofendidos? Haha! «Fart In The Night» e a sua letra profunda sobre ocorrências nocturnas sobrenaturais, somos nós a tentar imitar Agent Steel, o que resultou num rotundo... logro! «Buh! You're Dead!» é um crust curtinho e carrega uma (grande) verdade: bons ou maus, feios ou bonitos, vamos todos lá parar! «Ichi Ni San» foi trazido pelo José para a sala de ensaios e ficou como forma de marcar a entrada nesta música. Ao pensarmos na letra, lembrámo-nos da «Fuck The Middle East» de S.O.D. e que, já agora, também podíamos "mandar" umas bocas mais ácidas e provocatórias. Como é que um país como o Japão, tão evoluído tecnologicamente – mas com sérios problemas de terramotos e maremotos – constrói centrais nucleares junto ao mar? Afinal, Commando não é só galhofa! [risos] «Skin» aborda Valhalla e os *vikings*, numa assumida paródia a Amon Amarth! «É Isso, Não Mexas Mais!» foi inspirada na música «Uma Arlinda Mulher» dos Mamonas. A ideia foi cantar em contratempo e com uma letra *non sense* embora com factos reais. «Suine Repelent» é um hino (merecido) aos porcos, um autêntico Deus do Ocidente! «Daisy» (malmequer) foi a primeira imagem que surgiu para ilustrar este projecto e, a partir daí, muita coisa se sucedeu como, por exemplo, o *artwork*. É uma malha duplo-bombo *all the way!*
*José*: A «Daisy» é um aviso de que o nosso planeta vai ripostar por todo o mal que lhe fazemos, e vamos pagar caro por isso.
*Rui*: «Crosta Fodida» é o plural de... crust fodido! Não podia haver melhor designação e seu o conteúdo lírico é um apelo que fazemos a todos os jovens: vão para a linha da frente levar porrada da bófia que nós já estamos "velhos e decrépitos"! [risos] «Black/Thrash dos 80's» fala por si. Digamos que é um tributo a Nifelheim, os guardiões da chama! «Bossavelha (Suruba em Ipanema)» somos nós a querer ser – assumidamente – Mamonas Assassinas. Parodiamos várias bandas e temáticas. Nesta, em específico, enviámos um macho latino para o meio dos transexuais brasileiros! Nem a unhaca o salva! «Therapy!» é mais um tributo. A quem? Claro, aos Therapy?. A fechar o álbum... «Isto Não É Nada SLAYER»! Queríamos meter os nomes todos das músicas deles na letra mas eram demasiados! Reduzimos aos clássicos. [risos] Instrumentalmente, é uma mistura de «Black Magic» com «Seasons In The Abyss» e com o José a ser mais Lombardo que nunca!

*"Desde início, a premissa foi 'Vamos curtir! É o que sair...'. E assim foi! O resultado é um caldeirão de influências, momentos hilariantes."*

**Estúdio Brugo, e Paulão – como chegaram a esta combinação vitoriosa? E a posterior mistura e masterização, vai ficar a cargo da própria banda? Fala-nos um pouco mais de todo o processo "técnico", chamemos-lhe assim.**
*Rui*: Eu já tinha trabalhado com o Paulo Vieira em Miss Cadaver (e também Machinergy) e, como a experiência revelou-se positiva, decidimos gravar Commando com ele. Analisámos várias possibilidades mas, perante a previsível complexidade do nosso álbum, optámos por ele. Até porque o Paulo tem muita experiência (musical e de estúdio), bagagem e aquela dose de humor e boa disposição essencial (e muita paciência) para um trabalho como o que realizámos. Agora, iremos encetar a mistura e masterização que, contamos, seja feita também pelo Paulo. Quanto ao estúdio Brugo, foi uma sugestão do Paulo (ambos colaboram regularmente) e, pessoalmente, também gosto de experimentar estúdios novos, material, técnicas, isso tudo. Não sou nenhum *geek* (longe disso!) mas é bom ir mudando.
*José*: Como todo este projecto é rico em acasos e situações que se vieram a revelar vencedoras, esta combinação não foi diferente. Surgiu da vontade e disponibilidade de trabalharem connosco, o que depois veio a revelar-se numa combinação de sucesso.

**Pelos vídeos que foram postando ao longo do tempo, as sessões de gravação parecem ter sido divertidas, no mínimo! Há algumas histórias engraçadas que possam revelar desses dias?**
*Rui*: Foi o melhor tempo de estúdio que tive até hoje! Pelo Paulo, pelas boas condições do estúdio Brugo e pelos outros 50% de Commando, o José. É uma pessoa descontraída, bem disposta e que, tirando a parte séria da "coisa", está sempre positivo e não complica. Tivemos algumas peripécias durante a gravação, principalmente, aquando da captação das vozes. Nada de rocambolesco ou que mereça especial relevo mas os sons que iam saindo, muitos deles improvisados, faziam-nos rir a "bandeiras despregadas". Desde as galinhas em «Skin», aos porcos em «Suine Repelent», passando pela problemática de precisarmos de um falsete para «Black/Thrash dos 80's» e sermos surpreendidos pelo... Paulão [risos], houve alguns momentos muito engraçados.
*José*: Todo o processo foi envolvido num ambiente descontraído e divertido, e há muitas situações engraçadas. Algumas delas vão, inclusivamente, ser ouvidas quando o álbum sair.

**Já têm alguma ideia do que irá acontecer em termos de edição? Houve algum contacto com editoras, têm algum prazo em mente?**
**Rui:** Depois de ter o produto final, qualquer banda quer imediatamente mostrar o seu trabalho mas, neste caso, e porque isto é para ser levado com (muita) calma, vamos esperar pela parceria e oportunidade certas. Todos os trabalhos devem ser encarados de forma profissional mas este álbum revelou-se diferente pela positiva e, como tal, merece uma boa exposição e divulgação. Pelo menos, assim o desejamos. A música que criámos, está longe de qualquer moda, portanto, torna-se intemporal o seu conteúdo. Obviamente que não iremos editar o álbum daqui a dez anos! [riso] Já temos o *artwork* finalizado, este que foi um sonho tornado realidade e cujo autor (e capa) estou certo surpreenderá muita gente! A parte editorial é sempre o grande busílis das bandas pois, nem sempre a qualidade e profissionalismo, garantem o "prémio" respectivo. São, às vezes, os factores do momento, o *timing*, algum *background* e também chamemos-lhe sorte, que ditam o destaque de uma banda e/ou álbum nestes tempos repletos de oferta.

Todos os meses, o DAVID SOARES explora os aspectos mais recônditos, negros ou extraordinários da música, literatura e história.

# APANHADO PELA PRÓPRIA VOZ

DAVID SOARES

O facto de William Joyce, o epónimo Lord Haw-Haw, ter sido capturado graças à sua voz na vila alemã de Kupfermühle por dois oficiais do exército britânico que andavam a apanhar lenha será o melhor testemunho da popularidade alcançada pelas transmissões radiofónicas de propaganda nacional-socialista que fez na Alemanha a soldo do III Reich: é que o capitão que lhe reconheceu a voz e o tenente que o atingiu em ambas as pernas com um único tiro não conheciam as características físicas muitíssimo distintivas (como uma notável cicatriz no rosto, que consistia num indelével sorriso escarninho), daquele que ainda assoma na cultura popular inglesa como arquétipo do traidor capturaram-no "de ouvido", recordando a singular receita de *fake news* e provocações que manteve no ar até ao último ano da Segunda Grande Guerra. No Reich, ouvir estações estrangeiras de rádio era um crime punido com pena de morte, mas os britânicos não estavam sujeitos a nenhuma punição e escutavam em suas casas as emissões de propaganda nazi: em particular a que lhes era dirigida em inglês por um grupo variado de locutores ingleses auto-exilados que trabalhavam para o Ministério da Propaganda. É aqui que se enquadra a famosíssima figura de Lord Haw-Haw: o rei desse tipo de notícias falsas, feitas para ouvintes ingleses.

O hipocorístico de Haw-Haw foi-lhe posto por acidente, mas rapidamente homem e personagem se ajustaram em basófia numa afinidade que parecia desenhada de propósito: configuraram uma entidade indissolúvel, de alcance internacional, e logo apareceram epígonos de Haw-Haw em outras latitudes, beneficiando da mesma estratégia sardónica – é a emergência dos contemporâneos fenómenos comunicacionais de massas que têm como ponto de fuga personagens ou composições programáticas e mediáticas que transcendem as fronteiras das intenções originais. Lorde Haw-Haw representa a irrupção de uma lógica "personalizada", afectiva (no sentido de provocar emoções), num campo (a propaganda) que até aí não tinha conhecido "heróis": só vilões – e sempre ao nível da abstracção. Em contraste, a interpretação joyciana de Lorde Haw-Haw era material, individualizada, mobilizadora; espécie de John Bull ou de Deutsche Michel capaz de decalcar-se da unidimensionalidade de pura caricatura política para intervir afirmativamente.

Porém, o público inglês ia mudando de perspectiva em relação às acérbicas, mas anedóticas, transmissões de Lorde Haw-Haw simplesmente, deixavam de ter piada à medida que ao final da guerra iam deslizando da blindagem nacional-socialista rumores de horrores até então nunca observados na Europa. É provável que Haw-Haw, agora em fuga pela bainha da Dinamarca, não tenha decifrado a obsessão genocida do regime alemão, mas fora o seu próprio anti-semitismo que, em Inglaterra, lhe serviu de cavalo de Tróia para aderir ao nacional-socialismo. A voz é apenas flor de sementes que temos cá dentro.

# LOST IN KIEV

## Ainda há terreno por desbravar nos meandros do post rock instrumental.

Para começar, e porque os LOST IN KIEV serão desconhecidos para a esmagadora maioria dos nossos leitores, uma pergunta de palmatória: porquê esta designação para a banda? Maxime Ingrand, guitarrista e membro fundador do grupo, explica-nos que esta é uma história antiga. "*Basicamente, o nosso guitarrista fundador namorava com uma rapariga oriunda de Kiev e costumava ir visitá-la com alguma frequência. Um certo dia deixou de aparecer nos ensaios e nós brincámos com a situação de que ele estaria perdido em Kiev, o que na verdade estava realmente a acontecer devido a uma grande tempestade de neve que apanhou por lá e que o deixou literalmente desorientado e perdido naquela cidade,*" recorda o guitarrista com uma gargalhada. Curiosidade satisfeita, falemos de «Persona», o terceiro disco da banda. Comparando com os anteriores, este trabalho parece apresentar-nos uma abordagem mais directa e, simultaneamente, mais refinada e complexa. Max parece concordar, referindo que "*este terceiro disco é, de facto, mais imediato que os anteriores, embora continue a ser guiado por uma história forte e consistente. Quisemos realmente condensar todas as nossas ideias em menos tempo, complexificando a sonoridade mas tornando-a paradoxalmente mais imediata*." Para além da música, os Lost In Kiev distinguem-se por fazerem questão de explorar todo um lado cinematográfico e conceptual na história que contam a cada disco. «Persona» não constitui excepção e, de acordo com o guitarrista, "*o conceito na base deste disco centra-se na relação que temos com a nossa sociedade, na reflexão sobre em que medida as nossas reacções são cada vez mais robóticas e autómatas e uma perspectiva sobre o que restará de humanidade em cada um de nós num cenário no qual a inteligência artificial seja capaz de reproduzir fielmente um ser humano*." Quanto a fontes de inspiração para este conceito, Max afirma ter-se centrado sobretudo "*no universo do cinema, em séries ficcionais, em livros sobre a temática da ficção científica e inteligência artificial e, musicalmente, em bandas-sonoras relacionadas com esses mesmos filmes e séries, isto para além de nos inspirarmos naquilo que vai acontecendo nas nossas vidas e na nossa sociedade durante o processo de escrita do disco*."

> *"Gostaríamos muito de colaborar com artistas como a Emma Ruth Rundle, a Rachel Davies dos Esben And The Witch, ou mesmo com alguém como o Tricky."*

Uma outra característica que distingue a banda francesa de outras dentro do espectro post rock instrumental reside no facto de os Lost in Kiev criarem os seus próprios *samples* com vozes que ouvimos ao longo dos temas sem recorrerem a trechos retirados de filmes ou de outras fontes. "*Isso é algo que fazemos e que continuaremos a fazer,*" explica o músico. "*Permite-nos contar e construir a história em torno de cada disco da forma como a imaginamos, sem estarmos dependentes de* samples *que eventualmente pudéssemos retirar de outras fontes. Isso dá-nos maior liberdade e maior identidade, criando todo um enredo original.*" E já que se criam trechos de voz para incorporar na música dos Lost in Kiev, estará a hipótese de um vocalista totalmente colocada de parte? Max afirma que "*pelo menos por agora e num futuro próximo, iremos continuar como uma banda instrumental, não sentimos necessidade de dar voz aos nossos temas e de incorporar um vocalista enquanto elemento formal do grupo*." No entanto, deixa-nos antever algumas possíveis novidades, ao referir que "*gostaríamos muito de colaborar com artistas como a Emma Ruth Rundle, a Rachel Davies dos Esben And The Witch, ou mesmo com alguém como o Tricky, mas vamos ver o que conseguimos fazer acontecer.*" Enquanto estes planos ou sonhos não se concretizam, quisemos saber o que está no horizonte dos Lost In Kiev de forma mais imediata e palpável. "*Vamos andar em digressão pela Europa até ao final de Junho e faremos alguns festivais. Depois esperamos, em 2020, conseguir dar alguns concertos fora da Europa, especialmente na China, com os nossos colegas de editora Wang Wen, mas ainda não está confirmado.*" E Portugal? "*Talvez no segundo semestre deste ano, vamos fazer por isso!*" [R.A.]

FOTO: BARB MEHRITT

# RINGWORM

## 50% hardcore, 50% metal, 100% fúria.

Como membro fundador e furacão de vocalista que é, o denominado Human Furnace (de seu nome verdadeiro James Bulloch) é o habitual interlocutor quando falamos com os RINGWORM, a banda de Cleveland que, a brincar a brincar, já vai com quase 30 anos de sangue, suor, lágrimas e muita raiva, a debitar a sua mistura perfeita de hardcore com metal. No entanto, quando lhe perguntamos sobre o novo «Death Becomes My Voice» e o seu processo de escrita, o vocalista passa logo os louros para outro membro da banda. "*É o Matt Sorg, o nosso guitarrista, que escreve a música toda,*" explica ele. "*O que eu faço às vezes é que 'peço' ou 'sugiro' um determinado tipo de tema que gostaria de ver no álbum. Posso dar a ideia de um tema mais lento, ou alguma coisa mais grind, mas a toada geral de um álbum começa mesmo com o Matt. Mas no que diz respeito a este disco novo, a verdade é que estávamos todos de acordo sobre o que queríamos, que era algo fresco e diferente. Trabalhámos com um engenheiro de som novo, num estúdio novo, e gravámos quase tudo 'ao vivo'. Queríamos um* feeling *mais cru e mais orgânico, e acho que conseguimos lá chegar.*" Dito isto, esta necessidade de frescura não se deve, pelos vistos, a nenhuma reacção em particular a trabalhos anteriores. "*Acho que nunca avançamos para um novo trabalho com a intenção explícita de tentar fazer melhor, ou fazer o contrário, do álbum anterior,*" pondera o vocalista. "*Sinto que cada um dos nossos discos tem a sua própria personalidade, por isso os contrastes entre eles acontecem naturalmente. De vez em quando, tentamos declaradamente introduzir algo novo, mas no geral sempre nos mantivemos com aquilo que funciona para nós, simplificando tudo ao máximo. A nossa escrita e aproximação à música nunca mudam muito, o processo e acto de gravação é que se alteram de álbum para álbum. As coisas acontecem, não é? No estúdio, e na vida. É esse tipo de coisa que confere essa tal personalidade aos álbuns.*" Analisemos então a personalidade vincada deste «Death Becomes My Voice», cujas letras, essas sim, vêm todas da "caneta" do Human Furnace. "*Hesito ao chamar-lhe um 'concept album'... Escrevi sobre coisas que conheço, sobre os meus sentimentos, sobre o que vejo à minha volta,*" enumera, pensativamente, antes de soltar uma gargalhada. "*Mas isso é o eu faço sempre! Teoricamente, todos os nossos álbuns têm basicamente o mesmo conceito lírico. Depressão, suicídio, vida, morte, amor e perda. Gosto de escrever sobre a condição humana, e como eu a interpreto na minha própria vida. Por isso preciso de estar num determinado estado de espírito antes de começar a escrever para um álbum novo. Às vezes, forçar-me a entrar nesse estado até pode ser uma coisa boa, porque faço muita reflexão interna, examino muito o que é a minha vida. Por outro lado, pode ser complicado estar sempre a regurgitar pensamentos negativos e a remoer coisas que se calhar estariam melhor esquecidas. Mas é assim mesmo. No fundo, no mundo de hoje em dia, basta olhar à volta para ter muita inspiração.*"

Algo que também se mantém, é o equilíbrio quase perfeito entre metal e hardcore que os Ringworm sempre exploraram. É uma fórmula que parece ter nascido perfeita, e como tal, não precisa de grandes mexidas. "*Fazemos o que fazemos*," diz o vocalista, com um encolher de ombros e um sorriso. "*Não nos preocupamos com* clichés*. Não estamos a tentar reinventar a roda. E honestamente, o que é que não é um* cliché *hoje em dia? Acho que temos uma mistura perfeita, e isso reflecte-se no nosso público também. Ao longo dos anos, tivemos oportunidades de nos mostrarmos a vários tipos de audiência, e à medida que o tempo foi passando, vimos o nosso público base a transformar-se de um público hardcore do início para uma mixórdia maravilhosa de fãs de música pesada, honesta e crua, simplesmente. É sempre uma bela visão, nos nossos concertos.*" E ao fim de 30 anos, uma visão que, pelos vistos, ainda não cansa. "*É estranho pensar nisso, acho que qualquer actividade em que se chegue a um ponto em que já a fazemos durante mais de metade da nossa vida inspira esse tipo de estranheza,*" diz a fornalha humana. "*Como todas as bandas, já tivemos períodos melhores e piores, até mesmo as bandas clássicas como os Iron Maiden, Judas Priest, Alice Cooper ou Slayer tiveram períodos relativamente menos felizes depois de atingirem alturas inimagináveis. A única coisa que há a fazer é continuar a trabalhar para os ultrapassar. Manter os pés bem assentes na terra, e lembramo-nos das razões pelas quais fazemos isto.* Bottom line, *temos que perseverar, e ter a coragem de nos divertirmos pelo caminho. No dia-a-dia nunca pensamos, sinceramente, se temos a banda há dez, vinte ou 30 anos – simplesmente continuamos a tentar dar o melhor de nós e a sentirmo-nos bem com o que estamos a fazer. Por isso, enquanto formos fisicamente capazes de continuar com a banda, não há razão nenhuma para esta deixar de existir.*" [J.C.S.]

*"Fazemos o que fazemos.*
*Não nos preocupamos com* clichés.
*Não estamos a tentar reinventar a roda."*

# EMPLOYED TO SERVE

## Porta-estandartes do novo movimento de peso britânico, estes jovens londrinos estão prontos a conquistar o mundo com o seu híbrido metalcore cerebral e acutilante.

Venom Prison. Conjurer. Ithaka. São muitos, e muito bons, os projectos que, nos últimos tempos, nos têm chegado do Reino Unido. A provar que, à semelhança do que se passou nos anos 70 com a NWOBHM e, uns anos mais tarde, com o extremismo impulsionado por Napalm Death e derivados, se está hoje a viver um novo fôlego do underground em terras de Sua Majestade, não há mês que passe sem ouvirmos uma boa proposta vinda daquelas paragens. "*Acho que acaba por ser um fenómeno global,*" começa por dizer Justine Jones, voz dos EMPLOYED TO SERVE. "*Mas, sim, parece estar mais concentrado no Reino Unido, agora. Eu vejo a música como uma série de ondas e, às vezes, as ondas demoram o seu tempo a aparecer no horizonte. Neste momento estamos num ponto fantástico no que diz respeito ao underground, há tantas bandas boas a surgir no Reino Unido, é óptimo. Acho que, daqui a uns anos, as pessoas vão olhar com nostalgia para estes anos, quando se lembrarem de algumas destas bandas que estão a crescer agora – como acontece quando pensamos naquela fase em que os Machine Head, Slipknot e todas essas bandas estavam a aparecer na Roadrunner. É fixe fazer parte disso.*" Até numa *scene* tão competitiva como a londrina? "*Sem dúvida,*" surge a resposta imediata. "*Termos à nossa volta bandas tão talentosas, que estão a colher os frutos do seu trabalho árduo, só nos faz querer ser ainda melhores. E é claro que existe competição, mas é saudável. Fomos só nós a espicaçar-nos uns aos outros, porque é natural que um músico queira fazer tão bem ou melhor que os seus pares.*" Essa vontade de fazer mais e melhor, nota-se em «Eternal Forward Motion», o primeiro disco do grupo com selo Spinefarm, subsidiária da gigante Universal Music.

> *"Neste momento estamos num ponto fantástico no que diz respeito ao underground."*

Além do salto para uma editora maior, que certamente fará chegar o nome Employed To Serve a um outro público, este terceiro disco de longa-duração mostra o quarteto a tornar o seu som ainda mais acutilante e cirúrgico, sem sacrificar os ganchos, acabando por soar como se os Converge e os Carcass se juntassem na mesma sala de ensaios para fazer versões dos Will Haven e dos Deftones. "*Desenvolvemos a nossa identidade musical na viragem do milénio,*" refere Justine em jeito de explicação para a mistura de *blasts*, riffs angulares, *grooves* enormes e o ocasional gancho orelhudo. "*Os Korn, Killswitch Engage e Norma Jean eram nomes enormes nessa altura... E, claro, as bandas de nu-metal estavam em todo o lado quando éramos miúdos, por isso aposto que também têm muita influência no que fazemos. A dada altura ninguém admitiria isto, porque o rótulo nu-metal se tornou um insulto, mas nós não temos vergonha absolutamente nenhuma das nossas raízes.*" Não sendo propriamente uma novidade, afinal já se passaram sete anos desde que deram os primeiros passos e o anterior «The Warmth Of A Dying Sun», de 2017, tinha deixado boa impressão, o mais certo é que seja com «Eternal Forward Motion» que o quarteto formado chegue por fim a uma audiência mais vasta. "*Nós tentámos ser o mais meticulosos possível com tudo, queríamos fazer o melhor álbum possível, mas tentamos não alimentar grandes expectativas para não ficarmos desiludidos se as coisas não correrem como pensávamos,*" explica a vocalista, que acumula a banda com funções na Holy Roar, o *hub* por excelência da nova cena britânica. "*Dito isto, é lógico que gostava que as coisas corressem ainda melhor com este álbum que com o anterior, gostava de tocar em países onde nunca fomos antes, como os Estados Unidos ou o Japão.*" [J.M.R.]

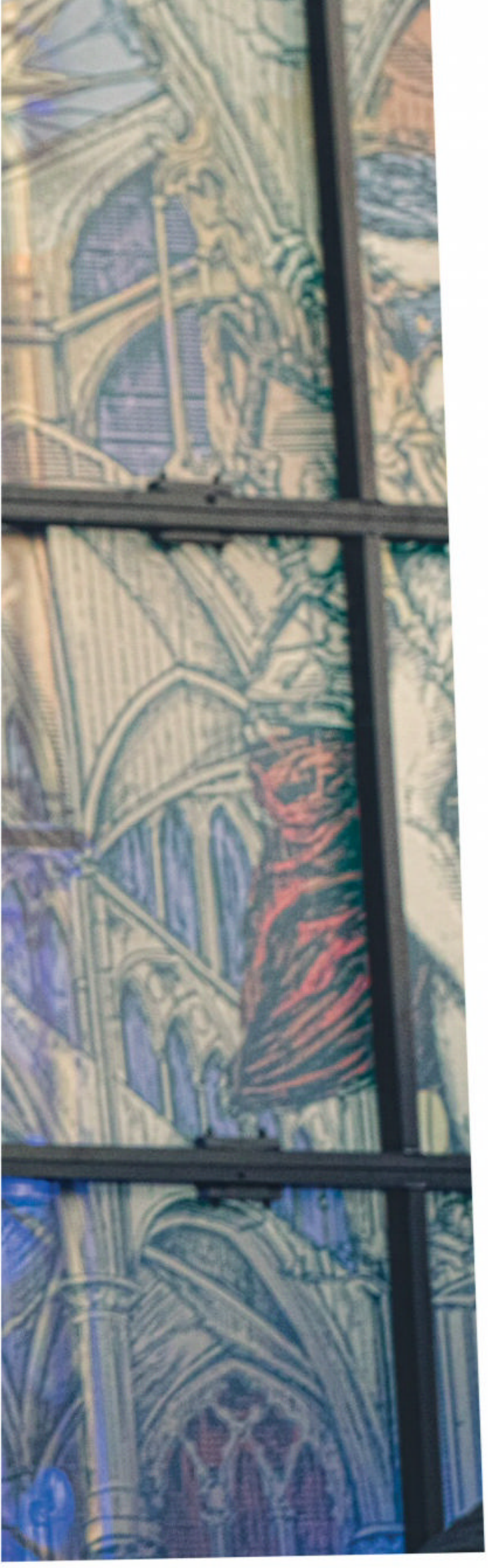
# MISSA LUSITANA

Os GHOST foram os convidados de honra para a mais recente digressão europeia de Verão dos Metallica. A primeira data da *tour* foi em Lisboa, no passado dia 1 de Maio, e antes da banda sueca subir ao palco, a LOUD! falou exclusivamente com o seu líder, mentor e principal compositor, Tobias Forge, para saber mais alguns detalhes sobre a digressão e também sobre essa escolha difícil que seria trazer de volta ao mundo dos vivos gente como Elizabeth Taylor ou Michael Kamen.

JORGE BOTAS

**Olá Tobias, bem-vindo de novo a Portugal. Estás entusiasmado para esta digressão?**
Claro que estou! Neste momento estou... nervoso. Não sei se será a palavra certa, talvez focado? Há muitas coisas novas. Nós já tocámos com os Metallica muitas vezes no passado, mas a última vez já foi há uns cinco anos. O palco deles para esta digressão é muito particular e específico com o *snake pit*... Eu adoro palcos como este, mas na prática, por exemplo, é como se estivéssemos habituados a conduzir do lado direito e depois termos que mudar de lado. Tenho que me lembrar, não sei ao certo o que vai acontecer e não sei o que fazer. Temos de ser inteligentes na forma como todos vamos usar o palco e isso demora algumas noites. A partir de hoje, e nos próximos dias, vai ser para limar algumas arestas...

**Vocês neste momento já são uma banda de arena, mas qual a importância de irem em digressão com os Metallica? Ainda acreditas que há muitas pessoas que não alcançaram e que não vos conhecem, mas que ainda podem ser convertidas?**
Absolutamente! Nós só agora é que começámos a fazer arenas, e há uma diferença tão grande. Arena, em si, é apenas uma palavra, é um tipo de edifício. Para mim, a



*"Se conseguirmos apanhar 10% do público que aparecer em Lisboa e conseguirmos adicionar essas 4.500 pessoas ao nosso próximo espectáculo em nome próprio aqui, seria fenomenal."*

importância de chegar a uma arena não é propriamente pelo número de pessoas que lá estão, mas sim pelo ponto de vista de produção. Tenho altos valores de produção e quero que o nosso espectáculo seja de uma certa forma. Quando se chega a uma arena, há mais espaço e pode-se fazer mais. Como sempre disse, o meu objectivo é levar o mesmo espectáculo a todas as pessoas. Na prática, quando estamos a tocar não são todas as 45.000 pessoas que estão a assistir ao nosso concerto, mas se conseguirmos apanhar 10% do público que aparecer hoje em Lisboa e conseguirmos adicionar essas 4.500 pessoas ao nosso próximo espectáculo em nome próprio aqui, será fenomenal.

**Falaste da importância do palco para os Ghost actualmente, e quanto maior o palco, maior será a produção. Para esta digressão conseguiram trazer tudo o que é necessário para as pessoas perceberem bem quem vocês são?**
Eu acredito que sim. Apesar de a disposição do palco desta digressão ser um pouco especial, porque não estão a usar um palco tradicional para eventos ao ar livre, ou seja, este palco não tem um tecto nem alicerces laterais. Sem tecto, não conseguimos pendurar nenhum pano de fundo nem nada que se pareça. Isso acabou por ser um desafio para percebermos o que tínhamos de fazer para ter algo que começasse do chão para cima [risos], mas que mantivesse a qualidade do que quero ter sempre em palco, como alguma cenografia e os vitrais. Acho que o palco que trouxemos vai resultar, mas há uma coisa muito importante, é que quando estás a abrir para outra banda, tens de tirar tudo de palco em dez minutos! Por isso não podemos trazer qualquer coisa, tem de ser algo que possa ser desmontado rapidamente... Na prática foram-nos dadas as "chaves do reino" e disseram-nos que podíamos trazer tudo o que quiséssemos, mas que tem que desaparecer tudo em dez minutos. Por nós, tudo bem, mas tem sido uma luta! Infelizmente, para este concerto de Lisboa, não sei bem porquê, acho que houve um problema qualquer de segurança, e não vamos poder usar a pirotecnia que usamos normalmente e que os Metallica nos deram autorização para usar. Foi uma grande chatice, porque está tudo interligado em palco, há fogo, bombas, fumo e mais uma série de coisas. Só vamos tocar uma hora e vai ter que ser só com as músicas mais conhecidas, mas pelo menos isso dá-nos uma razão para regressar.

**Já que falas nas músicas, qual foi o vosso cuidado na escolha do alinhamento para esta digressão? Pensaram que há fãs mais fanáticos que estão presentes e que querem ouvir certos temas, ou estavam a pensar naquelas pessoas que não vos conhecem tão bem?**
Normalmente, tento impor canções que penso que resultam muito bem ao vivo. Penso que em termos do nosso posicionamento actualmente, em relação à última vez que tocámos com os Metallica (e que correu muito bem), a vantagem que temos agora é que mais pessoas sabem quem nós somos. Podem não ser fãs, mas já ouviram falar. Por outro lado, num espectáculo como este, vai haver muitas pessoas que não vão a um concerto de hard rock há anos, e se calhar o último foi um concerto dos AC/DC. A vantagem de tocar com uma banda *mainstream*, uma banda global e icónica, é que as pessoas são dos mais variados espectros. Se calhar algumas viram os Metallica há vinte anos e só vão a concertos de vez em quando. Não quero maçar essas pessoas ao tocar uma música como a «Ghuleh / Zombie Queen» e numa digressão como esta nem me dou ao trabalho de tocar a «He Is». Temos de tocar canções que não dispersem a atenção das pessoas e precisamos de ir directos ao assunto. Se os perdermos, já não os vamos recuperar, porque estão á espera da banda maior. Se tiveres a atenção das pessoas, óptimo. Se as perderes... só precisam de ser uns poucos a apupar, e depois disso começar...

**Sentes a pressão?**
[pausa] ...quer dizer, eu estou mais preocupado neste momento com as questões técnicas. Como vamos fazer aquilo, se nos vamos lembrar de ir para determinada parte e se a piada vai resultar agora. Há muitas coisas no nosso espectáculo que são programadas de uma certa maneira e agora temos que descondicionar. É como o cão de Pavlov, e não sabemos exactamente aquilo que vai acontecer, o que acaba por ser excitante porque somos uma banda de rock'n'roll, ainda que uma muito teatral. Por isso estou um pouco mais tenso em relação a essas pequenas coisas, só quero superar isso e chegar ao ponto que já sabemos como os ecrãs funcionam e coisas assim. São questões técnicas. Estamos a usar a equipa de vídeo dos Metalica e a equipa ainda não nos viu, por exemplo. Não sabemos como as coisas vão resultar nos ecrãs, e isso é um processo que demora alguns dias...

**Convém conhecer o *timing* da banda...**
Exactamente. O *timing* é essencial e temos quatro novos operadores de luzes *follow spot* que vão andar um pouco "aos papéis". Há muita coisa que pode acontecer num espectáculo como este e temos de estar prepa-

rados para qualquer eventualidade. Por isso, a pressão, eu sinto-a, como te disse, no sentido de termos uma janela de tempo para entreter as pessoas e de captarmos a atenção delas, uma atenção que é de curta duração, quando és banda de suporte.

**És fã da série «A Guerra dos Tronos»?**
Vi muito pouco... a série já leva algum avanço para mim.

**Há um personagem na série, o Night King, que tem a capacidade de ressuscitar os mortos. Se tivesses esse poder, que músico é que gostavas de ressuscitar para tocar contigo?**
Para tocar comigo? Essa é uma pergunta difícil... Para mim, ressuscitar ele ou ela que seja bom naquilo que faz, normalmente seria alguém com quem queiramos ter uma relação. Se eu conseguisse uma Elizabeth Taylor de 1958 assim tão facilmente, seria maravilhoso. Mas, e se ela não gostar de mim? [risos] Em relação a músicos, adorava que o Jimmy Hendrix regressasse, o que não significa que tivesse química comigo. Mas estamos numa altura em que há tantos músicos a desaparecer... Para ser super específico, e porque também falámos dos Metallica, é alguém que já faleceu e que era um excelente arranjador de cordas, o Michael Kamen. Adorava, quando estivesse a fazer um novo disco e quisesse usar cordas nos arranjos, que fosse o Michael Kamen a tratar dessa parte. Esse também seria um músico já falecido, mas com quem eu acho que iria conseguir ter uma ligação. Claro que também adorava trazer de volta o Cliff Burton e tê-lo a tocar nos Ghost, isso seria fantástico. Mas não quer dizer que houvesse uma ligação musical... É uma pergunta muito difícil, por isso é melhor ficarmos pelo Michael Kamen.

*"Adorava trazer de volta o Cliff Burton e tê-lo a tocar nos Ghost."*

# ASSINA A LOUD!

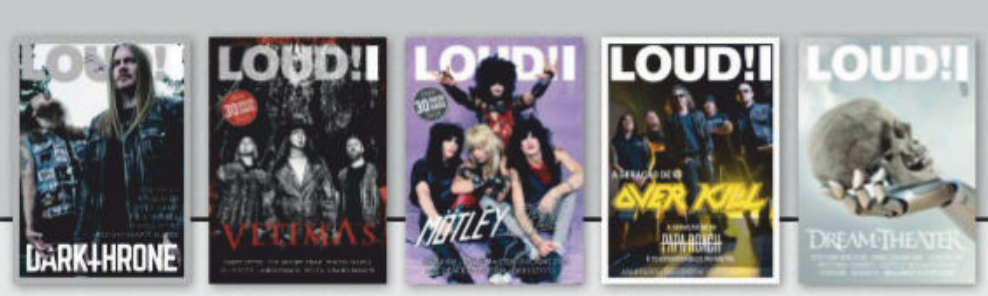
## ASSINA A LOUD! E VAI À BORLA VER

ALIEN WEAPONRY

**7 JULHO**
RCA CLUB (Lisboa)
1.ª Parte: **TITAN SHIFT**

Se optares pela subscrição **LOUD! PREMIUM** vais
– **SEM QUALQUER SORTEIO!** – a este concerto.

Para tal, basta que efectues a tua transferência e nos envies o respectivo comprovativo, para **assinaturas@loudmagazine.net**, a partir das 12:00 do dia 4 de Junho. Os novos assinantes têm direito a uma entrada para este concerto dentro do limite do *stock* existente. **Sejam rápidos!**




## SE ASSINARES

- Poupas dinheiro, porque compras a LOUD! ao preço antigo
- Recebes a LOUD! no conforto do lar sem esforço adicional
- Podes começar a ler a LOUD! antes de chegar às bancas

## LOUD! BASIC

**ASSINATURA ANUAL EM PAPEL**

**36€ (DESCONTO DE 14%)**

## LOUD! PREMIUM

**ASSINATURA ANUAL EM PAPEL E DIGITAL**

**45€ (DESCONTO DE 32%)**

O pagamento pode ser feito por cheque ou vale postal em nome de Pessoal do 13 - Publicações, LDA. e remetido para a nossa morada ou, mais simples ainda, por transferência bancária (num multibanco não existem quaisquer comissões de transferência) para o seguinte NIB: 0036 0027 99100151466 59.

Essencial é também o envio do nome completo, número de B.I., morada, contacto telefónico e e-mail, assim como o comprovativo da transferência, para o endereço **assinaturas@loudmagazine.net**

Se resides no estrangeiro, a LOUD! pode chegar a ti pelo correio na mesma. Envia e-mail para o endereço referido acima a pedir informações.

⋆ Atenção! Não adianta enviarem o comprovativo antes das 12:00 do dia 04/06, porque a promoção só é mesmo válida a partir dessa hora.

# ASSINA JÁ!


CHAOSPHERE RECORDINGS

# HALLOWEEN EXTRAVAGANZA

**DECAYED**
"THE CONJURATION OF THE SOUTHERN CIRCLE"

CHAOSV025

**333 COPIES**
LTD. EDT. PICTURE DISC VINYL LP

Celebrating the 25th anniversary, the first Portuguese black metal album (1993) and probably the best one! A true worldwide classic album from the Portuguese scene. A must have for any underground collector!

**GROG**
"MACABRE REQUIEMS"

CHAOSV030

**333 COPIES**
LTD. EDT. PICTURE DISC VINYL LP

And gore created Grog! One of the seminal and most extreme bands in Portugal. This 1996 death grind opus is for sure a bloody mark in the Portuguese extreme metal scene. An essential chapter in brutality!

Glam-O-Rama
•ROCK SHOP•
www.glam-o-rama.net

INFO / ORDER:
RUA VIRIATO Nº 12, 1050-235 LISBOA, PORTUGAL
GLAMORAMA.ROCKSHOP@GMAIL.COM / + 351 211 320 835

CHAOSPHERE
RECORDINGS
www.chaosphererecordings.net

# ÅRABROT

Numa altura em que as ondas provocadas pelo excelente «Who Do You Love», do ano passado, ainda se fazem sentir, os noruegueses ÅRABROT surpreendem agora os seus seguidores com a expansão do universo sonoro em que se têm movido a paisagens nunca antes imaginadas por quem ainda os via só como uma banda de noise rock. Intitulado «Årabrot Speciale: Die Nibelungen», o mais recentemente lançamento do colectivo é uma banda-sonora para o filme mudo de Fritz Lang do mesmo nome, gravada ao vivo no festival internacional de cinema de Tromsø em 2016. Um projecto verdadeiramente diferente e especial, explicado aqui pelo líder e estratega do grupo, o simpático Kjetil Nernes.

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES

**O «Årabrot Speciale: Die Nibelungen» deve ser visto como um lançamento dos Årabrot ou, como o título indica, é algo especial, que deve ser digerido à parte da discografia regular da banda?**

Eu não o vejo bem como um álbum, faz mais sentido que seja visto como um EP ou um formato especial. Acaba por ser um lançamento para os fãs, por isso estou muito feliz que a Pelagic tenha mostrado interesse em editá-lo. É, basicamente, música feita para um filme e mostra um outro lado da banda, o lado mais experimental e mais livre em termos de criação. É algo que sempre fez parte do projecto, mas que tem estado mais no fundo, mais omnipresente. Portanto, fizemos esta actuação muito especial em Tromsø, que é mesmo lá em cima, no norte da Noruega. A cidade fica a duas horas e meia de avião de Oslo, por isso... é muito a norte mesmo. E o sítio é fantástico, parece que a Terra está a ficar plana porque estás mesmo lá no topo.

# MÚSICA PARA FILMES MUDOS

**Como surgiu a ideia de fazerem isto?**
Inicialmente fomos convidados pelos curadores do festival, foram eles que nos convidaram para musicar o filme «Die Nibelungen». Sabendo que íamos tocar num cinema antigo, lindíssimo, e que seria algo que, provavelmente, não iríamos repetir porque o filme é bem longo, decidi que tinha de ser mesmo uma actuação muito especial, por isso decidi juntar uma formação diferente da habitual. Convidei o Andrew Liles dos Current 93, a Karin Park, o Alex dos Gnod, um percussionista norueguês... Quando se faz música assim, em frente a um ecrã, precisamos de muitos sons diferentes para que as coisas funcionem devidamente.

**Quanto deste material foi composto e quando foi improvisado no momento?**
Encontrámo-nos antes e traçámos um plano pouco rígido, sendo que, de resto, decidimos ir ao sabor da maré. Ensaiámos umas partes, mas a maior parte foi criada no momento, a olhar directamente para o ecrã e a tentar traduzir o que o vai acontecendo à medida que o argumento se vai desenvolvendo. E o filme é muito, muito interessante... Foi o Fritz Lang que o realizou em 1924 e é quase tão fantástico como o «Metropolis», que é talvez o filme mais icónico dele. Tem o mesmo tipo de ambiente, os visuais são de cortar a respiração... Obviamente é um filme muito antigo, por isso tem momentos estranhos, mas no geral é mesmo muito bom, sobretudo no que toca a esse lado visual. Isso inspirou-nos.

**Foi fácil improvisarem tanta música no momento?**
Depende... [pausa] Depende muito dos músicos com que estamos a tocar. No meu caso, a banda que tinha a apoiar-me era tão boa, são todos tão competentes naquilo que fazem, que resultou muito bem. Por um lado, acaba por ser mais fácil do que compor um álbum normal, por assim dizer; mas, por outro, é complicado porque, apesar de estarmos ali, no momento a improvisar, também queremos fazer a melhor música possível. Não quero fazer merda e, para que as coisas estejam num certo nível, temos sempre de nos esforçar. Isto porque tivemos de estar focados, concentrados, durante muito tempo... O filme tem cinco horas! Houve, inclusivamente, quem achasse que estabelecemos um recorde não-oficial de criação ao vivo de música para um filme. Cinco horas é muito tempo para um concerto.

**Sem dúvida. Como se aguentaram?**
Felizmente houve intervalo a meio, por isso tivemos oportunidade de parar e descansar por uns minutos. Mas foi, sem dúvida, uma empreitada bem longa. Provavelmente, para o público, ainda foi mais longo do que para nós, porque tanto o filme como a música são bastante intensos, por isso temos de dar *kudos* a quem apareceu e aguentou até ao fim.

**Esta não foi a primeira vez que musicaram um filme mudo, pois não?**
Já tínhamos feito música para outros filmes, sim. E, maioritariamente, para outros filmes dos anos 20. Fizemos o «Faust», o «Das Kabinet Des Dr. Caligari»... Fizemos também um filme sueco, de 1918, chamado «Witchcraft Through The Ages». Além disso, já tínhamos feito também a primeira parte do «Die Nibelungen», antes de o fazermos para a totalidade do filme. Temos sido convidados por uma série de festivais de cinema durante os últimos anos e têm sido experiências muito proveitosas.

*"Com sorte, daqui a uns anos, vão dizer apenas que soamos a Årabrot."*

**O que é que achas que faz com que as pessoas vos convidem para fazer este tipo de coisa? Ou melhor, o que é que achas que faz com que os Årabrot sejam uma boa banda para musicar filmes mudos dos anos 20?**
Não sei, para ser muito sincero. Não sei bem se sabia sequer que tínhamos este potencial, mas se calhar sabia sem me aperceber. Sempre me interessei muito por cinema e, no que toca ao lado mais temático da banda, sempre me inspirei muito em filmes que ia vendo. Por isso, faz sentido, de certa forma. Porque há ali uma ligação directa. Tivemos a oportunidade de ser convidados para o primeiro projecto destes em que estivemos envolvidos já há uma série de anos e, depois disso, as ofertas não pararam de aparecer. O que, por si só, acaba por ser muito interessante, porque são convites que partem de gente que não está ligada ao rock; não como nós estamos, pelo menos. É engraçado porque ontem aceitei mais uma oferta, vai haver mais música para filmes dos Årabrot já no próximo Outono.

**A vossa música sempre foi muito dinâmica, mas neste registo as dinâmicas são levadas ao extremo. Concordas?**
Sim, sem qualquer dúvida. Este lado dos Årabrot sempre esteve lá, mas nunca tinha vindo tão ao de cima como nesta ocasião. E sinto que, de certa forma, já estava na altura de mostrá-lo às pessoas, talvez porque ache que, de futuro, termos feito este tipo de disco vá fazer ainda mais sentido. O plano é expandirmos a nossa sonoridade... Provavelmente não de uma forma tão intensa, mas penso que partes da música e a própria forma como nós fizemos a música, acabará inevitavelmente por influenciar todo o que fizermos. Talvez até já no próximo álbum a sério, quem sabe? Acho que isso já se notou, inclusivamente, um pouco no nosso último disco, o «Who Do You Love», sobretudo nos últimos temas do alinhamento, que usam uma panóplia de sons muito diversa. Isso foi inspirado no nosso trabalho a fazer música para filmes.

**A ideia era, desde o início, lançarem um registo desta ocasião?**
Não era, mas fiquei muito feliz quando me disseram que tinha sido gravado e percebi que íamos ter oportunidade de editar este material. Foi uma ocasião mesmo muito especial. O sítio, a formação do grupo, tudo isso. Por todas as razões, achei que fazia sentido ficar registado. O Andrew esteve a bordo desde o início e foi quem misturou o material, além de ter condensado uma actuação de cinco horas em cerca de 40 minutos, porque a ideia era que coubesse num só disco de vinil. Ele é um verdadeiro mágico da edição, por isso dei-lhe um passe de livre trânsito para fazer como achasse melhor e estou muitíssimo satisfeito com o resultado final. É ele que é o verdadeiro *mastermind* por trás da edição e mistura deste álbum.

**Depois de tudo isto, continua a ser justo rotular os Årabrot como noise rock?**
Hoje em dia é o rótulo a que mais nos associam. No início era mais metal, agora é noise rock. E eu, quando penso em noise rock, penso logo numa série de bandas fantásticas – os Unsane, os Zeni Geva, do Japão – mas acho que somos um pouco mais que isso. Se calhar, se tivesse mesmo de nos descrever a alguém que está familiarizado com música underground, traçava um paralelo com os Boris, acho que isso faria mais sentido. Eles são uma banda que também faz música diferente, um híbrido de sludge com umas estranhas influências pop – basicamente são difíceis de categorizar e, hoje em dia, as pessoas já nem tentam, dizem só que são os Boris. Com sorte, daqui a uns anos, vão fazer o mesmo connosco, e dizer apenas que soamos a Årabrot.

# ENCHANTYA

Foram sete anos que passaram desde o longa-duração de estreia, «Dark Rising», até ao novo álbum agora editado, «On Light And Wrath», mas aí estão os ENCHANTYA, um dos expoentes máximos do metal gótico/sinfónico em Portugal, a voltar em força outra vez. Com uma formação praticamente nova, mas sempre liderados pela vocalista Rute Fevereiro, bem conhecida também das "históricas" Black Widows, a banda lisboeta deparou-se com um dos seus maiores desafios até à data – o do LOUD! DJ, pois claro –, mas a cantora, bem coadjuvada pelo teclista Pedro Antunes, superou-o com distinção.

## OBITUARY

«Chopped In Half»

Do álbum «Cause Of Death» [1990]

Sabemos que a Rute Fevereiro é uma fã incondicional de algum do melhor death metal que se fez nos finais dos 80s e inícios dos 90s, em particular dos Death. Portanto, vamos fazer só um pequeno desvio dentro da Florida, de Orlando para Tampa, e começar pelos Obituary e um dos seus temas mais míticos.

***Rute*:** Vá Pedro, respondes tu. Espera, isso é Obituary?
**Não lhe deste tempo!**
***Pedro*:** Eu não estava a fazer a mínima. [risos]
***Rute*:** O meu filho é que disse, que se viesse, acertava em todas.
**Também não começaste nada mal, diga-se. Esta vozinha é inconfundível, não é?**
***Rute*:** É, gosto muito.
**E dos Death também, não é?**
***Rute*:** São a minha banda favorita, é mesmo paixão. Foi graças ao Chuck que eu comecei a cantar e a tocar, são o meu ponto de referência. Toda esta fase do underground é muito importante para mim. Olha aqui esta parte, este solo! Faz-me lembrar o Lusitano, tudo o que se ouvia nessa altura. Essa força! Hoje em dia, tudo bem, há muita coisa boa, muitas bandas diferentes, mas sinto saudade desta energia, deste tipo de música, do espírito que havia no underground.
**Pedro, tu és um pouco mais novo e tens outros gostos, não é?**
***Rute*:** Ele gosta de coisas mais sinfónicas, Epicas e Within Temptations e coisas assim.
***Pedro*:** É verdade, mas também gosto disto. Uma das minhas bandas favoritas é DevilDriver, que tem zero de teclados, por exemplo. Não é um requisito essencial.

## RAMMSTEIN

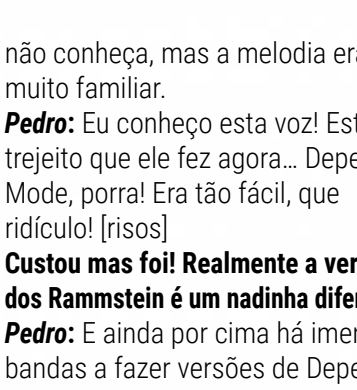
«Stripped»

Da compilação/tributo «For The Masses» [1998]

Ao fim de dez anos, temos aí álbum novo dos Rammstein, mas seria óbvio demais tocar qualquer coisa mais recente. Assim, com esta *cover* dos Depeche Mode, cobrimos já duas bandas importantes, ambas com proeminência de teclados. Será que o Pedro se consegue antecipar à Rute desta vez?

***Rute*:** [imediatamente] Rammstein?
***Pedro*:** Ainda estava a pensar!
**O homem ainda está a falar, ainda nem começou a cantar! Mas olhem, isto tem uma particularidade, é uma *cover*. Pontos bónus se identificarem o original.**
***Rute*:** Ah, a sério? Deixa lá ouvir. Eh pá, eu conheço isto…
***Pedro*:** Pois, eu também.
**Vamos pôr a tocar o original então.**
***Rute*:** Só se for alguma coisa que eu

não conheça, mas a melodia era-me muito familiar.
***Pedro*:** Eu conheço esta voz! Este trejeito que ele fez agora… Depeche Mode, porra! Era tão fácil, que ridículo! [risos]
**Custou mas foi! Realmente a versão dos Rammstein é um nadinha diferente.**
***Pedro*:** E ainda por cima há imensas bandas a fazer versões de Depeche Mode.
***Rute*:** Eu gosto bastante. Tanto duma como de outra. Rammstein cheguei a vê-los no Paradise Garage, acho que foi a primeira vez que cá vieram. Tenho profunda admiração.
***Pedro*:** Eu também gosto, e adoro Depeche Mode, apesar de nunca ter visto ao vivo.
***Rute*:** Os Depeche Mode acho que foram a base para muitas bandas góticas e afins, muitas daquelas coisas que passavam na Jukebox, por exemplo. Até nós chegámos a fazer uma *cover* deles, já não é do tempo do Pedro, mas depois acabou por ficar em águas de bacalhau, nunca editámos. Mas tenho lá para casa uma gravação disso.
***Pedro*:** Eu não os tenho acompanhado muito recentemente, mas os Rammstein lançaram um *single* há pouco tempo, não foi?
**Da «Deutschland», certo?**
***Pedro*:** Isso, isso. É uma crítica ao estado e à história do país. Gostei muito. Tenho que ouvir o disco.




## METALLICA
«Halo On Fire»
Do álbum «Hardwired… To Self-Destruct» [2016]
Em *off*, antes da sessão, discutia-se com a Rute e com o Pedro a evolução das bandas em geral, e a forma como muitas delas se vão alterando ao longo do tempo. Pois bem, dentro do espectro do metal, poucas bandas terão tido uma evolução tão discutida e tão polémica como os Metallica. Nesse contexto, vamos ver se um tema do seu último álbum continua a ser tão identificável como seria um dos seus primeiros trabalhos.

**Pedro:** [já depois de entrar a voz] Está-me a lembrar bué uma coisa que não pode ser, porque o vocalista não é…
**Rute:** Mas diz na mesma.
**Pedro:** Está-me a lembrar Incubus.
**Isso não só faz sentido, como é hilariante.**
**Rute:** Eh pá, mas eu conheço isto. Isto é Metallica?!
**É sim senhor!**
**Pedro:** Como assim?! [risos] A voz dele está super diferente!
**Rute:** Eu só percebi quando ele fez aquela cena meio country com a voz, aquele trejeito que ele tem.
**Pedro:** E acharam piada a eu dizer que me lembrava Incubus, foi?
**Foi, porque faz sentido! *It's funny because it's true!* E convenhamos que Metallica a fazer lembrar Incubus não seria algo que esperaríamos aqui há uns anos…**
**Pedro:** Aquela parte acústica, em que o vocalista está mais a flutuar, faz mesmo lembrar! [risos] A voz do James aqui, para mim, não tem nada a ver com o habitual nele.
**Rute:** Estas bandas gigantes fazem-me um bocado de confusão, especialmente quando chegam àquela altura em que parece que já não se podem ver uns aos outros, em que isto é só uma coisa profissional, como um emprego. Acho que eles devem ter saudades de ser mais normais, de poderem sair, estar com a banda, beber uns copos. É a vantagem que as bandas pequeninas têm em relação às bandas grandes.
**E os Metallica do antigamente, foram importantes para ti?**
**Rute:** Bom, se calhar toda a gente me vai matar por eu dizer isto, mas o mais importante foi o «Black Album». Foi nessa altura que eu comecei a ouvir heavy metal, e foi uma grande referência para mim, teve uma grande importância.

## WITHIN TEMPTATION
«Raise Your Banner»
Do álbum «Resist» [2019]
Agora que a sessão já está em ritmo de cruzeiro, vamos lá então para algo mais próximo daquilo que os EnChanTya efectivamente tocam. Já que a Rute mencionou que o Pedro gosta de Within Temptation, façamos-lhe uma gentileza – mas vai ter que estar bem actualizado, porque vamos avançar com um tema do álbum novo, editado há um par de meses apenas.

***Rute*:** É Within Temptation?
***Pedro*:** Não, espera, eu digo-te já. [passam dois ou três segundos] Sim, é Within Temptation. Do álbum novo. É a «Raise Your Banner», é das minhas favoritas!
***Rute*:** Estão a ver? Esta é a cena dele.
**Confirma-se!**
***Pedro*:** Gostei muito do álbum, e esta música está muito boa, muito boa mesmo.
***Rute*:** Tem sido giro acompanhar a voz dela. Ela começou por registos muito agudos…
***Pedro*:** Mas olha que ela vai aos agudos aqui também.
***Rute*:** Sim, mais no fim do tema. Mas ela nos últimos anos tem explorado registos mais médios e graves. Também tem a ver com o amadurecimento das cordas vocais. As cordas vocais envelhecem connosco, e passamos normalmente a ter um registo mais grave. Estou-me a lembrar do Jon Bon Jovi, por exemplo, ele já não consegue fazer os falsetes que fazia. Nos homens perde-se muito os agudos. O último álbum da Tarja também é um bom exemplo, ela também tem explorado agora esse tipo de registo mais grave.
***Pedro*:** Também tem a ver com o acompanhamento que se faz da voz. Se vocês ouvirem o «The Dance» agora, o EP de 1998, da fase "esganiçada" dela, a voz está super esquisita. E eu gosto, a música é muito fixe, mas não gosto da *performance* vocal.




## DRACONIAN
«Stellar Tombs»
Do álbum «Sovran» [2015]
Continuemos na onda de fortes vozes femininas, mas avançando um bocadinho mais pelo território de peso, indo até ao doom dos Draconian. Banda com forte seguimento em Portugal, tem-nos visitado regularmente nos últimos anos. Será que a Rute e o Pedro são fãs?

***Pedro*:** [tocamos a versão do video-clip] Olha, isto é vento.
**O Pedro já adivinhou. Isto é, de facto, vento.**
***Pedro*:** E agora um elevador. Não, é o pisca do carro.
**Certíssimo outra vez! Só falta a banda, agora quando começar a música.**
***Rute*:** [entra a voz da Heike] Eu sei, eu sei… é Draconian! Vieram cá há pouco tempo e tudo.
**É verdade, ao Under The Doom.**
***Rute*:** A moça até tinha a voz muito baixa nesse concerto, coitada. Ao princípio não se ouvia nada, só depois quando o som melhorou é que se começou a ouvir. É uma boa banda, gosto muito. Nunca vos aconteceu gostarem de uma banda, e depois quando a vêem ao vivo pela primeira vez, a imagem que temos deles é totalmente diferente do que eles são na realidade? Com estes aconteceu-me um bocado isso. Eu cantei com os Desire nessa edição do Under The Doom e andei pelo *backstage* com estas pessoas, e realmente são muito diferentes do que eu imaginava, tinha uma imagem muito mais *bad ass* deles, confesso!
***Pedro*:** Que fique registado, a Rute Fevereiro é preconceituosa! [risos] Que mania do *bad ass*!
***Rute*:** Olha que vais a pé para casa! [risos] Mas a sério, muita gente imagina que a malta do doom é toda muito séria e muito fechada, e estes são pessoal cinco estrelas, boa onda, são muito porreiros mesmo. Se calhar também há gente que acha isso dos EnChanTya, que somos muito góticos e muito sérios e isso tudo. Se eles os vissem nos ensaios em roupa interior… [risos]

## ANNEKE VAN GIERSBERGEN
«Feel Alive»
Do álbum «Everything Is Changing» [2012]
Como o nome do álbum diz, tudo está a mudar, sempre, mas se há algo que nunca muda, é o nosso amor incondicional pela Anneke. A vocalista holandesa, desde os seus primórdios adolescentes com os The Gathering, até à carreira sólida que montou desde então, recolhe unanimidade absoluta na nossa redacção, unanimidade que esperamos que se estenda à Rute e ao Pedro.

***Rute*:** Conheço isto perfeitamente, é a Anneke!
***Pedro*:** É a banda nova dela?
***Rute*:** Não, é o álbum que ela gravou com o Daniel Cardoso. É um álbum a solo. O vídeo-clip é lindíssimo, de uma grande simplicidade, adoro. Ela parece ser super simpática, também.
**Das interacções que já tivemos com ela, sim, dá a sensação de ser a pessoa mais fixe do mundo.**
***Rute*:** Ela é magnética. Tem toda uma beleza que não é só física, é o conjunto de tudo. A energia dela é mesmo interessante.
***Pedro*:** Ela é incrível, de facto.
***Rute*:** E parece que os anos não passam por ela! Anda a beber da fonte da juventude! L

# PRAZERES ASSUMIDOS

Não é o estilo mais popular e até é olhado de lado pela comunidade "mais respeitada e erudita" do Metal, mas o sleaze rock é no fundo um *guilty pleasure* de muitos. No caso dos AFFÄIRE, é um prazer assumido, e também uma luta diária que os levou até este segundo álbum numa editora com sede nos Estados Unidos. O vocalista Miguel, ou Dizzy Dice Mike, falou-nos dessas conquistas.

EMANUEL FERREIRA

**«Less Ain't More», porquê este título?**
É uma sátira a uma frase popular da música inglesa. A um dado momento, surgiu a frase "*less is more*", que é um contra-senso, não existe. Como isso marcou a década de 90, com a qual não nos identificamos muito, surgiu então a ideia de pegar nesta frase como uma forma de tributo a esses músicos e bandas que durante essa época lutaram para manter a chama daquele que é o verdadeiro rock'n'roll. Falamos também disso na letra de «Unsung Heroes».

**Já são quase duas gerações de bons músicos que desaparecem um pouco por estarem no hard rock, um estilo que hoje não é *cool*.**
A forma como se faz hoje o rock ou até o metal é diferente do que se fazia há vinte ou 30 anos atrás. A abordagem que os músicos fazem aos seus instrumentos, em particular às guitarras, mudou de uma forma drástica. Na minha opinião, não para melhor. Se recuares até à década de 90, o próprio rock que se fazia, mais soturno e *down* que na década anterior, tinha o som de guitarra alterado e o solo tinha sido posto de parte. Depois disso as guitarras ainda voltaram, mas nunca com a chama e o veneno que tinham nas décadas anteriores. Isto mesmo no metal, tenho mais gozo e pica a ouvir o bom velho thrash da década de 80, do que propriamente cenas recentes que apareçam hoje. A abordagem é menos rebelde e efusiva, tem menos chama. Tenho pena disso, não digo que se tenham perdido bons músicos, mas estão escondidos.

**Falas na rebeldia, e tens ainda um certo conservadorismo e até censura no rock de hoje.**
É um bocado dúbio, se pensares que andas em Lisboa, Londres ou Nova Iorque, e vês os estilos todos misturados, tatuagens, cabelos coloridos, em que se gosta de muita coisa diferente. Porém, quando juntas um determinado estilo mais *old school* ou segues um movimento mais antigo, logo vêm dizer que não é *cool*, ou é azeite. Este termo do azeite, é um termo que veio à baila nos últimos anos e que as pessoas usam mal. Há coisas que serão mais *cheesy*,

mais azeiteiras, mas não propriamente o que as pessoas designam como tal.

**Até porque hoje, algum desse aparente factor *cheesy*, vem carregado de ironia. Estou a recordar-me do sucesso de uns The Darkness, por exemplo.**
E de um trabalho de produção propositado para soar dessa forma. Lembro-me de ouvir aquilo, e pensar como um riff *cool* de hard rock dava um refrão tão mau. Dava a sensação que aquele falsete de voz era propositado e pensado pela produção para transformar o tema num êxito ao estragar aquilo tudo.

**Essa opinião do *cheesy*, ou azeite, também contribui para que promotores apostem menos nas bandas de hard rock nos bares. É mais *cool* teres uma banda pop, ou de black, death…**
Isso é uma realidade, mas há coisas que me deixam a pensar duas vezes. Tivemos uma actuação no Metalpoint, para nós um *spot* de excelência porque fomos muito bem recebidos lá. Fizemos um concerto no final do ano passado e o público que lá estava não era o nosso, mas do espaço, e gostaram muito de nós. No fim vieram falar connosco, compraram discos, era pessoal do black metal e não tiveram problemas em dizer que não era a onda deles, mas que o concerto tinha sido do caraças e gostaram. Um dos que nos veio dizer isto era músico de uma conhecida banda de grind. Para nós é gratificante ouvir isto. Quando as pessoas ouvem um produto que tinham posto em causa, e depois descobrem que não é bem assim. Há um ambiente de desconhecimento em relação a este tipo de som, em particular do produto nacional. Pode haver muito preconceito, mas com base no desconhecimento.

**Essa data que referes veio a seguir às datas de Madrid e Toledo, e agora preparam-se para voltar à estrada em finais de Junho.**
Foram dois concertos muito interessantes, sobretudo o de Madrid, com Erotic Psycho e Sexplotion, numa excelente sala. Correram bastante bem, com boas casas, pessoas que reagem bem ao rock clássico e hard rock. Estamos a pensar voltar lá no final do ano, para já iremos ter os Sexplotion como convidados aqui em Portugal, para algumas datas. A *tour* começa em Maio em Leiria, depois é Braga, Porto, Corroios, Olhão e mais datas que vamos apresentar.

**E a digressão europeia? Já falaste em Espanha.**
A digressão europeia é uma coisa bastante possível, uma questão de acertar agulhas, fazer planeamento. Alguns custos do nosso lado. Temos contactos em Inglaterra e na Bélgica, inclusive já nos pediram para lá tocar.

**Mas o vosso mercado com mais potencial situa-se mais a norte.**
Sim, Noruega, Finlândia, Suécia e Alemanha, é um mercado até mais apetecível que o americano. Nos Estados Unidos o hard rock é algo meio underground; para te dar o exemplo, os L.A. Guns, uma referência para todos nós, tocam em bares e pequenos clubes. Grupos que antigamente fariam concertos para 15.000 pessoas agora tocam para dezenas. Tiveste agora uma excepção com os Mötley Crüe, que graças ao «The Dirt» na Netflix, editaram uma colectânea e foram ter aos primeiros lugares da Billboard, algo que já não acontecia com eles desde 1991.

*"Há um ambiente de desconhecimento em relação a este tipo de som, em particular do produto nacional."*

**E aqui é fácil fazer a estrada com uma banda de hard rock?**
O *booking* nem sempre é fácil de se fazer. Por questões de agendamento, nem sempre há um acordo fácil. Mas consegue-se marcar um bom número de datas para promover o disco.

**Disco que é editado globalmente pela Perris Records. A par da Frontiers, uma das mais fortes a nível global, na área.**
Sim, ambas com *roster* muito semelhante. A Frontiers tem os Whitesnake, a Perris tem os Helix, por exemplo. A Perris tem nomes lendários, que se calhar hoje não têm tanta força. É uma editora com 25/30 anos de actividade que nos ofereceu boas condições para decidir por ela. Tivemos outras propostas, cerca de uma dezena de editoras, incluindo outras dos Estados Unidos e uma italiana, e no fim optamos pela Perris.

**Como vai funcionar isso a nível mundial?**
Eles vão fazer apresentação no mercado asiático, que tem muita tradição no hard rock, cobrem o território europeu, parte do norte-americano. Só não tenho certeza no que toca à América Latina. Além disso chegam a muitas revistas e rádios. Posso dizer que já tivemos de gravar cerca de uma centena de IDs para rádios, de forma a poderem usar quando os nossos temas passassem.

**O primeiro vídeo promocional parte de uma ideia tão estranha quanto divertida.**
É uma ideia do JP, nosso baterista. Ele é o fã dos jogos e aquilo é um jogo produzido por um português, que na altura acho que era ilegal e com conteúdos um pouco explícitos. Foi ele que escreveu a letra e o tema. Sugeriu fazer um *clip* animado que mostrasse o jogo de computador na altura. Achámos todos piada, embora com a noção que lá fora poderia não resultar. Quando apresentamos o vídeo fora de Portugal, temos o cuidado de explicar a origem do jogo e que o grafismo corresponde ao jogo na época.

**Há pouco referias o filme «The Dirt», tivemos também o sucesso de «Bohemian Rhapsody». Vai ser o cinema a colocar o rock de novo na moda?**
Todos tivemos noção do sucesso do filme dos Queen, embora nunca tenham saído da ribalta. A biografia dos Mötley Crüe pode ter servido de catapulta. Se pegar a moda de produção de filmes biográficos, podem vir filmes sobre os Guns N' Roses, Iron Maiden. Há todo um conjunto de nomes que podem dar um filme, pela história de vida, pela vivência que criaram, o lugar que deixaram.

**Vês o cinema a vender o rock, como já se vendem as *t-shirts*, então?**
O grafismo dos logotipos das bandas de rock bate na vista e as lojas fizeram um aproveitamento. Já estamos fartos de ouvir brincadeiras sobre os Ramones que as miúdas nem sabem que eram uma banda. Quando era miúdo via-me à rasca para arranjar uma *t-shirt* assim. A primeira que tive era dos Def Leppard, do «Pyromania», na altura começou a aparecer por cá, de forma envergonhada. Nunca pensei que 25 anos mais tarde aparecessem cadeias de lojas a vender isso ao desbarato!

ESPECIAL LUSOFONIA

# CINCO PARA A MEIA-NOITE

Apesar de terem continuado activos em palcos um pouco por todo o país (e não só), os MIDNIGHT PRIEST já estavam há cinco anos para nos oferecerem o sucessor de «Midnight Steel», que aparece agora finalmente sob a forma de «Aggressive Hauntings». Numa conversa honesta e divertida, os fundadores Iron Fist e War Tank (guitarra e bateria, respectivamente) e o novo baixista Speedfaias Axecrazy falaram-nos deste longo período de intervalo, e não só.

JOSÉ CARLOS SANTOS

MIGUEL CARRAPIÇO

**Tiremos já isso do caminho – o que é que demorou tanto tempo, neste disco?**
*War Tank*: Nós dizemos a verdade, não precisamos de merdas. A grande razão para este disco ter demorado tanto a sair, é que nós já tínhamos outro disco pronto. Tínhamos muitas músicas feitas. Mas achámos que não ia ser nada de novo, não era um álbum que nos convencesse. As músicas pareciam iguais, parecia "chapa cinco". Então, o que aconteceu é que, já numa fase de pré-produção, chegámos definitivamente a essa conclusão, principalmente o Iron Fist, que é ele quem faz a maior parte da música – o Tiago Steelbringer também tem duas neste álbum –, que aquilo não satisfazia os nossos padrões, e começámos novamente. Essencialmente, foi isso. Depois também houve outras coisas, problemas de estúdio, como acontece com muitas bandas…
*Iron Fist*: Falta de dinheiro!

**Recomeçaram mesmo do zero, quando tomaram essa decisão?**
*War Tank*: Sim, tanto as músicas como a própria direcção do que queríamos fazer. Se fossemos uma banda com quinze álbuns, dava para lançar aquele e depois este a seguir. Mas sem ter tanta obra feita, e depois de tanto tempo à espera já, para a "montanha parir um rato", não valia a pena.
*Iron Fist*: Deitámos para aí cinco ou seis músicas fora, se calhar mais. Mesmo as letras, não estavam ao nível do que nós queríamos. O próprio conceito do álbum não tinha nada de definido. Não parecia ser algo que fosse uma lufada de ar fresco. Nós queríamos fazer algo na onda dos nossos primeiros lançamentos, e estávamos a deixar-nos levar por aquele novo estilo de heavy metal que se está a fazer, aquele revivalismo todo. Embora o nosso som não seja nada de novo, também não queremos embarcar nessa onda do revivalismo.

**Foi corajoso, no mínimo. Sentem agora que valeu a pena, com o «Aggressive Hauntings» na mão?**
*War Tank*: Sim, se calhar fizemos o mais difícil. Quando lançámos o álbum anterior, que até foi o primeiro com o Lex Thunder, ele tinha acabado de chegar e muito fez ele, na verdade. Agora nota-se que está a cantar muito melhor, mas mesmo assim, aquela direcção teria sido um caminho muito mais fácil. O vídeo da «Hellbreaker» tem mais de duzentas

18+

# WHAT IS AVAXHOME?

# AVAXHOME-

the biggest Internet portal, providing you various content: brand new books, trending movies, fresh magazines, hot games, recent software, latest music releases.

Unlimited satisfaction one low price
Cheap constant access to piping hot media
Protect your downloadings from Big brother
Safer, than torrent-trackers

18 years of seamless operation and our users' satisfaction

All languages
Brand new content
One site

# AVXLIVE.ICU

AvaxHome - Your End Place

We have everything for all of your needs. Just open https://avxlive.icu

*"A malta pensa que o heavy metal é quadrado, mas não é, há muitas abordagens possíveis. Só é quadrado se se quiser." – War Tank*

mil visualizações neste momento, é algo considerável para uma banda portuguesa.
*Iron Fist*: Sim, foi o que saiu na altura, também.
*War Tank*: Fizemos isso, foi porreiro, mas não vale a pena estar a chupar a mesma teta para sempre. [risos] Senão fazíamos um álbum com dez «Hellbreaker»s e... éramos uma banda do norte da Europa. [risos]
*Iron Fist*: Era precisamente o que não queríamos fazer. Seguir aquela linha do *new traditional heavy metal*.
*War Tank*: Steelwing, e todas essas bandas limpinhas e iguais.
*Iron Fist*: Até porque as nossas aspirações "comerciais", vá, e artísticas, não passam muito pelo reconhecimento internacional.
*War Tank*: Sim, pelo menos a nível *mainstream*. Mas acho que não corremos esse risco. [risos]

**Mas já tiveram algum reconhecimento internacional, mesmo assim.**
*Iron Fist*: Sim, mas nada de muito extravagante.
*War Tank*: Nunca tivemos grandes pretensões, por isso está-se bem. Prefiro ir tocar ali para 200 marmanjos que nos querem mesmo ver, do que gastar tempo e dinheiro e tocar às três da tarde num festival grande onde toda a gente nos ignora. Ainda há coisas que gostávamos de fazer, claro, como ir ao Keep It True, ou ao Up The Hammers, ou outros palcos de heavy metal de que gostamos.

**Falaram do Lex Thunder, que diferenças notam nele, agora que já tem vários anos de banda?**
*Iron Fist*: É uma pergunta difícil... Quer dizer, não é difícil, a resposta é óbvia – ele está muito melhor, muito mais à vontade, mais velho.
*Speedfaias*: Posso dizer que na primeira *tour* que ele fez, eu também estive presente, e desde o primeiro ao último concerto dessa *tour*, já notei uma evolução astronómica, e isto já foi em 2015. Desde aí que tem vindo sempre a subir. Vai-se ganhando muito mais bagagem e vai-se aplicando isso na estrada.
*War Tank*: Também nos ajudou o facto de ele ter a outra banda, os Toxikull, também se fartou de tocar com eles e trabalhou muito bem, tudo isso é benéfico.

**Essa ideia de regressar aos primeiros tempos, esteve sempre presente mesmo durante a composição?**
*Iron Fist*: Sim, sim. Até porque quando o Tiago entrou para a banda, antes de gravarmos o «Midnight Steel», a nossa ideia era fazermos um estilo de heavy metal mais directo, mais à Judas Priest, e não tanto naquela linha do «Midnight Priest». Que sim, tinha alguns detalhes nessa onda, mas queríamos voltar mesmo ao início, ao «Rainha Da Magia Negra», que embora cantemos em inglês agora, é esse *feeling* que queremos ir buscar. O dos primeiros álbuns dos Mercyful Fate, por aí. Mas também não queremos ser uma cópia. A influência e a forma de fazer as músicas é que vai buscar alguns desses marcos, mas é só isso.

**É um equilíbrio complicado, o saber que não se está a fazer nada de novo, mas tentar ter personalidade própria mesmo assim.**
*Iron Fist*: É um bocado. É fácil cair ou no azeite extremo, ou numa obscuridade que ninguém vai perceber.
*War Tank*: Podíamos lançar um álbum de três em três meses, se nos deixássemos ir sem preocupações de ter alguma personalidade própria. Verso/refrão/verso/refrão/solo, revisitar alguns riffs, baralhar e voltar a dar, e é a mesma merda, faz-se um álbum mais ou menos. Agora espremer as músicas ao seu essencial, tentar sacar o fundamental de cada música, como neste álbum em que temos muitas com três minutos e pouco, isso é a parte difícil. Era facílimo deixar durar estes temas cinco ou seis minutos e encher de coisas desnecessárias, mas queríamos ter urgência, queríamos só o essencial.
*Iron Fist*: Ainda tivemos que enfiar lá uma *intro* meio a martelo porque não estávamos ainda na duração estipulada para um álbum, mas foi só isso.

**Falem-nos um pouco do conceito do álbum.**
*Iron Fist*: Não é propriamente um álbum conceptual, mas há um imaginário comum. As primeiras quatro ou cinco músicas em particular vão muito buscar imagens daqueles filmes de *exploitation*, freiras malucas possuídas pelo diabo, coisas assim, de filmes italianos de culto. É só em termos de inspiração, não há uma história como no «Abigail» ou no «Them», ou tudo do King Diamond, basicamente. Mas essa inspiração até fez com que haja uma certa diferença entre as duas metades do álbum, até foi aqui o Faias que identificou bem isso noutro dia. A primeira parte do álbum é mais sufocante, mórbida e opressiva, e depois abre para uma categoria mais luminosa, um heavy metal mais fluído.
*War Tank*: É algo que sempre gostei em Midnight Priest, aliás, a forma como sempre tivemos música muito variada. Temos a «À Boleia Com O Diabo» que é quase speed metal, a «Ferro Em Brasa» que é Judas Priest, a «Rainha Da Magia Negra» que é um grande Running Wild / Maiden... a malta pensa que o heavy metal é quadrado, mas não é, há muitas abordagens possíveis. Só é quadrado se se quiser. Podemos tocar speed metal, *old school*, Motörhead, para nós é tudo heavy metal. A nossa barreira é a escola, só. Ser à antiga, não ter riffs graves, esse tipo de andamentos. Se for *old school*, desde Mötley Crüe até doom, cabe tudo.
*Iron Fist*: Sim, e não andar à procura daquele refrão "especial", daquelas fórmulas que funcionam, que isso é o que toda a gente anda a fazer para tentar furar na cena.
*Speedfaias*: Sim, aqueles refrães que têm palavras-chave que não querem dizer nada, aquelas *catchphrases*.

**O português nas letras, que tanto furor fez aquando do lançamento do vosso primeiro álbum, está descartado para já?**
*Iron Fist*: É sempre motivo de discussão... há os guardiões do álbum em português, e há os que gostam mais desta abordagem. Mas não está descartado. Aliás, nós só começámos a cantar em inglês porque, quando o Eduardo [The Priest] saiu da banda, ele tinha aquele registo em português muito próprio, e nem valia a pena tentar emular aquilo.
*War Tank*: Eu acho que estávamos "condenados" de uma maneira ou de outra. [risos] Se arranjássemos um gajo que tinha uma voz e uma interpretação muito teatrais, mais grave como tinha o Eduardo e um registo parecido com o dele, queixavam-se porque era um imitador. Assim, arranjámos alguém com um estilo diferente e que nos proporcionou outra abordagem, se é para mudar de vocalista, muda-se o registo, mas a malta queixa-se à mesma. Mas por mim, estou-me a cagar para isso. Temos é que continuar a trabalhar e a fazer o que queremos. Sinceramente, acho juvenil esse tipo de ego ferido na nossa pseudo-cena pequenina.

# BLACK BOMBAIM

ESPECIAL LUSOFONIA

# PARAR PARA PENSAR

Escassos dias após regressarem de uma pequena digressão europeia, centrada numa actuação no Roadburn, Paulo Gonçalves e Tojo Rodrigues, respectivamente baterista e baixista de Black Bombaim, sentaram-se com a LOUD! para conversar sobre o presente do grupo, numa altura de muita actividade e muito cansaço, e em que mais um novo disco de colaboração chega ao mercado: «Black Bombaim w/ Luís Fernandes, Jonathan Saldanha e Pedro Augusto».

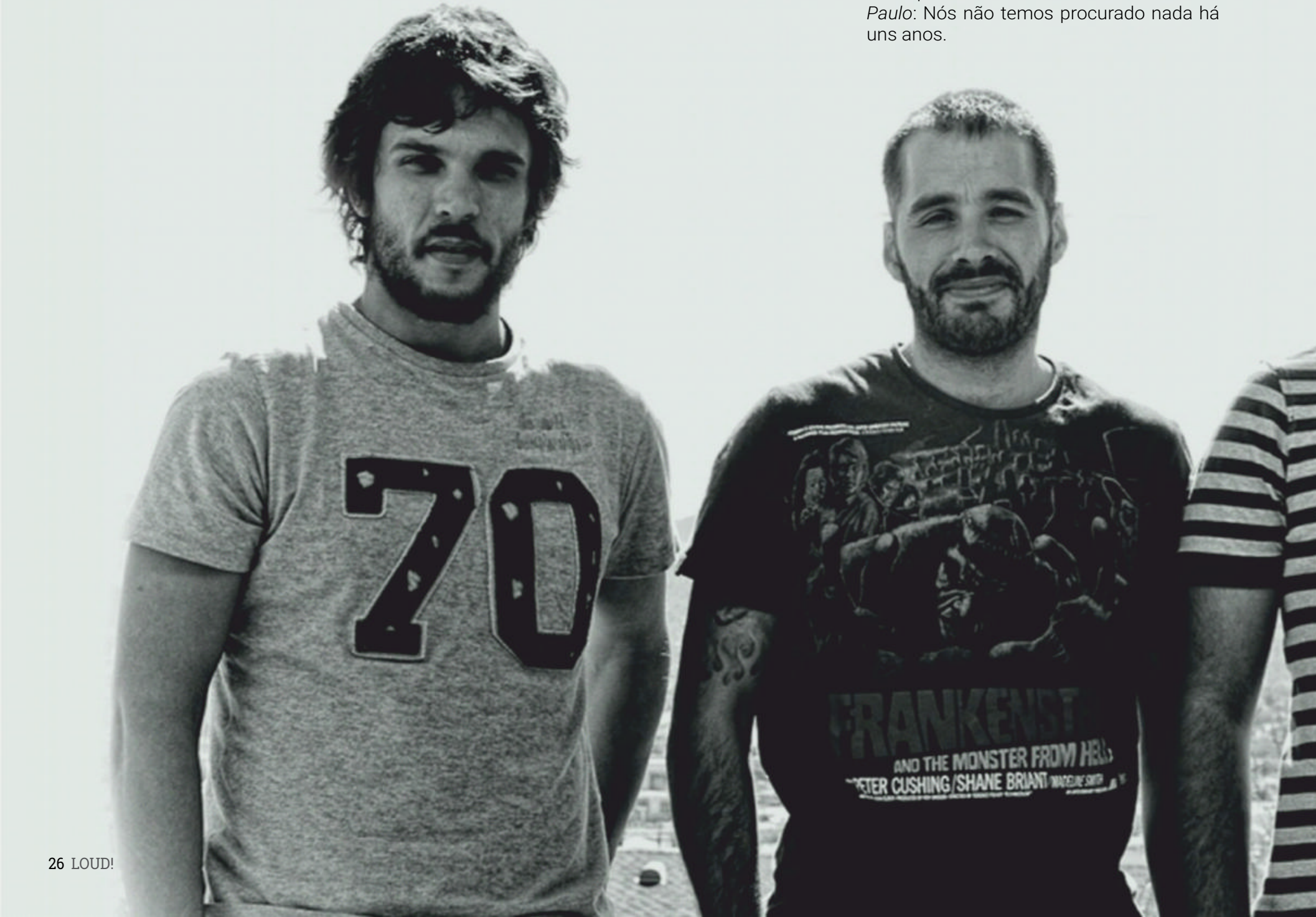
EMANUEL FERREIRA RALPH VEGA

**Entrada a matar, que tal o Roadburn?**
*Tojo*: Foi o melhor.
*Paulo*: O melhor.
*Tojo*: Sempre que tocamos com o Peter Brötzmann é uma experiência à parte e desta vez ele estava particularmente em forma. Foi bem esgalhado este concerto.

**Já pensaram em reproduzir a experiência do outro lado do Atlântico? Afinal já lá fizeram uma digressão…**
*Tojo*: Estados Unidos? Não sei. Ir aos Estados Unidos é muito difícil, mesmo para ele é complicado.

**Mesmo podendo interceptar com um circuito mais ligado ao jazz, eventualmente mais forte que o europeu?**
*Tojo*: Ele queixa-se muito de lá, condições muito fracas. Concertos menos bons. Ou vais um bocadinho e só fazes as costas, ou se tentas fazer tudo é quase impossível. Há os vistos e essas coisas todas. Se vais lá, depois tens de aproveitar, mas são muitos custos. Isto, se os vistos forem aceites. Mas não é local em que ele goste de tocar. Ele anda agora com a Heather Leigh, nunca pára.

**Com vocês tem-se prolongado a parceria.**
*Tojo*: Mesmo assim, o concerto anterior que demos com ele foi há um ano atrás.
*Paulo*: Na Holanda, o Echo Festival em Utrecht.
*Tojo*: É quando a oportunidade calha, mas não vamos estar a saturar isto com concertos. Nesta *tour*, havia propostas para fazer o concerto com o Peter noutros sítios, mas a Roadburn pediu a exclusividade.
*Paulo*: Nós não temos procurado nada há uns anos.



*Tojo*: Este ano tocamos mais por causa do circuito Super Nova que nos propuseram. Já não fazíamos concertos assim, há muito tempo, estávamos apenas a tocar em festivais. Se nos pedissem nós íamos. Temos estado ao *ralenti*.

**O vosso formato também não sugere muitos concertos.**
*Paulo*: Não te vais repetir por aí.
*Tojo*: Este disco que lançámos agora não vai ser apresentado. Não estou a ver isso a acontecer. Ele foi lançado nos dias em que foi gravado.
*Paulo*: Fizemos a apresentação ao público nas residências.

**Uma grande parte dos vossos títulos começa a resultar de *jam sessions*, que acabam gravadas, «Casa Azul» por exemplo.**
*Tojo*: A «Casa Azul» foi, não foi planeado nem nada.
*Paulo*: Calhou ficar registado.

**O vosso gozo vem daquele momento único da *jam*…**
*Paulo*: Às vezes.
*Tojo*: A realidade da vida já não nos permite ensaiar, estar juntos.

**E precisam de ensaiar?**
*Paulo*: Ajuda. Não tenho a segurança de ir ali para o palco inventar muito.
*Tojo*: Tens de tocar músicas. Invento dentro da rede de segurança que de facto tenho, que são as músicas. Já tentámos tocar coisas mais antigas, foi algo atabalhoado e não correu muito bem. Acho que não foi a escolha mais feliz. O «Saturdays» já foi há muito tempo.
*Paulo*: Quando éramos novos, era o que fazíamos.

**E que fazem agora então? Este aqui foi mais o que vos disseram para fazer.**
*Paulo*: Foi feito em cumplicidade. Com o Peter trabalhamos nós e apresentamos a ele, e duas músicas que já existiam.
*Tojo*: Ao vivo estamos a tocar coisas que já existiam.
*Paulo*: Um *best of*. Aquelas que o pessoal mais gosta, e nós também.
*Tojo*: Mas tocar sempre o mesmo também cansa. Como temos tocado o mesmo ultimamente, sente-se mais isso.

**Na minha perspectiva, nunca tocam a mesma música duas vezes.**
*Tojo*: Tim tim por tim tim não! Mas na nossa cabeça sim. Claro que há uns concertos melhores que outros, nós também sentimos isso. Pode parecer ao público que é diferente, mas na nossa cabeça é fixo. Dentro da loucura, é aquilo.

**Tocarem em *slots* fixos, também vos limita. A determinada altura há que parar e abandonar o palco.**
*Paulo*: Umas semanas antes, temos que saber o tempo do concerto.
*Tojo*: E fazemos contas de cabeça, esta música pode ir de quinze a vinte minutos, então vamos tocar esta e aquela vai de cinco a dez. Não esticar muito naquela parte para dar 50 minutos. É uma matemática mental que fazemos antes de subir ao palco. Depois dizemos assim, na primeira não prolongues muito ali, e é assim que nos baseamos.

**Quem rege a orquestra?**
*Paulo*: Acaba por ser um bocado a guitarra.
*Tojo*: A guitarra, se quiser curtir mais um bocado, fica ali o baixo e a bateria a segurar. Dá o aviso e sai. Outras vezes basta olharmos uns para os outros.

**Com o Super Nova, foram buscar material anterior ao Peter.**
*Tojo*: Sim, e é o que ainda tocámos, há material com quase dez anos, ainda do «Saturdays». Metemos uma música com o Brötzmann, o resto é do «Far Out», com cinco anos.

**Sempre como trio, não tem havido colaborações com outros saxofonistas, como no passado.**
*Tojo*: Vamos fazer uma em breve. Nesta *tour*, um promotor belga sugeriu-nos um saxofonista belga. Veio ter com a gente à tarde e nessa noite tocou no papel do Peter Brötzmann.

**E conseguem fazer isso?**
*Tojo*: Para nós é fácil, tocámos basicamente o mesmo, ele é que tem de se adaptar. Tem de ter um estilo que vá de encontro ao que fazemos. Não vá para lá tocar música de elevador, não é? Esse gajo era fixe. Falámos um bocadinho antes e depois é ver se clica ou não. No caso dele, clicou.

**Balanço feito, são já vários anos sem composições novas. Coisas novas?**
*Tojo*: Sei lá, para o final do ano.
*Paulo*: A vida de cada um está mais complicada, agora para a frente é mais difícil.
*Tojo*: Este período de início de ano, foi supercansativo, sempre a tocar. Praticamente todos os fins-de-semana. Só falando do primeiro trimestre, é o ano mais activo dos últimos três ou quatro. Como diz o Paulo, nós não procuramos nada, mesmo assim o ano passado fomos tocar ao Primavera e ao Boom.

**E porque não procurar nada, todo este relaxar?**
*Tojo*: São muitos anos a tocar. E quando não estás a fazer coisas novas, precisas de perceber o que vais fazer a seguir.
*Paulo*: Parar para pensar.
*Tojo*: Já no outro dia falávamos disso, não vais fazer um disco igual a outro que já tinhas feito. Eu não me vejo como Motörhead, parece que cagavam um disco e está tudo pronto. Não somos assim.

**Então como são os Black Bombaim?**
*Paulo*: Temos trabalhado muito com o que vem de fora, as colaborações. A nossa identidade mudou um bocadinho com isso. Acomodamo-nos a receber o que vem do exterior.
*Tojo*: É uma metamorfose.

**Se vamos falar do "que vem de fora", que *input* vos falta? Já foram ao jazz, à colaboração com produtores…**
*Tojo*: Acho que o que falta agora é o nosso, só os três.
*Paulo*: É normal ouvir as pessoas dizerem que temos discos com colaborações e não temos discos nossos. É o que estamos a fazer neste momento, mas para isso é preciso parar um bocado. Toda a gente mudou, as *tours* já não são fáceis de fazer, muito cansaço.
*Tojo*: As bandas não têm que fazer discos de dois em dois anos, ou de ano a ano. Às vezes demoram cinco ou mais.
*Paulo*: Sem querermos fazer nada já fizemos uns sete ou oito discos, uma quantidade razoável.
*Tojo*: Se calhar, originais, quatro para aí… três? Ninguém vive disto, não é preciso estar a moer para sair alguma coisa. Não há urgência e não queremos entrar na monotonia e na pressão de ter de fazer. O que sair é porque queremos mesmo que saia e tenha algum sentido. Tem a ver com a nossa criatividade.
*Paulo*: Temos de estar bem para fazer qualquer coisa. Temos de gostar do que saiu.
*Tojo*: Mas não duvides que se estivermos um mês a ensaiar, sacamos umas músicas e editamos um disco. Agora ensaiámos oito vezes, que foram os concertos que tivemos em dez dias.

*"As bandas não têm que fazer discos de dois em dois anos, ou de ano a ano. Às vezes demoram cinco ou mais."*

# EQUALEFT

**ESPECIAL LUSOFONIA**

Os EQUALEFT afirmam-se ao seu segundo longa-duração, «We Defy», foi um dos discos nacionais mais esperados nos últimos anos. Fomos conversar com o carismático Miguel Inglês, vocalista e fundador do quinteto, para perceber a quem se destina o desafio.

EMANUEL FERREIRA JOÃO FITAS

# GRANDES DESAFIOS

**Cinco anos, desde o primeiro disco, é muito tempo.**
Para variar tivemos mudanças de formação, o normal em grupos de underground, em especial nacionais. Por outro lado nunca parámos de tocar, foi uma das razões porque demorámos a gravar. Entre nós, achamos que foi bom ter acontecido, pois deixámos as músicas crescer e algumas até se puderam experimentar ao vivo para ganhar alguma densidade. No final, é bom ter o disco na mão e olhar para as músicas e gostar delas.

**Tocaram bastante e até fizeram grandes primeiras partes, mas sentia-se a falta de um disco a seguir a concertos como o de Sepultura ou Gojira.**
As oportunidades foram aparecendo, as músicas estavam prontas e sentimos que faltava gravar, mas as mudanças iam sucedendo-se. A partir do momento em que o Marco entrou para a bateria, o trabalho tornou-se mais rápido e chegamos ao disco de hoje.

**Um disco que usa uma faixa como título, «We Defy», mas para lá disso deverás ter uma razão na escolha.**
«We Defy», porque ao longo dos anos foi sendo a nossa imagem. No anterior, «Adapt & Survive», falava de nós, enquanto sobreviventes num meio. Este vai mais longe e pretende estabelecer um desafio a nós próprios, porque neste período desafiamo-nos um pouco enquanto músicos e pessoas. Toda a gente tem a sua vida profissional e familiar, equilibrar tudo é um desafio grande pois ninguém faz da música a sua actividade principal. É um desafio grande porque levamos isto a sério e conseguimos ter o máximo de qualidade de som, das músicas, e com isto dar os nossos espectáculos.

**Face ao vosso percurso, esperava-se que este lançamento já viesse acompanhado de um contrato no exterior, algo do género.**
Compreendo o que dizes, e não vou dizer que não gostava de ter isso, até podia dizer que seria falta de ambição da banda não pensar assim. O que quisemos foi ter os pés assentes na terra e dar um passo de cada vez, e ao mesmo tempo desafiar um pouco mais. Conseguir chegar lá fora e ter maior visibilidade, que é aquilo que aos poucos estamos a conseguir. O que as pessoas pensavam que este álbum ia soar, não é bem o que estão a escutar, e são surpreendidas.

**Com um intervalo de cinco anos, as várias alterações e a experiência que adquiriram em grandes concertos, evoluir seria o óbvio, não?**
Sim. Sou o único membro da formação original, sempre tivemos liberdade de criatividade, foram entrando e saindo pessoas, e fomos sempre evoluindo, o que nem sempre é fácil. Quando saem dois ou três elementos, depois é difícil continuar. Neste caso consegui, porque os novos elementos foram dando essa força para que não se fizessem as mesmas músicas. Apesar de não tocarmos tanto como uma banda internacional, é maçador estar sempre a tocar a mesma coisa, ou tocar três ou quatro músicas do mesmo género. Acho que fomos sempre assim, insatisfeitos, com o desejo de tocar sempre algo diferente, e do primeiro disco para este, a diferença é brutal. Ao mesmo tempo também tentámos caminhos diferentes e creio que neste disco conseguimos colocar todas as nossas influências e acrescentar o toque dos Equaleft.

**Podíamos falar muito sobre esse toque de Equaleft, logo a começar pela sala esgotada na apresentação.**
Já esperava uma casa composta, não esperava era esgotar tão rápido numa sexta-feira, sempre difícil aqui no Porto. Tentámos arranjar bandas de abertura diferentes, é assim que gostamos. Quisemos mostrar o nosso novo álbum e ao mesmo tempo levar grupos de sons diferentes para que as pessoas que apenas escutam o som no nosso estilo pudessem conhecer outras coisas que se fazem aqui em Portugal.

*"Se é para sair de casa, mesmo que seja para tocar na porta ao lado, e o vamos fazer com cara de frete, então é melhor não ir."*

**Sempre estiveste muito presente no underground, em particular no portuense, arriscava mais de duas décadas. És a pessoa certa para falar disso e recomendar nomes. Há boas coisas novas, não?**
Tens Gaerea com um black metal diferente do que se fazia. Tens uns Dallian, Moonshade, Analepsy. Nomes com um potencial enorme. Há outros grupos que tenho escutado agora, os Pledge, os Fere de que gosto imenso e tenho tentado divulgar ao máximo. Quando há qualidade deve-se tentar passar ao amigo do lado, mostrar às pessoas. Hoje em dia o que não falta são bandas que têm qualidade e oferta.

**Com o primeiro disco atingiram um conjunto de metas, principalmente a presença em cartazes de festivais, que agora vai ser complicado superar, tão longe que foram nessa altura.**
Pois, agora há que tentar manter. Estamos a ter convites e queremos ver se conseguimos fazer algo fora de Portugal, o que não é fácil, devido à nossa vida profissional. Cá, temos de manter pelo menos o que já conseguimos, além de divulgar o álbum. Não queremos editar e depois não aparecer a tocar.

**Não escasseiam as salas à vossa dimensão, cá por Portugal?**
No outro dia marcámos um concerto num local onde nos sentimos em casa, mas por outro lado já lá não tocávamos há quatro anos. Falo do Metalpoint. Foi-nos feito o desafio se queríamos ser cabeças-de-cartaz num festival beneficente para uma associação ligada aos animais. Já não tocávamos no Porto desde o lançamento do disco, que foi um concerto específico e porque não tocar no sítio que nos fez crescer e em que antes tocávamos quase todos os meses. Nós também gostamos de tocar em sítios pequenos, até porque permite concertos mais intimistas. Por exemplo, o Kraken. Já fomos tocar lá, e foi um caos, que me fez recordar os primeiros tempos em que ia a concertos. Até esta entrevista sair, vamos lá passar de novo e tentar repetir a experiência.

**Referes a palavra caos, mas os vossos concertos nunca foram muito sossegados.**
Também faz parte. Temos um problema, se é para sair de casa, mesmo que seja para tocar na porta ao lado, e o vamos fazer com cara de frete, então é melhor não ir. Os músicos têm um privilégio, tenham milhares de pessoas, ou apenas uma dezena, à sua frente, elas estão lá para lhes dar atenção, ouvirem a sua música e divertirem-se. Vou a muitos concertos enquanto público e muitas vezes fico frustrado com grupos que têm o público à sua frente e isso parece que não lhes chega. Depois isso transmite-se para as pessoas que também ficam desiludidas. Outras vezes assistes a bandas veteranas que dão tudo em palco e isso dá-te energia e vais passar a palavra aos amigos. Já nos aconteceu com pessoal que não tem nada a ver com o nosso género musical e que acaba a gostar de nós.

**Sempre me intrigou que vocês, muitas vezes, atraem um público mais clássico, do thrash por exemplo, que é diferente do estilo que praticam, ao mesmo tempo que o público de outros estilos, porventura mais próximos do vosso *groove*, não aparece tanto. Porquê?**
Acho que ainda estão a apalpar terreno. O pessoal do clássico pode achar-nos demasiado modernos, e o pessoal mais novo achar-nos demasiado clássicos. Com o novo disco temos uma geração mais nova a vir ter com o grupo a dizer que não conheciam o som e pensavam que éramos "demasiado metal" para eles. Depende das mentalidades. Tem de haver uma mudança, o nosso underground tem de aprender a não fechar as portas, a abrir um bocado as palas. Só é benéfico para toda a gente, podiam experimentar algumas coisas, ouvir um pouquinho mais de tudo. É por isso que gosto de ir a Barroselas, tocámos três vezes lá, mas não creio que Equaleft seja banda específica para o festival. O público se calhar não é o nosso, mas sempre correram bem os concertos lá. Se calhar o público de lá não tem aquele preconceito.

# BARONESS

## REINVENÇÃO CROMÁTICA

O quinto álbum dos BARONESS, a banda de Savannah, no estado norte-americano da Georgia, que se tornou no decurso desta década numa das mais populares e admiradas de todo o espectro internacional da música pesada, será editado no próximo dia 14 de Junho. É mais uma obra ambiciosa, que nos apresenta quase uma hora de música desafiadora, de uma banda que não consegue, nem quer, estar "quieta" artisticamente. Nos quatro anos que passaram desde «Purple», mais mudanças de formação, inúmeros concertos (alguns acústicos, como o último em Lisboa), peripécias e aventuras, e muita criatividade a transbordar para o que agora se materializa em «Gold & Grey». A única constante (para já) é mesmo a temática das cores, que como o vocalista/guitarrista e líder do quarteto, John Baizley, nos explicou, por entre preciosas reflexões artísticas e pessoais, pode não ser mais que uma maneira mais complicada de dizer cor-de-laranja.

JOSÉ CARLOS SANTOS  PAM STROHM E DANA DISTORTION

**Dezassete novos temas, mais uma hora de música nova, até é difícil de saber por onde começar. E tu, por onde começaste? Lembras-te qual foi o momento em que efectivamente mudaste as agulhas e entraste em modo "álbum novo"?**
Acho que seria alguma presunção da minha parte dizer que sequer sei quando é que começámos "oficialmente" a trabalhar neste álbum, face a tudo o que vivemos nestes últimos anos. Acho que não existiu esse momento, sinceramente. Infelizmente, mas também felizmente, tivemos que enfrentar mais uma vez mudanças de formação entre álbuns, fazendo do «Gold & Grey» mais um álbum cujo *line-up* é diferente do anterior… o que é uma descrição válida para todos os nossos álbuns até agora. [risos] No meio disto tudo, tivemos a grande sorte de conhecer a Gina Gleason, a nossa "nova" guitarrista – que apesar de tudo já está connosco há mais de dois anos, por isso já não é propriamente nova –, pouco tempo depois de o Pete [Adams] ter decidido deixar a banda. Devo fazer aqui uma nota para dizer que a forma como o Pete saiu dos Baroness foi de tal forma respeitosa e mostrou tamanha consideração para connosco, que sem ele toda esta história também não seria possível. Ele fez questão de, mesmo depois de já ter tomado a decisão, cumprir com todas as obrigações que tínhamos em agenda ainda, em termos de concertos, o que ainda foram vários meses. Quando estávamos já quase na recta final dessas datas – a última foi o concerto no Roadburn –, eu ainda não estava sequer conscientemente à procura de um guitarrista, e conheci a Gina por acaso – ela mora na mesma cidade que eu e calhou comprar um dos pedais de *fuzz* que eu faço. Acabei por convidá-la para fazer umas *jams* comigo, porque ali na minha área há literalmente zero guitarristas a viverem perto de mim, e portanto tive curiosidade. Tornou-se óbvio nos primeiros dez minutos, ou se calhar até mesmo nos primeiros dez segundos, que tínhamos uma química musical extraordinária. Isto não é algo que aconteça muitas vezes, e também não é algo que se possa forçar, portanto para mim foi incrível. Não sei bem se para ela foi exactamente assim também, mas a verdade é que aquela ligação musical foi tão fácil e tão instantânea que continuámos a tocar juntos só pela piada. A certa altura ela disse-me que gostava de aprender mais uns temas dos Baroness, e foi aí que percebi que, ainda antes de o Pete ter saído definitivamente, já tinha encontrado o seu sucessor. Quando ele de facto deixou a banda, já estávamos praticamente prontos para continuar a tocar, o que é incrível.

**Ou seja, apesar desse *click* quase instantâneo, ainda achaste melhor ter uma espécie de período de adaptação da nova formação em vez de mergulhar directamente na composição?**

Gostamos sempre de começar uma fase de formação nova com muitos concertos. Dá aos músicos que entram uma forma muito melhor de nos conhecerem como pessoas e como banda. As coisas em palco são muito diferentes do que nos ensaios ou até no estúdio. Já passei por isto várias vezes, e reconheci que a Gina é um pouco mais nova que eu, não esteve em muitas bandas no passado, e portanto as expectativas que poderia ter seriam provavelmente diferentes da nossa realidade. Aprendemos muita música rapidamente, ela é fantástica nesse aspecto e isso não foi problema, mas sentei-me com ela e expliquei-lhe que não é fácil tocar os temas ao vivo, que é uma intensidade totalmente diferente do ensaio, a energia é outra, por aí fora. Fomos então para a estrada, demos uma data de concertos tanto nos Estados Unidos como na Europa, e quando terminámos essa última digressão europeia, aí sim senti que era altura de fazermos qualquer coisa nova. O ciclo do «Purple» parecia terminado, e pareceu perfeitamente natural seguir caminho, em termos discográficos.

**Já tinhas algum material "no baú" por onde pegar, ou foi mesmo página branca?**
Já tínhamos alguns inícios de canções e alguns esboços, mas não mais que isso. O meu método de "começar" a escrever um disco é sempre o mesmo – sento-me com o resto do pessoal da banda, e analiso o disco anterior com eles. Neste caso, disse-lhes: aqui está o nosso último álbum, o «Purple», estas são as principais forças que esse álbum teve, tudo aquilo que fizemos bem, de forma efectiva, e que resultou, e portanto vamos ignorar isso tudo e fazer tudo diferente agora. [risos]

**Não é um método convencional, pelo menos. [risos]**
O «Purple», para mim, foi um disco focado, directo, com temas curtos, muitos momentos dramáticos, com canções de satisfação imediata muitas vezes, e acho que não precisávamos de fazer mais um disco com essas características. Se por acaso escrevessemos alguns temas assim, tudo bem, mas não tinha que ser esse o foco. Queria que nos pudessemos aventurar em temas mais longos, com uma maior presença acústica também, que acho que não foi suficiente no «Purple», e que também déssemos mais uso aos instrumentos que já usamos "fora do palco", digamos assim. Sempre tivemos pianos e sintetizadores e percussão auxiliar nos álbuns, mas achei que era importante usar essas coisas desta vez de forma crítica nas canções, e não apenas como adições pontuais. Para além disso, tendo o Nick [Jost, baixista e teclista] e o Sebastian [Thomson, baterista] já gravado um álbum connosco, uma experiência que eles não tinham quando fizemos o «Purple», achei que era altura de eles serem mais verdadeiros em relação à sua identidade. No «Purple», o objectivo deles era não estragarem a banda, basicamente. [risos] Esse disco era a prova de que não tínhamos morrido, e eles fizeram a menor quantidade possível de "ondas", para não perturbar o equilíbrio que tínhamos conseguido reencontrar. Mas agora já não temos que nos preocupar com isso. Portanto o Seb começou a pensar mais na música em termos globais, a arranjar ritmos novos, e o Nick começou a ter liberdade para expôr a sua criatividade e não apenas seguir as nossas guitarras.

*"Conheci a Gina Gleason por acaso, e tornou-se óbvio nos primeiros dez minutos que tínhamos uma química musical extraordinária."*

**Por causa dessa mentalidade, chegaste a descartar material só por ser parecido com algo do «Purple»?**
Sim, muitas vezes descartámos ideias que pareciam familiares e que pareciam próximas dos álbuns anteriores, porque queríamos mesmo fazer algo diferente. Começá-

mos só com aquela meia dúzia de esboços de que falámos há pouco, mas todos eles tinham qualquer coisa de estranho. Esta mentalidade ficou-nos enraízada de tal modo que chegámos a um ponto em que era óbvio que, se uma ideia que estávamos a desenvolver era mais normal, em termos de estrutura do tema, então tínhamos que equilibrar isso com uma *performance* pessoal mais esquisita. Se escrevêssemos uma canção em 4/4 com uma melodia fixe, sem grandes *twists and turns*, o Seb fazia qualquer coisa marada na bateria. Por exemplo, no tema «Tourniquet», que é em 4/4, ele usava o pedal a cada *cinco* batidas. O que é bizarro, não há razão nenhuma para fazer isso. [risos] Não fez nada à canção, propriamente dito, ao princípio, a não ser dar-lhe um ambiente um bocado estranho, mas foi isso que inspirou o resto da escrita da mesma. Toda a gente se dedicou à composição dessa forma, tendo o foco geral do álbum acabado por ser mesmo essa mentalidade, a ideia de ir empilhando pequenos pormenores destes, várias camadas cuja combinação acaba por soar diferente, sim, mas também muito natural.

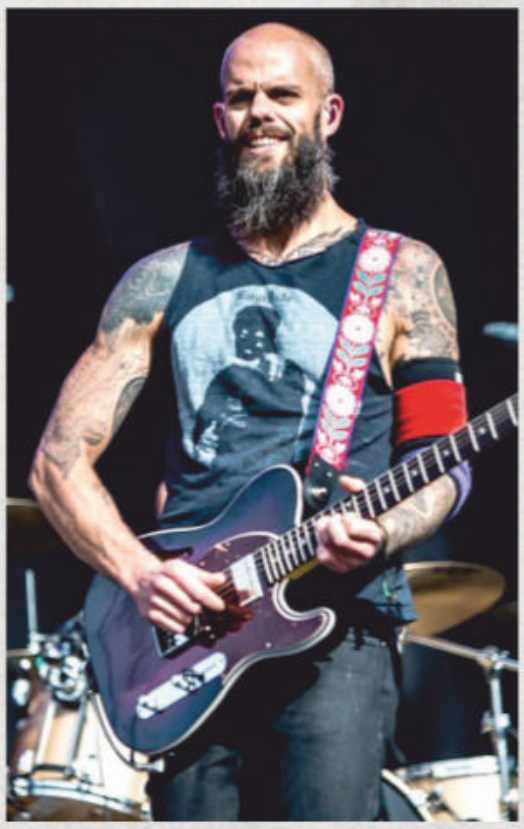
**É um processo que não se dá muito bem com limites temporais, não é? Tiveram liberdade para demorar o tempo que quisessem a criar o álbum?**
Pois, isso foi outra consequência. Rapidamente percebemos que este período de escrita iria durar o tempo que tivesse que durar, não podia haver grandes prazos ou limites. Era a única maneira de escrever um disco sem compromissos. Só assim te posso dizer agora que tudo o que está no «Gold & Grey» foi feito até ao limite das nossas capacidades. Não conseguiriamos fazer melhor do que ali está em momento algum do álbum. Chegámos ao ponto em que qualquer linha de texto adicional, qualquer apontamento de guitarra mais, só iria estragar e reduzir a canção.

**Saber parar é uma arte, também.**
É uma capacidade que se adquire com o tempo, sem dúvida. Mas acho que conseguimos fazer um bom trabalho nesse aspecto. Mas sim, demorámos muito tempo, é um álbum muito "considerado", muito trabalhado, muito pensado. Mas ao mesmo tempo, foi de tal forma intenso e focado que também nunca tivemos realmente tempo de olhar para trás, de pensar demais sobre cada detalhe. É um album pensado, mas não sobre-pensado. Isto soa altamente? Fixe. Fica assim. Próxima coisa! Se não fosse assim, ainda agora lá estávamos a discutir uns com os outros. [risos] A qualquer altura do disco, há 50 ou 60 coisinhas a acontecer que podemos esmiuçar, mas isso, no final de contas, não serve para nada. Só nos iríamos afogar no meio desses detalhes simples. O foco era na *bigger picture*, na fluidez, nas ideias. A única pergunta que nos fazíamos a nós próprios com frequência, e que nos fazia parar para pensar, era "isto soa a nós? Isto é genuíno?". E isso significa que nos desafiámos, que chegámos ao limite extremo das nossas capacidades como músicos e como compositores, e que tentámos expandir esses limites também. Se conseguimos dizer que sim a essa pergunta, então temos uma canção. Independentemente da forma com que acabou por ficar. *Who cares* se é só piano e voz, ou se é bateria distorcida e mil pistas de voz. Não interessa.

**Mesmo que isso dificulte a sua interpretação posterior em palco?**
Sim, não pensámos de todo nisso. O objectivo destes temas não é soarem bem em palco. É soarem melhor do que aquilo que pensávamos que eles podiam soar. Só isso. E esse objectivo tem um efeito pronunciado na forma como escrevemos música, no bom sentido. Queremos criar a cena mais caótica, mais confusa e mais estranha que conseguirmos, mas que continua a ter uma relação profunda com o universo à nossa volta, que continua a fazer sentido nesse aspecto.

**Não tens vontade de, um dia destes, fazer um álbum baseado efectivamente naquilo que resultou no último, em vez de inverteres sempre essa relação?**
Deixa-me responder a isso dizendo apenas que nunca foi minimamente apelativo para mim fazer o que o resto das pessoas fazem, ou sequer fazer algo que compreendo a 100%, algo de que eu tenha um entendimento fundamental. Para mim, a piada de fazer arte e fazer música reside precisamente na exploração do potencial de descoberta de coisas novas, seja sobre o mundo ou sobre nós próprios. De certeza que já disse isto várias vezes de outras formas, mas sim – se eu quisesse segurança, algo certinho, e até financeiramente, não era de todo isto que

## JOHN BAIZLEY, O SENHOR CURADOR



Outra experiência importante que ocorreu nos últimos anos na vida dos Baroness foi o facto de John Baizley ter sido o curador do Roadburn na edição de 2017, contribuindo de forma decisiva para a construção do cartaz de um dos festivais mais admirados da cena internacional. Uma oportunidade única, que o próprio nos explica como encarou, e que marcas deixou.

*"Naturalmente, já estou envolvido no mundo da música há muito tempo, e as minhas primeiras experiências foram no seio da comunidade DIY do punk rock. Desde muito novo. Eu cresci numa área muito remota dos Estados Unidos, não havia concertos, as bandas nunca passavam perto, vivia no campo, e portanto se queríamos uma comunidade musical, se queríamos tocar música pesada e alta e estar envolvidos nesse meio, fosse punk ou grunge na altura, tínhamos que ser nós a fazer tudo, tínhamos que ser nós a criar o próprio meio. Portanto sempre estive envolvido de forma muito activa em tudo, seja como músico, produtor, fã ou outra coisa qualquer, sempre tive que "sujar as mãos" a tratar de todos os aspectos. Quando eu era adolescente, a internet tinha acabado de ser inventada, basicamente, e ainda por cima não tinha dinheiro nenhum, por isso não era fácil arranjar música. A maior parte da música nova que ouvia vinha do* tape trading. *Com este* background, *sempre me identifiquei com a forma como o Walter [Hoeijmakers, director artístico do Roadburn] continua a montar o festival, e sempre achei que seria fantástico trabalhar com ele. Não vou mentir, disse-lhe várias vezes ao longo dos anos que adorava que ele me convidasse para ser curador. Nunca pensei que ele o fizesse mesmo, por isso, porque não dizê-lo? Não tinha nada a perder. [risos] Quando ele efectivamente me convidou, levei a coisa muito a sério. Para mim, a parte mais entusiasmante foi o facto de poder aplicar a mentalidade e a ética de trabalho que sempre tive – usar a rede de pessoas que tenho, sejam os amigos ou as pessoas que respeito artisticamente, para fazer as coisas acontecer, ao contrário de ir pelo caminho mais óbvio e que faça mais sentido. Podia ter ido por um conjunto de bandas grandes, dentro das capacidades do festival, que sabia que as multidões iam gostar, mas o que achei que seria mais interessante foi trabalhar quase exclusivamente dentro desta comunidade de músicos e artistas que partilham da minha mentalidade de "*we're in this together*". Sinto que a minha curadoria consistiu, de certa forma, em ligar aos meus amigos todos. [risos] Tentei montar algo que fosse verdadeiro a quem eu sou. O que não quer dizer que não tenha dado muito trabalho! Foram vários meses a trabalhar todos os dias, a mandar e-mails, a resolver problemas, a planear logística, a satisfazer as necessidades de todas as partes, e ainda tive que fazer toda a arte para essa edição do festival, por isso foi algo que me consumiu imenso. Foi um ano louco em que só parei de trabalhar quando o festival acabou – e isto tudo, sendo esses os últimos concertos do Pete. Não foi fácil, mas valeu a pena."*

estaria a fazer. Eu assumo perfeitamente o factor de risco desta actividade, porque acho que é aí que está a melhor música. Não é construtivo para mim refinar algo em que já sou bom. Quero é procurar onde estão as minhas fraquezas e torná-las em forças. O que espero dos álbuns dos Baroness é que as fraquezas do «Purple» sejam as forças do «Gold & Grey», e que essas forças do «Gold & Grey» sejam ignoradas e que arranje outras diferentes para o próximo disco.

**A única constante parece que é mesmo a questão das cores, portanto. Lembro-me de termos conversado sobre isso quando saiu o «Purple»…**
[interrompendo] E eu de certeza que disse que era o último álbum com uma cor como título, não foi? [risos]

**Deste a entender isso, sim! [risos] Mas também disseste que o cor-de-laranja era importante para ti. Transformou-se em ouro pelo caminho?**
*Gold* é a única maneira que tenho de usar *orange* e sentir-me confortável, não é uma ideia muito excitante de outra forma. Aprecio muito os sons das palavras, e as relações que as palavras estabelecem como representação das coisas que nos rodeiam, e sinceramente *orange* simplesmente não é interessante como nome de cor, naquilo que inspira. É uma cor feia, é uma cor de segurança! É a cor dos pinos de segurança quando há obras na auto-estrada! [risos] Em relação às cores em geral, ainda foi o Pete que me convenceu que seria uma ideia terrível não continuar com este formato de nomes de álbuns. E o Seb também tinha sentimentos muito fortes em relação à ideia de *gold* e *grey*. Porque raio havia eu de desistir de uma ideia que ando a desenvolver para aí há dez anos – mais até, agora, que o «Red» já é de 2007 –, porque não continuar a desenvolver algo que já faz parte da personalidade da banda? Percebi que os argumentos deles faziam sentido, que é senso comum, basicamente, continuar com esta ideia e não desistir já dela. Doze, treze anos, é uma maratona! Seria como desistir da maratona ao quilómetro 40. Mais vale concluir a idea e não desistir. E fico feliz de não ter desistido. Mas sim, confesso, sempre chamámos *orange* ao disco, claro. Todas as *demos* que fizemos se chamavam *orange*, quando estávamos no estúdio os ficheiros estavam todos numa pasta chamada *orange*. Três dias antes da masterização, apercebi-me que havia várias referências líricas que apontavam para o laranja, de facto, mas também para a sua oposição. Há uma letra que usa mesmo a expressão "*gold and grey*", há outra que rima com isso, por aí fora. A ideia de duas forças opostas, do cinzento que é a cor "chata" e *middle ground*, a cor do pavimento e das pedras, que é comum, que é neutra, por oposição do dourado que ilumina, que brilha, que é algo que as pessoas procuram, e também uma palavra que é usada para descrever coisas de excelência. Essa dicotomia pareceu-me representar perfeitamente muito do sentimento do álbum em geral. Ou então é só uma maneira complicada e pretensiosa de dizer "laranja". Sei lá. [risos]

**E agora, chega de cores, ou nunca mais dizes isso com certeza?**
Eu digo sempre com certeza, mas depois mudo de ideia. [risos] A resposta verdadeira é que não sei, não sei mesmo. As nossas decisões nesta banda são todas tomadas com base na experiência. Com base no que aconteceu nos álbuns anteriores. E ainda não vivemos tempo suficiente com este, ainda não sabemos o que vai acontecer. Mas não, não nos vejo a fazer mais álbuns com mais uma sucessão de termos cromáticos. Algo vai ter que mudar. Neste momento, acho que já gastámos a ideia. Temos que arranjar outra coisa fixe.

**Daqui a dois ou três anos voltamos a falar disto.**
E podes-me apontar à vontade a minha incoerência se estivermos a falar de um disco cujo nome é outra cor. [risos]

*"[O «Purple»] era a prova de que não tínhamos morrido. Mas agora já não temos que nos preocupar com isso."*

# BARONESS

## NOVO ÁLBUM

## *Gold & Grey*

## *Disponível 14 de Junho*

CD/2XLP/DIGITAL

ABRAXAN HYMNS

www.yourbaroness.com

PELAGIC RECORDS

**ÅRABROT**
*DIE NIBELUNGEN*

**LOST IN KIEV**
*PERSONA*

**SÂVER**
*THEY CAME WITH SUNLIGHT*

**LABIRINTO**
*DIVINO AFFLANTE SPIRITU*

**MONO**
*NOWHERE NOW HERE*

**ROSETTA**
*SOWER OF WIND EP*

**THE OCEAN**
*HELIOCENTRIC LP RE-ISSUE*

**HEROD**
*SOMBRE DESSEIN*

FIND THESE & MORE FINE RELEASES PLUS MERCHANDISE AT WWW.PELAGIC-RECORDS.COM

# KISS KISS BANG BANG

O álbum de estreia dos GLASSJAW, «Everything You Ever Wanted To Know About Silence», comemora este ano duas décadas de existência e, para todos os efeitos, foi mesmo um dos primeiros pregos no caixão do nu-metal. No entanto, foi com «Worship And Tribute», lançado dois anos depois, que a banda realmente se estabeleceu numa cena *mainstream* a abraçar a estranheza que brotava do underground hardcore ali na transição do século. Editado em Julho de 2002, a sua fusão de jazz e fúria pós-hardcore transformou o grupo de Long Island num fenómeno, com singles como «Tip Your Bartender» ou «Cosmopolitan Bloodloss» a tornarem-se êxitos da era MTV2. E, depois, um enorme silêncio editorial. Foi com «Material Control», o primeiro longa-duração em quinze anos, que a dupla formada por Daryl Palumbo e Justin Beck voltou em força à actividade – e é esse o disco que os vai trazer pela primeira vez a Portugal. Foi, em antevisão aos concertos nos dias 22 e 23 de Junho, que conversámos com Palumbo, o vocalista.

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES

**Já se passaram vinte anos desde que lançaram o disco de estreia, e um quarto de século desde que formaste a banda com o Justin. Alguma vez pensaste que, tanto tempo depois, ainda ias andar a fazer "a tua cena"?**

Sinceramente? Não sei. Penso que sim, talvez. Já se passou, de facto, muito tempo. Nos primeiros anos, não sei se algum de nós podia imaginar que ia fazer carreira na música, mas por outro lado... Tinha noção de que a música, toda esta coisa das bandas, não ia deixar de fazer parte da minha vida tão cedo. De certa forma, até faz sentido que tenha acontecido assim, porque foi o que sempre quis fazer.

**Por outro lado, passaram-se quinze anos entre o «Worship And Tribute» e o «Material Control». Porquê todas as reticências para lançarem música nova?**

Não sei se foram propriamente reticências, porque nunca hesitámos. Estivemos sempre a trabalhar, lançámos pequenas coisas, uns EPs aqui e ali, por isso só fomos adiando o compromisso que era fazer um disco de longa-duração. Levamos esta banda muito a sério e demorámos um bocado a chegar ao momento certo para gravar o sucessor do «Worship And Tribute». Não sei porquê... Por um lado, não queríamos estar a apressar nada, nunca nos interessou compor ou gra-

var só porque isso era o esperado; mas por outro, não há nada que nos obrigue a apressarmo-nos.

**Foram as expectativas que fizeram atrasar o início do processo de composição para o álbum?**
Não, não... Nós não pensamos nas coisas assim. Estou sempre confiante que, quando me junto ao Justin para compormos para os Glassjaw, as coisas vão correr bem. Há 25 anos que fazemos o mesmo tipo de música neste contexto, é algo em que já nem temos de pensar, sabes? Na verdade, acho que nem por um momento duvidei das nossas capacidades. Portanto, não; as expectativas que as pessoas poderiam ter criado ao longo daquele período de quinze anos não estavam sequer no nosso radar. Não há um medo crónico do que se possa dizer de nós, nada disso. Aliás, é sempre divertido, e um enorme prazer, quando me junto ao Justin para escrever este tipo de música.

**O que é que fez o momento certo, afinal?**
Não foi nada de transcendente, aconteceu tudo de uma forma muito natural. O Justin e eu estávamos a trocar umas ideias, as canções começaram a fluir muito rapidamente e foi um processo muito indolor – quase como se o álbum se tivesse escrito a ele próprio.

**O «Material Control» inclui o vosso material mais pesado de sempre...**
A partir do momento em que começámos a gravar, a fazer as primeiras *demos*, tornou-se por demais notório que estávamos a seguir nessa direcção, estávamos a fazer música bem mais pesada. Por isso, sim; de certa forma, acho que acabou por ser um esforço mais ou menos consciente porque nos apercebemos dele e decidimos seguir em frente. Foi como se aquele caminho se tivesse revelado a nós e tivéssemos tomado a decisão consciente de segui-lo. A resposta foi criarmos canções muito intensas, pesadas, comprimidas, cheias de gritos.

**Com os Head Automatica e Color Film fazes música bastante mais próxima da pop. Foi difícil voltar a esse espaço mental... Mais extremo, digamos assim?**
Não, isso é mesmo o mais fácil. Fazer música com os Glassjaw é algo que está em mim, surge tudo novamente de uma forma muito natural. E, para mim, é fácil... Para as outras pessoas talvez não seja assim tão simples escrever música tão diversa e louca, mas é para mim. E para o Justin também, porque é quando estamos juntos que as coisas acontecem. Acho que é certo que, tudo o que façamos juntos neste contexto, vai, de uma forma ou de outra, soar a Glassjaw. Não há regras, basicamente, não há guias mestras para fazermos o que fazemos, mas as coisas acontecem.

**Começaram a banda quando ainda eram muito jovens e cresceram em público. Há alguma coisa de que te arrependas?**
Sim, de muitas coisas. Não é propriamente arrependimento... Arrependimento? Não, não é essa a palavra. É uma cena estranha. Às vezes olho para trás e é muito engraçado, porque é quase como uma comédia satírica. Como uma montagem, dessas que se vêem nas séries e nos filmes, em que seguimos uma pessoa durante a vida... Vestidos à anos 80 nos anos 80, vestidos à anos 90 nos anos 90. E é sempre engraçado, porque as diferenças são enormes. Com esta banda podemos fazer isso. De certa forma, é como ver a evolução de uma pessoa *online*. É uma montagem absurda que reflecte o teu crescimento, as tuas mudanças de personalidade. Está ali tudo escarrapachado – 1993, 1995, 1999, 2000! Na altura tinha o cabelo todo colorido. [risos] Arrependimentos? Isso não tenho, a sério.

*"Na altura, meteram-nos logo os rótulos 'banda da Roadrunner', 'nu-metal' e, depois, 'screamo' ou outra merda qualquer. Isso é uma pena."*

**Há vinte anos lançaram o «Everything You Wanted To Know About Silence», produzido pelo Ross Robinson e editado pela Roadrunner, numa altura em que o nu-metal estava em alta. E se as coisas não tivessem acontecido assim?**
À medida que vou ficando mais velho, há tanta distância entre esses anos e onde estou agora que se torna, ao mesmo tempo, fácil e difícil falar sobre isso. Por um lado porque é lógico que estão mesmo muito distantes, por outro tenho mais maturidade para analisar as coisas com frieza. E mesmo assim, continuo a não saber dizer! Não sei o que podia ter acontecido... Não posso adivinhar se seríamos vistos como outro tipo de banda; talvez mais alternativa, artística, bizarra, indie, por aí. Provavelmente, mas não tenho a certeza. Quero acreditar que, mais cedo ou mais tarde, as coisas iam dar certo, mas também não tenho a certeza disso. Nem ninguém pode ter. Para estares a fazer a pergunta é porque sabes que, na altura, nos meteram logo os rótulos "banda da Roadrunner", "nu-metal" e, depois, "screamo" ou outra merda qualquer. Isso é uma pena, porque ainda hoje se nota na reacção de algumas pessoas quando se fala dos Glassjaw.

**Sentes-te, de certa forma, injustiçado?**
Não, nada disso. Estou muito confortável com a posição que temos. A única questão é que esse tipo de cenas nunca teve nada a ver connosco. O Justin, eu e todos os outros tipos da banda crescemos a adorar punk, indie rock, hardcore, tudo o que era boa música ali no início dos 90s. Éramos e somos muito ligados ao hardcore, à facção mais progressiva do género, sobretudo. A cena dos 90s em Nova Iorque era mesmo muito importante para nós e sermos confundidos com umas bandas parvas de *major label*, que se vestiam com roupa de desporto da Adidas... Enfim, naquela altura, estávamos o mais afastados possível disso. Sempre estivemos, de resto. Bem vistas as coisas, pode ter ajudado. Quem sabe se não seríamos mais uma banda de post hardcore indie como, por exemplo, os Jawbox ou os Orange 9MM, que nunca tiveram mega sucesso, mas foram muito importantes na cena?

# MODO CELEBRATÓRIO

«Deliverance» é um disco importante para o movimento stoner, e um daqueles trabalhos que sabe sempre bem revisitar. Dentro de dias, os CORROSION OF CONFORMITY voltam uma vez mais a Portugal, desta vez para celebrarem os 25 anos sobre a edição do marcante disco. O baixista Mike Dean teve connosco uma conversa nostálgica sobre esse trabalho.

EMANUEL FERREIRA · DEAN KARR

*"A editora esperava que fossemos os novos Nirvana."*

**Estão a celebrar os 25 anos de «Deliverance», o primeiro disco que vos trouxe a Portugal, com Megadeth. Recordas-te?**
Sim. Cascais, certo?

**Exactamente. De quem foi a ideia desta digressão, celebrar este aniversário?**
[risos] Acho que olhámos para o calendário e alguém deu a sugestão, nada mais.

**Vocês já tinham feito alguma inovação no campo do crossover com «Animosity» e depois voltaram a experimentar algo diferente com «Blind», mas o «Deliverance» foi o mais ousado de todos.**
Quando o disco saiu, fiquei com a sensação que todos esperavam um novo «Blind», com algumas variações musicais. Mas éramos uma banda completamente diferente, o vocalista do «Blind» tinha saído, o baixista também, e eu regressei para o lugar dele. O Pepper resolveu tomar conta da voz. Foi uma mudança inesperada que se tornou mais forte com a variação do som. Com o tempo veio a revelar-se compensadora.

**Estranho que o Karl Agell, depois de sair, viesse a fazer um som parecido com o vosso, se calhar ainda mais próximo do southern rock.**
Ele após sair dos C.O.C. andou a fazer coisas por aí com diversos músicos, até que realmente formou um grupo e ouvi dizer que tinha um disco. Confesso que não tinha grandes expectativas, mas quando fui ouvir, fiquei surpreendido. Quando estávamos juntos, ouvíamos música diferente, mas apesar disso nunca estivemos presos a um só estilo. Na realidade o nosso maior problema era a capacidade de tocar certos estilos de que gostávamos, dentro das referências mais clássicas. Soubemos evoluir, além de que a produção do John Custer nos ajudou muito. Sei que quando o Karl e o Swisher saíram, já estavam mais próximos musicalmente daquilo que viemos a fazer no «Deliverance» e por isso acabaram a formar Leadfoot. Mesmo assim fiquei surpreendido. Ainda hoje, volta e meia, falam de nós voltarmos a tocar juntos, já que seguimos caminhos semelhantes em termos musicais.

**Na época do «Deliverance» era o Pepper Keenan que cantava principalmente. Ao longo dos anos, e em particular quando ele se afastou, tomaste conta das vozes. Como vai ser desta vez?**
Ainda não sabemos, vai depender dos temas que tocarmos. Há partes dele, outras minhas, depende de como nos sentirmos melhores em cada tema.

**Isso quer dizer que não vão tocar todo o disco?**
Tocaremos bastantes temas do «Deliverance», mas também iremos abordar o último disco, «No Cross No Crown». Também queria tocar alguns temas de «In The Arms Of God» e até do «Wiseblood». Vai tudo depender de como nos sentirmos. O concerto de Portugal vai ser o terceiro na digressão. Começamos na Alemanha, a 21, no Freak Valley Festival. Nesse concerto vamos ter de tomar decisões, mas de certeza que ao terceiro concerto já teremos tudo definido. [risos]

**Vêm de festivais para um clube, faz diferença?**
Temos mais gozo em tocar numa sala que num festival, em que há sempre muita gente à volta e toda uma pressão para entrar em palco e sair a tempo. Num clube estamos mais relaxados e podemos tocar à vontade.

**O «No Cross No Crown» acabou a ser o vosso disco com melhor posição nas tabelas, embora nunca correspondendo ao valor que elas tinham em 1994, quando saiu «Deliverance».**
Sim, mas nós gravámos em 1994 um disco que soava a 1971! [risos]

**Alguma vez reflectiram sobre a influência que esse disco teve para o movimento stoner?**
Sim, mas na altura em que as coisas se passam claro que nunca pensamos nessas coisas. Queríamos colocar no disco os grupos que mais nos influenciavam e fazer uma interpretação à nossa maneira. Algumas pessoas fazem isso de tempo a tempo, se calhar apenas fizemos isso antes de outros. À época, lembro-me que a editora esperava que fossemos os novos Nirvana. Algo que não tinha nada a ver com o que queríamos fazer, mas eles não sabiam e tirámos partido dessa situação. Usámos essa vulnerabilidade deles para fazermos o que tínhamos em mente, sem grandes pressões, apenas partilhando a ideia com um pequeno grupo.

**Referes-te à editora, hoje Sony, na altura Columbia… Li que eles tinham comprado o selo onde vocês estavam só para poderem editar o «Deliverance»?**
Sim, na altura estávamos numa editora de Nova Iorque, a Relativity Records, que lançou o «Blind» e distribuía o catálogo da Earache nos Estados Unidos. Eles compraram a editora porque sabiam que estávamos a trabalhar num novo disco e pensaram que seria algo importante.

**Como reagiram a isso? Sempre vos conheci como pessoal modesto, e de repente estavam numa grande editora, forte promoção, tudo isso.**
Somos o tipo de pessoas que não nos queremos tornar bem-sucedidos, transformando-nos naquilo que não somos. Temos que o ser por aquilo que nós fazemos e somos. Alguém teve que trabalhar por nós, colocar-nos no mercado e fazer a promoção, enquanto nós tirávamos vantagem da oportunidade que nos era apresentada. Poder gravar noutras condições, termos outros estúdios e mistura. Foi algo que funcionou bem durante um par de anos e depois terminou. Não estávamos à espera de grandes números de vendas, tínhamos de ter feito um disco como a Mariah Carey, ou algo assim.

**É curioso que, da mais de uma dezena de músicos que passaram pelos C.O.C., aqueles que por mais tempo permaneceram e que estão hoje na banda, são os mesmos que gravaram o «Deliverance». Pode dizer-se que este é o núcleo chave?**
Acho que sim, desde que o Woody Weatherman esteja na guitarra, e o Pepper na banda, vai tudo resultar bem. Penso que «Blind» é um bom disco, e que ainda hoje soa bem, e eles também estavam lá. Depois de nos reunirmos, fizemos ainda muitos concertos sem o Pepper e foram bons, mas com ele no grupo tudo é mais fácil.

**Embora originários da Carolina do Norte, a partir de um dado momento tiveram uma forte ligação a Nova Orleães. Como está hoje a cena NOLA?**
Em termos de metal nunca houve muita coisa, apenas alguns nomes que se tornaram conhecidos, como os Eyehategod, mas eles podem tocar em qualquer local. O Pepper tocou com os músicos dos Crowbar, que são muito bons. O verdadeiro valor da música de Nova Orleães está no jazz e na música tradicional, em que tens artistas fabulosos. Foi sempre um local para músicos se desenvolverem, tens lá gente que veio da Califórnia e de outros lugares. Por vezes vamos lá compor, gravámos um pouco do «Wiseblood» lá, por exemplo, assim como o «In The Arms Of God», num estúdio que pouco depois veio a ser inundado com o furacão Katrina.

**Voltando à influência de «Deliverance», tens seguido o movimento stoner? Há bandas que aprecies?**
Não sigo muito, mas gosto de uma banda chamada Earthless porque eles sabem improvisar, sabem fazer uma *jam*. São uma banda quase instrumental, mais clássica, não diria que tem propriamente canções em palco, eles tocam mais *jams*, que é algo de que gosto muito. Há outros nomes que também gosto, como Windhand, All Them Witches, Lo Pan. São aqueles de que me recordo por agora.

SUNN O)))

# CELEBRAR COM O VOLUME NO MÁXIMO

Durante as duas primeiras décadas de existência dos SUNN O))), o duo formado pelos guitarristas e compositores Greg Anderson e Stephen O'Malley revolucionou, tanto em palco como em estúdio, o que entendemos como os limites do que se pode fazer com um par de guitarras e uma obsessão por amplificação à bruta, uma abordagem imortalizada na máxima *"maximum volume yields maximum results."* O ímpar percurso do duo, e associado elenco rotativo de colaboradores, é agora celebrado no brilhante «Life Metal», cuja criação se deve também ao teclista e colaborador de longa data da banda TOS Nieuwenhuizen, que, juntamente com Greg Anderson, falou com a LOUD! a propósito do mesmo.

LUÍS PIRES RONALD DICK

**Diriam que o «Life Metal» é o vosso registo de estúdio mais fiel daquilo que fazem ao vivo?**
*Greg*: No que diz respeito a conseguir registar o sentimento, a estética, e o poder da banda ao vivo, esta é a gravação mais exacta. Em muitos dos nossos discos anteriores, o processo de gravação era muito diferente e eles acabavam por se tornar algo desconexos daquilo que fazemos ao vivo. Sempre considerei que a banda tinha dois lados completamente distintos, o da actuação e o do estúdio. Pela primeira vez na nossa carreira, conseguimos uma colisão entre estes dois lados da banda, estes dois mundos.

**Os meios analógicos de gravação foram determinantes nisso?**
*Greg*: Não acho que seja tanto uma consequência da gravação directamente para a fita, mas sim algo indicativo do estilo e do método de gravação do Steve. Ele está realmente a gravar a banda como ela vive e respira no momento. É isso que ele faz, é mesmo a banda no estúdio, numa sala, a tocar em conjunto, em vez de montar algo *a posteriori* repleto de camadas e de *overdubs*.

**A razão por trás da escolha do estúdio prendeu-se então com o processo, é isso?**
*Greg*: Eu e o Stephen O'Malley já tínhamos ambos gravado com o Steve nos 90s e somos fãs do trabalho dele há muitos, muitos anos, pelo que já tínhamos uma ideia daquilo que esperar e dos métodos dele. Isto era algo que queríamos mesmo fazer, porque nos últimos álbuns houve sempre imensa análise, e sobreposições após o facto, com imensa instrumentação adicional. Isso obrigava-nos a passar imenso tempo a pensar nas composições a refinar tudo. A verdade é que nós tocámos imenso ao vivo nos últimos quinze anos e há uma química real naquilo que fazemos em palco, e queríamos realmente traduzir isso num disco. Claro que estou orgulhoso de todos os álbuns que já fizemos e não quero dizer que não voltaremos a esses métodos de gravação ou a trabalhar com essas pessoas de novo, esta foi simplesmente uma forma diferente de fazer as coisas. Foi uma honra enorme trabalhar com o Steve e conseguimos uma representação do que fazemos enquanto banda ao vivo.
*TOS*: O que é especial sobre o «Life Metal» é que é a primeira vez que a gravação de um álbum deles tinha de estar pronta em duas semanas, até porque ia ser tudo gravado num gravador de fita de 24 canais. Nos discos anteriores, que foram gravados em Pro Tools, era muito mais fácil manipular as coisas, ter colaboradores de outros países, a mistura podia ser feita em qualquer lugar, ao passo que desta vez tínhamos cinco bobinas de cinco centímetros, e perto de 30 quilos de material que não queres andar a enviar de um lado para o outro. O objectivo era mesmo gravar tudo em cassete, sem filtros, e tentar captar tanto quanto possível o som ao vivo, que era algo que ainda não tinha sido gravado propriamente com Sunn O))). Eu, por exemplo, ainda não tinha tocado Moog num dos discos. Só desta vez é que passámos este formato trio que temos tido ao vivo para um estúdio com os músicos todos a tocar ao mesmo tempo em vez de rearranjar material e acrescentar outras pessoas depois. Para te dar uma ideia, o «Monoliths & Dimensions» demorou meio ano entre gravação e mistura, foi um processo muito longo. Em contraste, este álbum demorou duas semanas e, também pelo uso de fita, conseguimos algo com uma fidelidade superior.

**Em que estágio da concepção é que tinham o «Life Metal» quando entraram em estúdio?**
*Greg*: Desta feita, eu e o Stephen decidimos ir para uma sala de ensaios que tenho em Los Angeles e explorar umas ideias nas quais estávamos a pensar e que queríamos mostrar um ao outro para perceber como as esculpir em algo concreto. Também aproveitámos esse tempo para explorar tonalidades, saturações, e efeitos com as guitarras. Com o passar dos anos, fomo-nos tornando cada vez mais obcecados com os pedais e tons que podemos obter. Depois disso fizemos uma pré-gravação com o TOS, que é alguém com quem já trabalhamos há muitos anos, até porque é o nosso técnico de amplificadores e tem sido uma parte importante da banda, bem como um amigo muito próximo. Ele já tinha participado noutros discos, mas desta vez esteve mais envolvido na criação, teve uma presença maior no processo formativo de composição e criação de arranjos. Nessa sessão, pegámos nas ideias, gravámo-las e continuámos a trabalhar nelas. Essas foram as *demos* que levámos para o Electrical Audio, não era propriamente algo acabado, mas um conjunto de ideias que podíamos atacar assim que lá estivéssemos e que serviu como base para maximizar o tempo com o Steve e não termos de sacar ideias no estúdio. Claro que houve ideias a surgir no estúdio, mas queríamos ter alguns esqueletos a partir dos quais trabalhar.

**TOS, quando pegas no Moog, de que forma é que tenhas complementar o que eles fazem com as guitarras?**
*TOS*: O meu objectivo é acrescentar ondas de longa-duração que criem uma impressão temporal. Até pela falta de bateria, tento criar uma onda ou um pulso que deixe essa impressão de passagem do tempo e às vezes da cessação dessa passagem, de forma a dar algo mais concreto a música que é muito abstracta. Enquanto banda, podes escolher como o tempo passa. Durante o resto da tua vida, não tens essa escolha, são os relógios e os calendários, 24 horas por dia, 365 dias por ano e por aí adiante, mas enquanto banda, os ritmos e os andamentos que escolhes permitem-te determinar a passagem e o andamento do tempo enquanto dura a tua música. É nisso que os Sunn O))) são muito bons, na forma como abrandam o tempo, na forma como o fazem parar. O que eu tento fazer com o Moog é pegar num sintetizador que já é estupidamente simples à partida e só usar os dois osciladores para criar uma frequência diferente das outras, normalmente são ondas de vinte minutos que dão algo à música que acabas por só notar quando deixam de lá estar.

**Esta também é a primeiro vez em muito tempo em que têm tocado com um baixista. Como é que isso aconteceu?**
*Greg*: O Tim [Midyett] é um velho amigo que eu e o Stephen conhecemos desde os 90s e que também é amigo do Steve Albini. Como calhou estar no estúdio naquela altura e é um baixista incrível, pensámos em trabalhar com ele e ver como soava. O tom dele, a abordagem dele à música, a forma como a digere, a pensa, e reage à mesma, tudo isso encaixou mesmo bem com o que estávamos a fazer, foi óptimo. Depois perguntámos-lhe se se queria juntar a nós para os concertos e felizmente estava disponível. De todos os baixistas que tivemos ao longo dos anos, ele é o melhor, é quem melhor percebe o que estamos a fazer. Como as guitarras já funcionam quase como baixos, encontrar espaço para o baixo não é fácil, mas o Tim percebeu isso e encontrou esse lugar de uma forma que funcionou muito bem para nós.

*"Foi uma honra enorme trabalhar com o Steve Albini e conseguimos uma representação do que fazemos enquanto banda ao vivo."*

**Que lugar é esse, a tender para os subgraves?**
*Greg*: Às vezes, mas o Moog já cobre bastante essa região, portanto ele acabou por encontar um espaço que tem mais ataque e um timbre mais agudo, não um agudo lancinante mas algo que encaixa. Ele não está a competir pelos subgraves ou frequências próximas, é mais uma adição que, apesar de indubitavelmente soar a baixo, tem características que lhe permitem cortar através do resto. Penso que houve baixistas no passado que se equivocaram em tentar acrescentar coisas num regime próximo do subgrave e que só tornou as coisas difusas e confusas. O Tim, de forma extremamente intuitiva, fez algo completamente diferente, como se estivesse a acrescentar um instrumento para além do que se espera do baixo, foi muito interessante.

**Há uma sensação de celebração que é transversal ao disco, mas na «Novae» em particular, parece uma celebração das vossas origens, daquela obsessão pelo riff que tanto vos caracterizou.**

*Greg*: Quando eu e o Stephen estamos juntos há sempre esse sentimento primitivo dos primeiros discos, porque é esse o cerne dos Sunn O))): eu e o Stephen, numa sala, a atirar riffs para cima um do outro. Isso vai estar sempre presente e com a «Novae» decidimos que essa era a estrutura da canção, esse conceito de tocar riffs com os quais nos sentimos entusiasmados [risos], trocá-los entre nós e eventualmente convergir em certos momentos da peça. Foi definitivamente um anuir a esses tempos iniciais da banda, mas na minha opinião isso estará sempre presente no que quer que nós os dois façamos juntos, porque é essa a base da banda.

**Essa última malha do disco também conta com a Hildur Guðnadóttir no *halldorphone*. O que é que sentes que o instrumento veio acrescentar à vossa composição?**

*Greg*: Acho que lhe traz alguma serenidade. De certa forma, a forma de tocar dela é calmante. Olhando para a peça como um todo, há um lado épico, pela saturação e pelos riffs altamente inspirados por Black Sabbath [risos], que se transforma numa secção meditativa que, a mim, soa extremamente calma e tranquila. Achei que era um contraste interessante para ter nesta canção e de certa forma dá-lhe mais profundidade e uma atmosfera diferente.

**Para além do «Life Metal», vocês os cinco [Greg, Hildur, Stephen, Tim, e TOS] gravaram um segundo disco, o «Pyroclasts», durante as mesmas sessões. O que podemos esperar dele?**

*TOS*: Quando tivemos a banda toda junta, começámos a tocar drone pela manhã. Era acordar, ligar tudo, e improvisar drone num tom específico. Fizemos isso durante uma semana, portanto temos cinco peças de drone de doze minutos cada que são bastante refrescantes, passageiras, e meditativas.

**Isso soa um bocado aos *encores* que fizeram durante a digressão de apresentação do «Life Metal».**

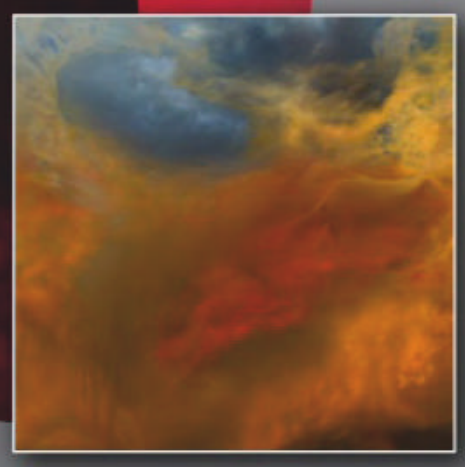
*TOS*: Sim, decidimos também trazer o conceito do «Pyroclasts» para o palco e fazer um drone de doze minutos para acabar. Basicamente, escolhemos um tom por noite, e deixámo-nos levar pelo drone. É uma coisa à parte do concerto, até porque com este alinhamento não há praticamente drones para além dos que surgem entre temas.

**A tal ideia de celebração, subjacente também ao título do álbum, já era algo que tinham em mente ou surgiu na escrita?**

*Greg*: De certa forma surgiu na escrita. É onde estamos no momento, sobrevivemos durante vinte anos enquanto banda e eu e o Stephen continuamos grandes amigos. Uma das relações mais importantes da minha vida é com o Stephen, e manter uma amizade intacta durante mais de vinte anos enquanto colaboras, fazes música, e lidas com tudo o resto, e ainda conseguir continuar a fazê-lo, é um completo milagre. Para nós, este álbum é sobre reconhecer e celebrar esse facto, fizemos vinte anos como banda e isso é incrível. Estou muito orgulhoso do que fizemos e grato por ter podido fazê-lo. Para mim, «Life Metal» é isso mesmo, é celebrar esse facto, reconhecê-lo, e não o dar como adquirido.

*"Este álbum é sobre reconhecer e celebrar que fizemos vinte anos como banda e isso é incrível. Estou muito orgulhoso do que fizemos e grato por ter podido fazê-lo."*

DISCO DO MÊS



# SUNN O)))

## «Life Metal»

[Southern Lord]

Em 2020, «The Grimmrobe Demos» e «ØØ Void», dois lançamentos representativos da fundação do som dos Sunn O))), fazem vinte anos. Nas duas décadas que se seguiram ao seu lançamento original, Greg Anderson e Stephen O'Malley conduziram uma miríade de experiências sónicas, sempre com o volume no máximo (de forma a obter o máximo de resultados, naturalmente), que lhes permitiu chegarem hoje à sua segunda obra-prima da carreira, uma década (que não é exacta por menos de um mês) depois da primeira. Então, em «Monoliths & Dimensions», conseguiram-no transmutando o negrume da era «Black One» através de arranjos memoráveis. Desta feita, mantiveram a excelência dos arranjos e revisitaram a obsessão desconstrutiva pelo riff que lhes marcara o início da carreira, mas com duas décadas de experiência em cima, uma postura celebratória, e abordagens pessoais diferenciadas. Ao lado de T.O.S. e Tim Midyett, Greg Anderson erige monólitos de tonalidade grave e sub-grave a um nível que não havíamos visto, em particular na segunda metade de «Aurora», ao passo que o director criativo do disco, Stephen O'Malley, intercala no tema de abertura, «Between Sleipnir's Breaths», um delicioso e detalhadamente captado rebentar de riff com a fantástica interpretação de Hildur Guðnadóttir de dois poemas do século XV. Ficaríamos em falta sem mencionar o génio de Steve Albini, que conseguiu finalmente cristalizar em fita magnética o que acontece com o som de guitarra do duo quando é levado a volumes extremos. Em suma, «Life Metal» sublima em estúdio o fenomenal tratamento de guitarra que tornou a banda num dos mais importantes nomes ao vivo da música extrema. O álbum encerra com «Novae», onde o duo pega no constituinte fundamental de tanta da música que adoramos, o riff de guitarra distorcida, e o celebra durante meia hora enquanto objecto de arte. [10] L.P.

## L! RANKING

JUNHO 2019

| | C.G. | E.F. | J.C.S. | J.M.R. | J.R. | L.P. | R.A. | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **SUNN O)))** «Life Metal» | 3 | 9 | 8 | 8,5 | 8,5 | 10 | 8 | **7,86** |
| **MIDNIGHT PRIEST** «Aggressive Hauntings» | 8,5 | 8 | 7 | 7 | 7 | 7,5 | 8 | **7,57** |
| **ABBATH** «Outstrider» | 7 | 7,5 | 8,5 | 8 | 6 | 7,5 | 7 | **7,36** |
| **MEMORIAM** «Requiem For Mankind» | 8 | 7 | 6 | 7,5 | 6 | 8 | 7 | **7,07** |
| **DEATH ANGEL** «Humanicide» | 7,5 | 6,5 | 4 | 6,5 | 8 | 6,5 | 7,5 | **6,64** |
| **HEILUNG** «Futha» | 4 | 6 | 5 | 6 | 6 | 4 | 6 | **5,29** |

**ABYSSAL**

«A Beacon In The Husk»

[Profound Lore]

O quarto álbum dos britânicos Abyssal (segundo com a chancela Profound Lore, na esteira do anterior último longa-duração, «Antikatastaseis») estende o manto do death/black pesadamente atmosférico que lhe tem sido característico, e que tem motivado um discreto mas merecido culto (também muito por culpa do anonimato mais ou menos estratégico que tem rodeado o projecto), para territórios marcadamente progressivos. Neste «A Beacon In The Husk» isso traduz-se sobretudo pela incursão em composições mais livres, sem nunca perderem do centro da mira o seu ponto forte: aquela facilidade em fazer do gutural brutalíssimo e obliterante uma espécie de contraponto que dá corpo a um negrume instrumental que parece nunca querer ter fim. «Dialogue», faixa de abertura pejada de horror fantasmático é um daqueles temas que vamos ouvir repetidamente em 2019: riffs a dada altura quase-quase *groovy*, escavacados por uma muralha incessante de desordem dissonante, numa execução que transporta aquele tipo de confiança de quem sabe que tem em mãos um dos melhores discos do ano. [8.5] J.R.

**AFFÄIRE**

«Less Ain't More»

[Perris]

Os próprios se denunciaram no primeiro *single*: «Born Too Late». Praticar hard rock na vertente glam/sleaze, provavelmente dos estilos mais desconsiderados no género, e com um impacto reduzido por cá, é algo entre o acto masoquista e um saudosismo de um tempo que já lá foi. Mas nada tem desanimado o quarteto lisboeta que vai escalando degrau a degrau, um caminho só deles e que por isso tem mais valor. Chega-se ao segundo longa-duração, e encontra-se um disco que para uns será inovador porque aborda um som pouco popular nos dias de hoje, já para veteranos irá ressoar a uma miríade de nomes que vai desde uns Quireboys, aquele piano logo em «Paradise Café», a uns Ratt, com a excelente «Unsung Heroes», passando por umas malhas a olhar de canto para Slash. Um trabalho que vale principalmente pela ousadia de um caminho singrado, mesmo que o quarteto tenha nascido tarde demais, ou se calhar, no tempo correcto para um *revival*. [8] E.F.

# ABBATH

## «Outstrider»

[SEASON OF MIST]

Continua a ser fácil, muito fácil, descartarmos o senhor Olve Eikemo, *aka* Abbath, como uma mera caricatura. Verdade seja dita, o homem põe-se a jeito. Herdando dos seus antigos Immortal toda uma imagética meio *tongue in cheek* do ideal *grim and frostbitten* daquele tipo de black metal, fonte inesgotável de *memes* e piadas da internet, desde que se deu a separação e começou esta aventura sob nome próprio que variadíssimos acontecimentos mais ou menos alcoólicos se têm sucedido – ou se espalha ao comprido a correr enquanto toca num festival, ou fuma charros com o Matt Pike enquanto diz uns disparates (isto já para não falar da estranha saída do baixista King Of Hell, alegadamente por "não concordar com o conteúdo lírico", uma desculpa esfarrapada como qualquer outra), enfim, digamos que é um tipo difícil de levar muito a sério, especialmente se frequentarmos a internet diariamente. Só que depois, quando é para ser a sério, ou seja, quando é para fazer grandes malhões e grandes discos, o Abbath diz sempre presente. O «Abbath» de estreia foi um belo disco de Immortal, para aí vinte vezes melhor que o «All Shall Fall», por exemplo, e tirado isso do seu sistema, não é que o Olve decidiu evoluir? É verdade, evolução verdadeira, uma faceta que muitas vezes foi desvalorizada no percurso dos próprios Immortal (o «Pure Holocaust» é muito diferente do «At The Heart Of Winter», que é muito diferente do «Sons Of Northern Darkness», só para pegar em três dos melhores), e que agora adquire uma dimensão completamente nova. Em «Outstrider», parece que temos um Abbath completamente livre do seu passado, finalmente sem problemas em aplicar as suas influências mais clássicas, mais hard rock, sem no entanto perder o peso, a extremidade, e a incisividade cortante que se espera. Juntamente com uma aproximação vocal que diversifica em muito o alcance do músico, com vários registos que lhe desconhecíamos a juntarem-se ao *rasp* habitual, tudo isto faz de «Outstrider» um álbum surpreendente. É como se juntassem as várias facetas artísticas *past and present* do Abbath – os Immortal, os I, o primeiro álbum de Abbath e a sua banda de *covers* dos Motörhead, os Bömber –, misturado uma dose saudável de Bathory (incluindo uma *cover* magnífica de «Pace 'Till Death» a fechar o disco) e umas vozes novas, e *voilá*, Abbath 2019. Nisso também se inclui a sua banda inteiramente nova, formada por gente com experiência mas sem serem propriamente super-conhecidos, e que tem aqui uma *performance* (particularmente o guitarrista Ole André Farstad, com um *background* de flamenco que de facto se nota, que arranca alguns solos notáveis) digna da dimensão ambiciosa do álbum. É mantê-los, e continuar a evoluir. Seja com mais *memes* e percalços alcoólicos pelo caminho ou não. **[8.5]** J.C.S.

**ARCHAIC TOMB / CRYPTWORM**

«Persecution Paraphrenalia / Putrefactive Regurgitation»

[Blood Harvest]

Neste *split* com um tema de cada banda, continuam os bons augúrios para os eventuais LPs de estreia dos Archaic Tomb e dos Cryptworm. Os primeiros, quarteto que reúne pessoal associado a Ironsword, Sektor 304, e Tod Huetet Uebel, dão continuidade à tareia death metal *old school* cavernoso que haviam encetado na bela *demo* do ano passado, «Congregations For Ancient Rituals», deixando aqui a ideia de que o passar do tempo não os levará necessariamente a um registo mais limpo, antes pelo contrário. Nas cinzas deixadas pela podridão dos Archaic Tomb, desenrola-se a malha dos Cryptworm, que consegue insinuar igual dose de imundice com processos mais simples e um som muito mais claro, directo, e sobretudo grave, um pouco à imagem daquilo que os Undergang têm vindo a fazer ao longo dos anos. O resultado são dez minutos muitíssimo bem passados com duas bandas a explorar à sua maneira o death metal porco à antiga e a deixar-nos água na boca para as ouvir em formatos mais extensos. [7] L.P.

**CONSUMMATION**

«The Great Solar Hunter»

[Profound Lore]

Depois de um EP há dois anos e uma promissora *demo* há sete, os Consummation, projecto que reúne membros e ex-membros de Impetuous Ritual, Weakling e Psycroptic, estreiam-se finalmente em formato longa-duração com este «The Great Solar Hunter», registo que evidencia um salto qualitativo tanto na gravação como na grandiosidade impressa aos temas, ainda que estes se desenrolem por linhas gerais semelhantes. Isto é, continua a ser verdade que, na atracção pela dissonância e por monstruosas e lúgubres invocações, o quarteto tanto vai beber à cena associada a Impetuous Ritual, como envereda por estradas que mais rapidamente associaríamos a uns Dodecahedron, em particular pelo carácter sinuoso dos riffs de black death que populam os cinco temas do disco. O que acontece é que a banda se adaptou ao contexto, o que lhes permitiu evitarem a monotonia através de momentos como o melancólico clímax do tema-título ou a penosamente lenta primeira metade de «Apotheoses», sem com isso provocarem qualquer quebra na atmosfera geral. [7.5] L.P.

## DEATH ANGEL

«Humanicide»

[Nuclear Blast]

Nono disco na carreira do grupo da Bay Area, quinto, nesta segunda vida de um colectivo que hoje se situa entre os maiores do thrash americano. Apesar de se manter a equipa técnica de outros títulos e certas fórmulas se manterem omnipresentes, o álbum nunca consegue brilhar como outros, mesmo quando se sente que apostam em ser diferentes, como com as teclas no final de «Immortal Behated». Ao mesmo tempo, parece que o colectivo prefere emular artistas mais conhecidos, em lugar de olhar para si próprio, é o que acontece em «I Came For Blood», por sinal uma das melhores faixas, e que soa a uma mistura entre Motörhead e Kreator, ou «Humanicide», faixa-título que abre o disco e remete para Destruction. Não sendo um disco de thrash directo, sente-se que falha ao tentar ser algo mais evoluído, parecendo que Mark Osegueda e Rob Cavestany não aprenderam muito com «Act III», voltando a fazer um disco menor, numa carreira que até possui alguns clássicos do género. [6.5] E.F.

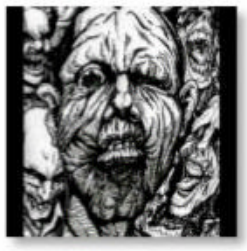
## FROM THE BOGS OF AUGHISKA

«Mineral Bearing Veins»

[Czar Of Crickets]

O terceiro longa-duração dos irlandeses From The Bogs of Aughiska, «Mineral Bearing Veins» agora lançado pela mão da Czar of Crickets, é também aquele em que a sonoridade da banda surge mais "codificada". O black metal muito enraizado num universo temático evocativo do lado mais negro da tradição da mitologia Celta, que até aqui lhes serviu de cartão de visita, continua envolto numa aura atmosférica pontuada por um abundante recurso a *field recordings* oriundos de fontes tão diversas como o gotejar de água num poço que imaginamos podre e lamacento, mas a verdade é que há aqui uma abordagem que dá uma coerência global ao disco que ainda não tinham alcançado. O resultado final desenha no horizonte uma paisagem sonora idiossincrática, ainda que meio denunciada: «Poll An Eidhrain» traz à memória em momentos as vocalizações mais operáticas de um Attila Csihar, mas aquela transição para o *spoken word* sinistro da «Wake Of Buzzards» é mesmo a ponte perfeita para o black metal mais *harsh* e *noisy* de «Catraegus». Excelente disco, com uma belíssima assinatura visual: o vídeo do tema «The Devil Is An Irish Man» é das melhores coisas que vamos ver este ano. [8] J.R.

## GRINDEAD



«Grindead»

[Larvae]

A *intro* é uma descarga de grind pura e dura, mas «Turn Black» já não engana, está ao ritmo de brutal death que caracterizou o passado de alguns dos elementos deste novo colectivo nacional. E quando aos vinte segundos o tema já está apenas na voz e no *groove* do baixo, percebe-se a segurança da idade, poucos sons resultam sempre melhor que uma maratona de *layers*, típica de adolescentes. Nestes primeiros minutos dos treze que dura este EP em forma de cassete, podem-se resumir os Grindead: death tão brutal quanto *groovy*, veterania associada à qualidade de execução. A isto soma-se uma boa qualidade de composição e diversidade na abordagem. Seis temas, contando com a *intro*, entre um e três minutos. Edição em cassete. Um conjunto de cinco datas. Assim foi feita a apresentação de um grupo que pode trazer muito, por cá, a uma cena death estagnada. Toda uma cartilha de como fazer as coisas, e ainda há a música! [8] E.F.

## HATE

«Auric Gates Of Veles»

[Metal Blade]

Embora poucos o reconheçam, os factos dizem-nos que os Hate são uma das mais antigas e profícuas bandas polacas no universo do metal extremo. Formados em 1991, no mesmo ano dos seus compatriotas Behemoth, se bem que o destino e o actual estatuto de ambas as bandas é, como sabemos, diametralmente diferente. Fiéis a si próprios e confinados a um reduto underground do qual têm vindo lentamente a emergir, os Hate estão longe do mediatismo alcançado por Nergal e seus pares, embora, e em abono da verdade, nunca o tenham procurado de forma demasiado obsessiva. Ao seu 11.º álbum de originais, a banda liderada por Adam The First Sinner surge igual a si própria, quer a nível estilístico, quer a nível qualitativo, que é como quem diz em grande forma. A gigante Metal Blade reconheceu-o e coloca a sua chancela em «Auric Gates Of Veles», um portento de death metal técnico e maléfico, no qual o legado dos Morbid Angel continua a ser um encorajamento que parece ter levado muito boa gente na Polónia a pegar em instrumentos e a formar uma banda algures nos anos 90. Sem surpresas face ao antecessor «Tremendum», que, perdoem-nos o comentário fácil, foi um tremendo disco, «Auric Gates Of Veles» tem na sua impressionante muralha sonora, na sua negra e fria envolvência e num festim de vertiginosas guitarras e poderosos *blastbeats* motivos mais do que suficientes para que os Hate continuem a ser uma referência de credibilidade e honestidade no que ao death metal europeu diz respeito. [7.5] R.A.

## HEILUNG

«Futha»

[Season Of Mist]

Depois de uma reedição e de um álbum ao vivo, chega agora a altura do primeiro disco de originais para a Season Of Mist dos Heilung. Oriundos do norte da Europa, têm vindo a traçar um percurso artístico evocativo do folclore da Idade do Ferro, explorando com uma boa dose de liberdade criativa, cânticos, atmosferas e padrões rítmicos de um tempo que já não é o nosso. É verdade que são o tipo de proposta que exige aquela aceitação, por vezes evasiva, da suspensão da descrença (sobretudo pela forma como se apresentam em palco), mas quando essa "fronteira" é ultrapassada conseguem realmente evitar aquela "armadilha" de serem vistos apenas como um *gimmick*. «Futha» pode ser entendido como uma versão "solar" do anterior «Ofnir»: onde «Ofnir» tinha como linha condutora uma certa noção de "masculinidade", com um imaginário lírico levantado de inscrições runicas presentes em armaduras e armas de guerra, «Futha» tem como matriz a poesia ancestral islandesa, utilizada para fins mágicos e com vozes predominantemente femininas. No contexto do imaginário ritualístico do trio, quase que se pode olhar para aquilo que têm vindo a fazer como uma *gesamtkunstwerk,* uma obra de arte total – e isso é sempre motivo de interesse. [6] J.R.


Piranha
Loja de Música
c.c. Parque Itália, Loja 73 (à Boavista) - R. Júlio Diniz, 752 - 1º - 4050 012 PORTO
Metro: Casa da Música Telef: 22 6091004 email: piranhacd@gmail.com
DEATHSPELL OMEGA - THE FURNACES OF PALINGENESIA
VALBORG - ZENTRUM (ED. LDA)
LICE (SHINING) - WOE BETIDE YOU
MISPYRMING - ALGLEYMI
AMON AMARTH - BERSERKER (ED. LDA DIGIPACK)
OCTOBER TIDE - IN SPLENDOR BELOW (ED. LDA)
DARKTHRONE - OLD STAR
GAAHLS WYRD (GORGOROTH, WARDRUNA) - GASTIR GHOSTS INVITED
DRUDKH - A FEW LINES IN ARCHAIC UKRAINIA (ED. LDA)
KAMPFAR - OFIDIANS MANIFEST (ED, LDA)
FLESHGOD APOCALYPSE - VELENO (ED. LDA CD+DVD)
BARONESS - GOLD & GREY
NEAL MORSE - JESUS CHRIST - THE EXORCIST
TIMO TOLKKI'S AVALON - RETURN TO EDEN
TURILLI / LIONE RHAPSODY - ZERO GRAVITY (REBIRTH)
DEATH ANGEL - HUMANICIDE
GLORYHAMMER - LEGENDS FROM BEYOND THE GALACTIC
SAINT VITUS - SAINT VITUS
POSSESSED - REVELATIONS OF OBLIVION
NOCTURNUS AD - PARADOX
PISSGRAVE - POSTHUMOUS HUMILIATION (CAPA NÃO CENSURADA)
MEMORIAM - REQUIEM FOR MANKIND
INTER ARMA - SULPHUR ENGLISH
VALE OF PNATH - II
MISERY INDEX - RITUALS OF POWER
EARTH - FULL UPON HER BURNING LIPS
PERIPHERY - PERIPHERY IV: HAIL STAN (ED. LDA)
PELICAN - NIGHTTIME STORIES
WASTE OF SPACE ORCHESTRA (ORANSSI PAZUZU) - SYNTHEOSIS
MESARTHIM - GHOST CONDENSATE
HOWLING VOID - BLEAK AND EVERLASTING
MY DYING BRIDE - A HARVEST OF DREAD BOX
ULVER - DRONE ACTIVITY
www.piranhacd.com
1349 - DØDSKAMP
ABBATH - OUTSTRIDER
HEILUNG - FUTHA
DRASTUS - LA CROIX DE SANG (ED. LDA)
ROTTING CHRIST - THE HERETICS (ED. LDA BOX/CD)
SUNN O))) - LIFE METAL
INCANTATION - UPON THE THRONE OF APOCALYPSE 2019
HOLOCAUSTO CANIBAL - ASSINTONIA HERTZIANA
RINGWORM - DEATH BECOMES MY VOICE
FIRESPAWN - ABOMINATE
NUMENOREAN - ADORE
BEHEADED - ONLY DEATH CAN SAVE YOU
ENTHRONED - COLD BLACK SUNS
BELZEBUBS - PANTHEON OF THE NIGHTSIDE GODS
MOONSPELL - SCORPIO FLOWER (ED. LDA RSD 2019)
DEVIN TOWNSEND - EMPATH (ED. LDA 2CD)
MANOWAR - THE FINAL BATTLE I
AXEL RUDI PELL - XXX ANNIVERSARY LIVE
JORN - LIVE ON DEATH ROAD 2CD / DVD / BLURAY
DEMONS & WIZARDS - DEMONS & WIZARDS TOUCHED BY THE CRIMSON KING
KREATOR - LIVE AT DYNAMO OPEN AIR 1998
ENVIAMOS À COBRANÇA PARA TODO O PAÍS E ILHAS
Todos os titulos que estão na Loud, estão disponiveis na Piranha
Abertos todos os dias, ininterruptamente das 11 às 21h
Domingos e Feriados das 15 às 19h

## ICED EARTH

«Enter The Realm EP»
[Century Media]
Há 30 anos, os Iced Earth apresentavam-se ao mundo com a sua primeira *demo tape*, depois de um breve percurso enquanto Purgatory. Pela primeira vez alguns privilegiados puderam ouvir malhas como «Colors», «Iced Earth» (que, pessoalmente, ainda me arrepia positivamente cada vez que a oiço) ou «Curse The Sky». Juntamente com o instrumental «Solitude», estes temas fariam parte do auto-intitulado primeiro álbum da banda de Jon Schaffer um ano depois. Este EP faz parte de um conjunto de edições em vários formatos dessa *demo*, e é sem dúvida um item indispensável para qualquer fã da banda. Mais não seja por conter duas faixas que não apareceram no disco de estreia: a instrumental «Enter The Realm» e a, sinceramente mediana, «Nightmares». No seguimento da reedição do EP dos Purgatory no ano passado, parece que vamos assistir a um conjunto de reedições do catálogo inicial dos Iced Earth nos próximos anos. [8] C.G.

## KRYPTS

«Cadaver Circulation»
[Dark Descent]
Os Krypts são parte de uma praga que tem vindo a crescer nos últimos anos – no entanto, ainda há males que vêm por bem. Apesar deste revivalismo do death/doom estar cada vez mais sufocante, com bandas e lançamentos novos quase todos os dias, muitas delas a soarem à cópia, da cópia, da cópia de Incantation e sabe-se lá mais o quê, há algumas que fogem à regra. Os Krypts conseguem um equilíbrio entre melodias incisivas e riffs abismais, garantindo que a produção não limpa a sujidade de cada um dos instrumentos. Falar tema a tema torna-se quase desnecessário, já que cada um deles converge para um único objectivo, bem definido logo de início, com «Sinking Transient Waters». A banda tem uma capacidade de articulação incrível, não só a nível do instrumental como entre cada música – a energia concentra-se ao longo de cada um dos temas, fluindo naturalmente para o próximo, e para além disto, conseguem construir aquela ambiência quase alienígena, hipnotizante sem cair num *cliché*. São seis temas que vão para lá do virtuosismo técnico – o som é putrefacto, do ínicio ao fim e não oferece tréguas em parte alguma. À semelhança dos americanos Spectral Voice, os Krypts são, definitivamente, uma das bandas que ditam como o death metal deve soar hoje em dia. [8.5] M.L.

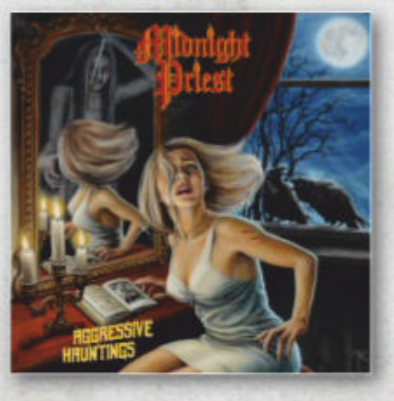
## MEMORIAM

«Requiem For Mankind»
[Nuclear Blast]
Ao terceiro álbum, já está na altura de nos mentalizarmos de uma coisa – os Memoriam nunca vão ser os Bolt Thrower. Isso, francamente, é algo com que nunca devíamos ter perdido muito tempo. Sim, o Karl Willets é o vocalista da banda, os músicos que o acompanham têm todos créditos já firmados na cena, mas os Bolt Thrower são os Bolt Thrower. Por terem sido eles a inventar aquela abordagem cheia de balanço ao estilo de um tanque que destrói tudo no seu caminho, por terem sido eles a desenvolver de forma mais profunda a temática bélica no death metal e, basicamente, por terem sido os primeiros numa série de coisas, os Memoriam, por muito bons que fossem, não conseguiriam ultrapassar uma fasquia tão elevada. Dito isto, e para não vos matar já a esperança que ainda pudesse restar, é em «Requiem For Mankind» que o quinteto parece ter atingido por fim o seu equilíbrio, depois dos poucos inspirados «For The Fallen» e «The Silent Vigil». O tema de abertura, «Shell Shock», tem um andamento capaz de pôr o ouvinte mais incauto em sentido e, ao longo dez temas que perfazem o disco, os músicos desenvolvem essa fórmula, maioritariamente a meio tempo, sempre colossal, com as doses certas de melodia e os ganchos no sítio. O resultado é um competente registo de death metal enraizado na tradição dos 90s, que nunca chega ao nível de um «The IV$^{th}$ Crusade» ou um «For Victory», mas que prova que os Memoriam podem ser mais do que um mero *faits-divers*. [7.5] J.M.R.

# MIDNIGHT PRIEST

## «Aggressive Hauntings»

[METAL ON METAL]




Quem acompanha minimamente o metal nacional ao longo da última década certamente já se terá cruzado, em disco ou em palco, com os Midnight Priest. De alguma forma, todos terão uma ideia formada sobre o que esperar da banda de Coimbra e, supomos, alguma curiosidade em ouvir o que nos propõem a cada novo trabalho. Após o falatório gerado em torno do álbum homónimo de 2011, as atenções focaram-se em «Midnight Steel» e no desafio que este constituía para a banda e para o escrutínio dos seus seguidores ao operar uma mudança de vocalista e ao abandonar a língua portuguesa enquanto forma de expressão de letras que, em conjunto com a própria sonoridade, remetem a banda para o imaginário Mercyful Fate. Após alguma resistência e estranheza inicial, «Midnight Steel» foi sendo digerido pelo público e reconhecido o seu valor enquanto um portentoso e despretensioso disco de heavy metal tradicional. Praticamente cinco anos volvidos e chegamos a «Aggressive Hauntings», um disco que aprimora a fórmula apresentada no seu antecessor, que abandona definitivamente o português enquanto forma de expressão e que se intromete num universo onde pontificam nomes sagrados do heavy metal sem dever nada a muitos deles. A estrada e os anos entretanto volvidos conferiram maturidade aos Midnight Priest e isso torna-se palpável pela naturalidade com que refrães enormes e absolutamente viciantes se sucedem num turbilhão onde estão presentes todos os ingredientes que constituem o âmago do heavy metal. Passada a sensação e a curiosidade inicial, os Midnight Priest são hoje uma certeza nacional e um caso sério na projeção internacional que paulatinamente vão adquirindo, constituindo «Aggressive Hauntings» o ponto de rebuçado de uma carreira que se adivinhou especial desde o seu início. [8] R.A.

## NEBULA

«Holy Shit»
[Heavy Psych Sounds]
O regresso dos Nebula aos discos, após uma década, arranca com uma malha algures entre o psych e o stoner, fica marcado por este «Holy Shit» que surge depois da reedição da obra completa do grupo e de uma série de aparições do trio, incluindo em Portugal. Na realidade, quando hoje se fala de Nebula, apenas Eddie Glass está lá, pois o trio sempre esteve em constante mutação. Como disco, «Holy Shit» está dentro do que já foi feito pelo grupo, eventualmente com uma produção mais virada para o psych que para desert rock, como se constata em «It's All Over». Para o velho espírito está lá a longa «Tomorrow Never Comes», mas o grande problema dos Nebula é que entre o fim em 2010 e o regresso em 2017, muita coisa mudou na cena em que o trio se movia, e os festivais por onde a nova formação se foi movimentando podiam ter servido de amostragem. Infelizmente para o grupo de Los Angeles, hoje faz-se melhor que o que se escuta aqui, talvez por isso este primeiro disco desta nova vida acabe a soar estafado. [7] E.F.

## NIHILITY

«Thus Spoke The Antichrist»
[Black Lion]
Blackened death metal é como o quinteto portuense se apresenta nesta sua estreia pela sueca Black Lion,

e como faz questão de se destacar no grande autocolante vermelho na edição em CD. Falha a informação que o death metal do grupo vem impregnado de tecnicismo, patente no excelente trabalho de bateria e nos solos de guitarra que pontuam em temas como «Shallow Ataraxia», uma das melhores faixas do disco, e em que a voz resulta melhor. A entrada, com «Indulge Self Restraint» é death do mais brutal, mas aqui e ali o álbum refina-se, revelando um colectivo com uma boa margem de progressão. Por vezes entrando numa toada mais épica, que uns Immortal, ou uns Primordial de outras épocas, não desdenhariam, outras puros e duros como no caso de «Abeyance Of Own», um tema que tem tudo para resultar brutal ao vivo, os Nihility são servidos por uma boa produção. Resta saber como o colectivo corresponderá em palco. [7.5] E.F.

## PELICAN

«Nighttime Stories»
[Southern Lord]
Relembremos os Pelican de há uns anos atrás, 2013 para ser mais exacto, quando lançaram o seu último álbum «Forever Becoming» – uma banda cansada, aparentemente sem ideias, deslocada no tempo (convenhamos que este tipo de post metal, chamemos-lhe assim, está em forte decadência há mais de dez anos), acabada de perder o seu guitarrista fundador Laurent Lebec, e com um disquinho chocho em mãos. Não eram os melhores prospectos, de todo, e se não nos falha a memória, ao analisarmos o EP «The Cliff» nestas páginas, em 2015, que tinha um tema com voz, até sugerimos se não era altura de uma reinvenção completa dos Pelican. Pois bem, pelos vistos o que precisavam era de tempo e descanso. E de viver mais um bocado, também, e nem nos referimos só às coisas boas. Nestes anos todos que passaram entretanto, o guitarrista Dallas Thomas (que substituiu Lebec) perdeu o pai, e fez de «WST», uma das suas primeiras composições para a banda, uma homenagem, e o outro guitarrista, o fundador Trevor de Brauw, viu Jody Minnoch, o vocalista da sua outra banda, os Tusk, falecer inesperadamente, o que fez com que desse a este álbum dos Pelican o título que Tusk iriam usar no seu próximo álbum, «Nighttime Stories». Para equilibrar os pratos da tragédia, três dos membros da banda tiveram filhos neste período também, e conforme os próprios confessam, foram todos estes acontecimentos de luz e sombra que ajudaram a colorir um álbum que, realmente, e felizmente, faz regressar os Pelican do antigamente, os Pelican relevantes, os Pelican pesados, dinâmicos e viciantes. Os Pelican que, admitimos, afinal não precisam de ninguém a cantar para continuarem a fascinar e a inovar. Quando os irmãos Barry e Larry Herweg, a monstruosa secção rítmica, carregam os temas com uma força monolítica mas também cheia de subtilezas, e os dois mencionados guitarristas vão criando em cima dessa base colossal os seus riffs gigantes, harmonias inspiradoras e truques excitantes uns atrás dos outros, a magia acontece por si só. Não pensamos em vocalistas, nem no estado do post metal, nem noutras bandas, nem em mais nada. Sejam bem (re)vindos, caros pelicanos. [8] J.C.S.

## PINKISH BLACK

«Concept Unification»
[Relapse]
Pregaram-nos um susto há uns meses, os Pinkish Black. Mais especificamente, o seu vocalista e teclista, Daron Beck, de 42 anos, que teve dois ataques cardíacos em Agosto de 2018 (pelos vistos é o que acontece a quem fuma dois maços por dia desde os onze anos, segundo o próprio relatou posteriormente), numa altura em que as notícias que queríamos ler seriam apenas sobre quando poderíamos finalmente ouvir música nova depois de devidamente fascinados por «Bottom Of The Morning», o maravilhoso disco de 2015 do duo de Fort Worth, no Texas. Felizmente, Beck não só sobreviveu, quebrando com o percurso de tragédia desta banda (recorde-se que os Pinkish Black surgiram das cinzas dos The Great Tyrant, que acabaram depois do suicídio do seu baixista, Tommy Wayne Atkins), como consta que mudou de hábitos, está aí para as curvas, e tem agora este «Concept Unification» para o provar. E de facto, é um sucessor digno do tal «Bottom Of The Morning». Mantendo as mesmas características base do duo, com os sintetizadores muito "setentistas" a carregarem a maior parte das melodias, enquanto ritmos e riffs pesadíssimos se vão desenrolando de forma difusa, verdadeiramente psicadélica, «Concept Unification» consegue ao mesmo tempo avançar essa fórmula, tornando os temas mais concretos, mais directos, mesmo no meio do *fuzz* todo e das vozes longínquas. Tão doom como psych, tão 70s como 2010s. Às vezes fazem lembrar os NOTHING, às vezes o Scott Walker, mas são mesmo só pinceladas e *feelings*, porque mais ninguém soa aos Pinkish Black. Arranjem lá aí meia dúzia de bandas formadas nesta década de quem se possa dizer o mesmo. [9] J.C.S.

## RAVENSIRE

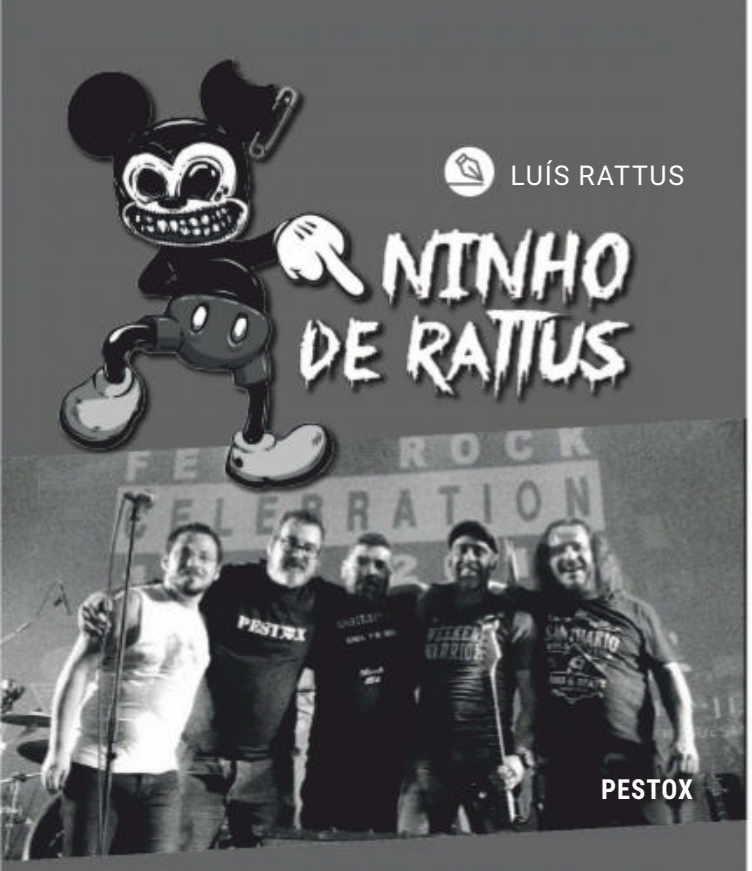
«A Stone Engraved In Red»
[Cruz Del Sur]
A escolha por um nicho dentro de um nicho, o epic power metal, acumulando com a pouca popularidade do mesmo entre fãs nacionais e, em particular, programadores de festivais, leva a que os Ravensire tenham pouca repercussão cá por dentro. É pena que tal aconteça porque aquilo que eles fazem resulta bem e tem qualidade. Um purista poderá reclamar que «The Games Of Titus» ou «Thieves Of Pleasure» soam demasiado modernas, mas essa é mesmo uma das características a valorizar em Ravensire, a capacidade de pegar num som que teve uma época e introduzir um trabalho de composição e produção que o transporta para a actualidade. Com «After The Battle» dedicado à memória de Mark Shelton, e o próprio tema-título também referente a um amigo do grupo, Hartmuth Schindler, o disco arranca com um tema que bem poderia figurar na banda sonora de «Vikings» e isso só revela como Ravensire consegue tornar actual o epic power metal. [8] E.F.

## RHAPSODY, TURILLI/LIONE

«Zero Gravity (Rebirth And Evolution)»
[Nuclear Blast]
Para alguns ainda faz confusão existirem duas bandas que seguem o legado dos Rhapsody mas a verdade é que ambas são dignas ramificações do legado deixado pelos criadores de álbuns como «Legendary Tales» ou «Symphony Of Enchanted Lands». Pouco depois de Alex Staropoli editar «The Eighth Mountain» com os Rhapsody Of Fire, Luca Turilli aproveita o sucesso da digressão com Fabio Lione (que passou por Vagos em 2017) para surgir com um novo disco destes Rhapsody de Turilli e Lione. Para além destes, temos na bateria Alex Holzwarth, outro ex-elemento dos Rhapsody Of Fire que, tal como Lione, mudou de lado, o baixista Patrice Guers que acompanhou Turilli na cisão da banda em 2011 e o habitual colega de Turilli na outra guitarra Dominique Leurquin. Musicalmente, a linha seguida não foge muito do power metal sinfónico, embora com uma sonoridade mais pesada e mais influenciada pelo metal progressivo que os outros Rhapsody. Destacam-se «D.N.A. (Demon And Angel)» que conta com a participação vocal de Elize Ryd (Amaranthe), «Zero Gravity», «Multidimensional» ou «I Am» com Mark Basile dos DGM. [7.5] C.G.

## SOLAR CORONA

«Lightning One»
[Lovers & Lollypops/Ya Ya Yeah]
Chega-se à terceira faixa deste álbum de estreia dos barcelenses Solar Corona e faz-se um *click*. Aí pelos dois minutos de «Rebound», continua-se imerso numa *jam* que já vem de «Love Is Calling», quando tudo pára, um teclado arranca, segurando a melodia, logo evoluindo para um momento *Floydiano* em que um saxofone nos leva até «Wish You Were Here». Já no lado B deste vinil, «Behive», evolui pelo psych rock de guitarra e baixo transmutando-se com um *feedback* que acelera o tema e entrega nas mãos de um ritmo de bateria que vai chamando outros instrumentos à *jam*. Totalmente instrumental, este trabalho de seis temas aposta de facto na *jam* e parece, aci-




Nascidos em 1992 e renascidos em 2002 depois de uma pausa, os **PESTOX** são um caso estranho no panorama *punk-rocker* nacional, pois apesar da longevidade e do culto criado à sua volta na margem sul, particularmente em Almada a sua terra natal, nunca conseguiram explodir para fora do seu ninho, nem nunca tiveram consistência editorial. Na realidade, este «Ao Vivo No Ponto De Encontro» é apenas o segundo registo, após o cd demo «Pestox» de 2004. Como o nome indica, trata-se de um CD ao vivo, revisitando toda a sua carreira, captado em 11 de Novembro de 2017 no Ponto de Encontro em Cacilhas. Dezassete temas, com uma qualidade bastante elevada para gravação ao vivo, onde se desfila o punk rock *soft* característico da banda, com influências de rock *portuga* de nomes como Xutos & Pontapés.

Não é muito fácil uma banda agarrar a atenção à primeira audição, mas os norte-americanos **VIS VIRES** tiveram essa capacidade! Com membros de bandas consagradas como The Templars, Bovver Wonderland ou The Hardknocks, conseguiram criar um som distinto com temas sólidos cimentados em *leads* de guitarra contagiantes, riffs do mais apurado oi! e coros empolgantes. «The Wolves» teve uma primeira edição limitada em cassete pela Battle Scarred Records e vê agora a luz do dia em vinil num 7" co-editado pela The Firm Records, Contra Records, Common People e Battle Scarred. Excelente EP que abre excelentes perspectivas para o futuro deste promissor projecto que vem este ano à Europa para fazer algumas datas.

A verdadeira fábrica de bandas que é a cena oi! francesa e muito em particular a de Paris, não pára de deitar coisas boas cá para fora. Mais uma vez com as raízes na BSC nascem agora os **FACTION S** com algumas caras conhecidas de outros grupos da mesma cidade como Bromure, Rixe, Outreau ou Tchernobyl. «Demo 2019» é a carta de apresentação da banda, saindo como *demo tape* limitada a 100 cópias que rapidamente esgotou, através da Le Diable Au Corps. O som é claramente influenciado pelas bandas mais obscuras do oi! francês dos anos 80. Em breve sairá uma versão em vinil 12".

Já aqui falámos deles e já foi referido que os **LA INQUISICIÓN** lançaram um dos melhores álbuns dos últimos tempos: «LVX». Para quem não foi a tempo de adquirir os EPs lançados anteriormente, o *self titled* de 2015 e «Verdadera Fe» de 2016, surge agora a hipótese com «Guerra Total». Lançado pela Contra Records e HFMN trata-se de um duplo 7" numa edição luxuosa com *gatefold*, que junta então os dois primeiros EPs numa oportunidade única de completar agora a discografia dos catalães. Punk rock de liga dos campeões, riffs contagiantes, coros fantásticos, som directo e coeso, sem espinhas.

ma de tudo, servir de mote para uma festa maior em palco, onde teclas e saxofone poderão oferecer mais do que aquilo que aqui aparece, ficando o convite bem expresso nos minutos finais do disco, na última metade de «Gold Ray», faixa apoteótica que encerra este registo em alta. [7.5] E.F.

## SUTEKH HEXEN

«Sutekh Hexen»
[Sentient Ruin]
Os Sutekh Hexen fizeram algumas ondas no underground quando apareceram há quase uma década, numa altura em que já se começava finalmente a dar o valor devido à desconstrução que pessoal como Gnaw Their Tongues, Wold ou Darkspace andava a aplicar ao black metal, armados de maquinaria, noise e mau feitio. A fertilidade inicial de lançamentos («Luciform», «Larvae» e «Behind The Throne», no espaço de menos de um ano entre 2011 e 2012) deu, no entanto, lugar a uma inesperada travessia do deserto, durante a qual os Sutekh Hexen foram perdendo membros e editando um EP ou outro só para mostrar que ainda estavam vivos (sem lhes tirar o valor, mas desta banda nós queremos é discos a sério, fáxavor). Reduzidos agora à sua expressão mais simples, o duo Demian Johnston (que foi dos Kiss It Goodbye, e que está agora nos Great Falls, imagine-se) e Kevin Gan Yuen, o que também ajuda a explicar terem decidido fazer desta espécie de álbum de regresso um *self-titled*, os Sutekh Hexen parecem ter mergulhado de cabeça naquela que é a sua verdadeira essência – a expressão máxima da angústia e da crueldade. Os pontos de referência sonoros mantêm-se os mesmos, mas «Sutekh Hexen» é uma versão mais crua, mais directa e ainda mais desagradável da banda que conhecíamos, isto apesar da duração relativamente elevada do disco (quase uma hora, que demora muito a passar, o que neste caso é uma coisa boa), e como consequência muito mais eficaz nos seus intentos também. Numa comparação mal amanhada, é um bocado a mesma mentalidade que os Godflesh tiveram quando voltaram ao activo, e este é o «A World Lit Only By Fire» dos Sutekh Hexen. [8] J.C.S.

## THIS GIFT IS A CURSE

«A Throne Of Ash»
[Season Of Mist]
Ao longo da última década, os suecos This Gift Is A Curse demoraram o seu tempo, mas criaram uma personalidade própria e embarcaram num multiverso musical diferente daquele que, logo no início, os viu rotulados como crust/sludge. Da destruição quase grind do EP de estreia e do *split* com Hexis, o quinteto foi-se metamorfoseando lentamente, até à criação de uma incrível amálgama de engenho musical que, apesar de negritude ritualista, recorda mais o metalcore caótico de bandas como Converge ou Botch que qualquer nome verdadeiramente *norsk*. À semelhança de «All Hail The Swinelord», que por esta altura dista já quatro anos, «A Throne Of Ash» revela-se um registo violento, vicioso e imenso, traçando uma imagem que a maioria das outras bandas do género nem sequer pega no pincel para começar a tentar pintar. Apoiados numa barragem de riffs dissonantes que remetem para a nova escola do black, nos tons graves viscosos próprios do death metal, acentos de *feedback* e num sentido rítmico próximo do power-violence, os This Gift Is A Curse assinam um disco realmente sufocante e aterrador. [7.5] J.M.R.

## TRONOS

«Celestial Mechanics»
[Century Media]
Depois de, ao longo dos anos, termos sido presenteados com o seu desdobrar de talento numa miríade de projectos paralelos como Malformed Earthborn, Meathook Seed, Blood From The Soul, Lock Up, Venomous Concept ou Born To Murder The World, seria relativamente fácil confundir os Tronos como mais uma aventura extra-curricular de Shane Embury, uma das forças motrizes dos Napalm Death desde que ingressou nos pioneiros do grindcore em 1987. «Celestial Mechanics» é, no entanto, um produto da mente de Russ Russel, parceiro de Embury nos Absolute Power e produtor de renome, famoso pela sua associação às lendas britânicas e a grupos como os Dimmu Borgir e At The Gates. Pois bem, na estreia desta nova aventura musical, a dupla faz-se acompanhar por Dirk Verbeuren, o actual baterista dos Megadeth, ex-Scarve e Soilwork, entre outros. O resultado desta simbiose será, certamente, surpresa para quem esperava uma descarga de brutalidade veloz, sendo que o trio se atira de cabeça a uma sonoridade consideravelmente mais expansiva, ampliada na diversidade estilística por convidados como Snake (dos Voivod), Troy Sanders (dos Mastodon), Billy Gould (dos Faith No More), Dan Lilker (dos Nuclear Assault) e Erica Nockalls (dos The Wonder Stuff). O resultado tanto traz à cabeça os Strapping Young Lad como os Killing Joke ou os Cocteau Twins, numa amálgama futurista de peso e atmosferas *sci-fi*. [7] J.M.R.

## UIVO BASTARDO

«Clepsydra»
[Ethereal Sound Works]
Reunindo gente com ligações a nomes mais ou menos conhecidos da cena nacional, como é o caso de Concealment, Collapse Of Light ou Kronos, os portugueses Uivo Bastardo formaram-se em 2017 enquanto projecto apostado em marcar desde logo a diferença ao adoptar o português nativo enquanto idioma para vociferar as letras de «Clepsydra», o disco de estreia do colectivo lisboeta. O rock duro, melódico e de tons subtilmente industriais confere robustez a essas letras e, pese embora o facilitismo da associação, leva-nos a estabelecer alguns paralelismos com a negritude visceral de uns Bizarra Locomotiva ou, porque não, a uma versão mais dura e pesada de uns Mundo Cão. Esses paralelismos são visíveis, sobretudo, no que à forma enraivecida com que Hélder Raposo expurga a sua raiva através de letras que exploram temas como o desencanto e a misantropia de forma honesta e convicta. No entanto, não se espere por aqui o imaginário assumidamente industrial e maquinal dos autores de «Bestiário», mas antes uma abordagem mais orgânica e incisiva ao âmago do rock tão duro quanto melódico, irrompendo de forma tão natural quer por acessos de raiva controlada, quer por uma envolvência mais negra e melancólica que bebe ao legado mais sintético e industrial de Kronos. Sem gerar um impacto retumbante às primeiras audições, «Clepsydra» reúne, no entanto, predicados mais do que suficientes que nos prendem e levam a insistir na sua audição, ao ponto de suscitar um crescente interesse e entusiasmo por um disco de estreia que deixa sinais muito positivos. [7] R.A.

## VALARAUKAR

«Demonian Abyssal Visions»

[Iron Bonehead]

Quando uma editora tende a ganhar tanta atenção num tempo relativamente pequeno, podemos estar perante um caso de *hype*. No entanto, é certo que esse *hype* tem de vir de algum sítio e, por sinal, a Iron Bonehead tem realmente cuspido cá para fora alguns lançamentos que certamente marcaram a última década. Se «Demonian Abyssal Visions» é candidato a isso? Assim de repente, talvez não. A atmosfera fervilha com *double kicks*, riffs efervescentes e impiedosos e uma voz ríspida que proclama cânticos de pura hostilidade, mas na verdade, soa tudo um pouco familiar, até mesmo a produção. Tudo converge para uma *checklist* que facilmente é aplicada a uma boa parte dos discos que saíram nos últimos anos. No entanto, dentro desta lista, é um álbum bastante audível (e repetível!): um pouco por todos os temas, a fórmula repete-se. Prende-nos com a alternância entre furiosíssimos *blastbeats* e riffs abismais, lentos e perfurantes embutidos na, já altamente referenciada, cena dos anos 90 – é quase inevitável que não se beba da influência desta. [7] M.L.

## VAURA

«Sables»

[Profound Lore]

«Sables», o novo álbum dos norte-americanos Vaura, começa por apresentar-se como uma espécie de incógnita – leia-se "*faz lembrar qualquer coisa que não conseguimos bem associar*". O andamento enleante, os arranjos esparsos mas luxuriantes, os espaços enormes entre as notas e os instrumentos a fazerem crescer a atmosfera, tudo nos traz à memória algo familiar. Depois, aí à terceira ou quarta audição, dependendo da perícia do ouvinte, faz-se luz. «Zwischen» traz, por fim, a memória à tona – é dos Ulver que nos lembramos. Vêm de imediato à cabeça, imagens de um Garm já muito afastado dos primeiros anos no projecto, apostado em quebrar barreiras, mas ainda na fase mais *Floydiana*. As semelhanças entre os dois grupos tornam-se óbvias, sobretudo a semelhança entre alguns trejeitos vocais, mas felizmente um colectivo deste calibre – figuram aqui actuais e ex-elementos dos Kayo Dot, Tombs ou Dysrhythmia – não se poderia limitar ao óbvio. É exactamente isso que os músicos, gente que já passou por alguns dos mais vanguardistas projectos de Brooklyn, fazem, abandonando de vez as tendências mais extremas que ainda davam um ar da sua graça no anterior «The Missing», para se focarem em referências mais progressivas e na exploração de melodias que, entre a pop, o post punk versão séc. XXI dos Publicist UK e o goth rock, se revelam tão pegajosas quanto orelhudas. [8] J.M.R.

## VULTURE

«Ghastly Waves & Battered Graves»

[Metal Blade]

No que ao revivalismo thrash/speed metal diz respeito, os alemães Vulture constituem uma das mais recentes e entusiasmantes propostas a emergir dentro do género. O quinteto, que parece saído de uma qualquer cápsula do tempo que os transportou dos anos 80 até à actualidade, tanto a nível sonoro como de todo o imaginário que gira em torno da banda, estreou-se há dois em formato longa-duração com «The Guillotine», chegando agora a hora do sempre complicado tira-teimas do segundo álbum. «Ghastly Waves & Battered Graves» recomeça onde o seu antecessor nos havia deixado e outra coisa não seria de esperar. As histórias de terror continuam a ser o mote lírico para composições que tanto bebem da vertigem do speed metal de uns Razor ou Exciter, como do thrash metal teutónico da escola Destruction ou, porque não, da irreverência norte-americana de uns Whiplash ou Nuclear Assault. Solos virtuosos, riffs que impelem ao *headbanging* desenfreado, refrães e coros mais ou menos orelhudos e um vocalista que se atira frequentemente para agudos capazes de gerar amores e ódios em igual proporção, constituem a base daquilo que nos é servido em «Ghastly Waves & Battered Graves» com talento e a convicção inabalável de quem parece viver na década errada. Sangue novo, velhos hábitos. A linhagem está visivelmente assegurada. [7.5] R.A.

## WHITESNAKE

«Flesh & Blood»

[Frontiers]

David Coverdale teve uma das vozes maiores do hard rock. Aos 70 anos já não se espera que esteja lá, mas espera-se que tenha sido substituída pelo bom senso. É complicado ver um *single* como «Shut Up & Kiss Me» coberto de coros, a cargo do teclista Michele Luppi, e David escondido entre solos de guitarra e efeitos. Tendo sempre sabido rodear-se de excelentes músicos, Coverdale há alguns anos que insiste em apostar nas velhas fórmulas que permitiram o reconhecimento na época áurea da MTV, e explorando ao vivo a popularidade dos Deep Purple. Haverá hoje espaço para estes Whitesnake em que os fãs apenas reconhecerão o nome de Tommy Aldrige? Mesmo que Reb Beach e Joel Hoekstra sejam excelentes executantes, deixam sempre a sensação de músicos de bandas de *covers*. Depois há a qualidade da composição, claramente estafada, atente-se a «When I Think of You», balada reciclada que não faz sentido em 2019. Há um passado que «Flesh & Blood» não respeita, e é pena. [5.5] E.F.

## YAWNING MAN

«Macedonian Lines»

[Heavy Psych Sounds]

Benditos sejam aqueles que em sons mais que saturados encontram o caminho para a inovação! «Macedonian Lines» é o mais recente trabalho dos Yawning Man e, mais uma vez, a banda mostra-nos porque é que a cada álbum que lança é como se uma súbita brisa esfriasse o deserto. «Virtual Funeral» inaugura uma viagem de 30 minutos – uma guitarra começa a soar, numa melodia um pouco melancólica, meio adormecida; mais tarde, um dedilhar suave, que eventualmente dá lugar a um piano que acompanha a melodia principal. "Suave" é um excelente adjectivo para este último trabalho dos Yawning Man. As guitarras são delicadas e a bateria que a acompanha não assoberba tudo num frenesim desnecessário, o que confere um estado de paz de alma absolutamente necessário num fim de tarde em que o *stress* afecta todos os sentidos. Vejamos o *reverb* de «Melancholy Sadie», que nos embala em total rendição entre harmonias no piano, na guitarra, no baixo (que repete a guitarra e que nos hipnotiza) – é impossível não criar uma ligação com a simplicidade do grupo. E eis que! Termina a calma, vem a tempestade – menos intempestiva, mas mais intensa. Como? «Bowie's Last Breath» soa introspectiva, um baixo que marca uma tonalidade mais pesada, e a atmosfera perde o oxigénio por um minuto, até que voltam a entrar as bonitas melodias anteriores permitindo, exactamente, um último suspiro. Nas últimas duas músicas a mesma onda de misturar atmosferas mais pesadas, densas até, mantém-se: «I'm Not A Real Indian (But I Play One On TV)» e «I Make Weird Choices» encerram um álbum de muito experimentalismo, de novos caminhos e novos ares para a banda norte-americana e, uma coisa é certa, o caminho que parecem ter seguido é, mais uma vez, imensamente fértil. [8] M.L.

POR JOSÉ RAPOSO

# UM PUNK CHAMADO RIBAS

FOTO: KISMIF ARCHIVE | BÁRBARA CABRAL

Realizado por Paulo Antunes e estreado na ultima edição do festival de cinema Indie Lisboa justamente no dia de aniversário de João Ribas, que em 2019 faria 54 anos , o documentário «Um Punk Chamado Ribas» recolhe um conjunto alargado de testemunhos de amigos, colaboradores, jornalistas, e outras personalidades próximas ao músico com percurso pelos Ku de Judas, Censurados e Tara Perdida, para a partir daí traçar um retrato daquela que foi uma das figuras com maior relevância do punk em Portugal. Esse papel absolutamente incontornável de Ribas no contexto musical português é, para todos os efeitos, unânime, e fruto de uma dedicação constante: João Pedro Almendra, com quem Ribas se cruzou tanto nos Ku de Judas como na primeira formação dos Censurados (e por aí fora), sublinha esse lado mais "exigente" de um músico que sempre se orientou pelos seus próprios princípios. Ao intercalar imagens de arquivo cedidas pela família e pelos amigos – momentos da vida privada, mas também excertos de actuações com o seu peso histórico, sendo aqui o Rock Rendez Vous um local privilegiado (ainda assim, a legendagem das imagens de arquivo e dos concertos que vão pontuando o documentário peca por ser diminuta), com as declarações reunidas para a realização do trabalho, «Um Punk Chamado Ribas» cristaliza a imagem de Ribas enquanto ícone geracional – não deixando de ser um gesto como seu quê de "paradoxal", não deixa de fazer a sua justiça a um músico que deu uma contribuição preponderante para a banda sonora de uma geração, feito aliás singularíssimo na música portuguesa. Paula Guerra, socióloga e professora no Departamento de Sociologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sublinha a dada altura este papel decisivo do "punk de Alvalade" na agregação do espírito de uma época: Ribas terá sido justamente a pessoa mais referenciada num recente estudo académico dedicado ao punk nacional que contou com mais de 200 entrevistas. Há ainda lugar para a abordagem de temas e incidentes menos felizes, como a *overdose* que sofreu na primeira noite de dois concertos consecutivos no Johnny Guitar, ou a morte de um elemento do PSR num concerto dos Censurados, e é neste ponto em particular que se sente a hesitação entre manter o foco na "biografia" de Ribas, ou pensar naquele material de forma mais transversal. Documento histórico na medida em que reúne um conjunto de histórias contadas pelos próprios intervenientes, mas não deixa de dar a impressão de resvalar frequentemente para o território da homenagem mais "trivial" – sobressai o lado mais humano de Ribas, o "porreiraço" grande amigo dos amigos, e o músico sempre disponível e empenhadíssimo na cena onde se movia, mas falta-lhe um outro olhar, capaz de contextualizar com outro fulgor o lugar de Ribas num tempo e num espaço muito específicos.

# WHERE DOES A BODY END?

*"I'm still totally flummoxed at the fact that I even exist! It just makes no sense to me, that I'm here breathing, or that this moment, right now, just passed and it's gone. Where is it? Where am I right now? The big question is always: do I really exist?"*

Para quem tem acompanhado o percurso discográfico dos Swans ao longo dos anos a grande questão pode muito bem ser qualquer coisa como isto, ainda que em negativo: como é que pode ter existido um universo em que Swans não existiam sequer? Realizado por Marco Porsia, que durante cinco longos anos manteve uma grande proximidade com a banda, recolhendo entrevistas (de músicos de alguma forma ligados ao projecto, mas também de admiradores que vão do Devendra Banhart ao Blixa Bargeld) e acompanhando de muito perto o processo criativo do grupo, «Where Does A Body End?» é um retrato poderoso e tão justo quanto possível daquela que é seguramente uma das bandas mais agressivas da história da música. Porsia, que testemunhou momentos chave da história mais recente do grupo, nomeadamente a produção do mais recente «The Glowing Man» e da *tour* que lhe seguiu, abre uma janela para um passado que nunca deixou de fazer eco, situando-a numa Nova Iorque bem mais suja e perigosa daquilo a que se habituaram os olhos (e os ouvidos) contemporâneos. É claro que falar de Swans é sobretudo falar do fundador e principal força criativa Michael Gira, senhoras e senhores e até não será muito descabido dizer que Swans são, até certo ponto, o seu corpo de trabalho, uma extensão sonora e imaterial de uma corporalidade humana, mas com toda aquela materialidade suja e maquinal que se tem manifestado num

percurso discográfico verdadeiramente excepcional. Porsia abre o documentário com aquela interrogação inicial de Gira, para depois passar em revista os momentos charneira da banda (tantos, tantos: fabulosos aqueles primeiros tempos das *tours* com os Sonic Youth; ou a história contada – pelo Thurston Moore, nem mais – sobre a entrada de Jarboe para a banda; ou fases mais complicadas e que expressam também a cultura de uma época, como foi a assinatura por uma *major* para a gravação do «The Burning World»), colocando-os lado a lado com detalhes biográficos da vida privada de Gira (um passado pejado de delinquência subversiva e militante no coração de uma família muito norte-americana, muito exemplar, mas destruída pelo peso da tragédia), mas «Where Does A Body End?» nunca dá a sensação de ser uma espécie de "Michael Gira Show". Um dos principais triunfos do documentário passa pela forma como tudo é para ser encaminhado para a *performance* ao vivo: não só o palco é uma das principais razões de ser dos Swans, como são ainda hoje um dos nomes mais respeitáveis na arte sublime de semear caos e destruição. Absolutamente incontornável.

# Tesourinho PERTINENTE

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES STEBBA ÓSK

## FLIPPER

### «Album – Generic Flipper»

[SUBTERRANEAN RECORDS, 1982]

"*ANYONE HITS ME WITH A BEER CAN, I WANNA KILL HIM!*"
São estas as primeiras palavras proferidas por Will Shatter no disco de estreia dos Flipper – e, na verdade, isso deveria bastar para ficarem com uma ideia do tipo de abordagem antagónica ao rock que faz desta banda norte-americana uma das mais únicas da sua geração. Pelo escárnio, pela abordagem crua aos instrumentos, pelo desdém que lhes vem das gargantas e do ataque às cordas e às peles, o «Album – Generic Flipper» devia ser visto como um bastião do punk/hardcore dos 80s. Só que não. Estamos constantemente a ouvir falar dos Black Flag (eles próprios influenciados por este disco no Lado B do «My War»), Bad Brains, Youth Of Today ou Minor Threat, mas estes miúdos de São Francisco parecem ter caído pelas rachas provocadas pela passagem das décadas. Uma coisa é certa, fale-se ou não disso, as bandas mais selvagens do grunge e da Amphetamine Reptile devem-lhes um considerável quinhão, pelas ideias que roubaram. Isto é punk rock feito por miúdos com sangue na guelra e nojo pela sociedade que os rodeia, sem grandes pretensões além de darem uns concertos e, com sorte, gerarem mais uma zaragata.

"*THIS IS NOT ENTERTAINMENT, THIS IS NOT A NICE SHOW*"
Editado a 30 de Março de 1982, o «Album – Generic Flipper» (que também é conhecido como «Album, Album: Generic, Generic Flipper» ou apenas «Generic. Generic Flipper») é um registo incrivelmente incisivo. Apesar da produção rude, da falta de jeito deliberada dos elementos do grupo e da aparente inadequação para fazerem qualquer coisa que soe correcta dentro do cânone do rock, estes temas são acutilantes, talvez por nos fazerem perceber que a verdade é pesada – assim como este álbum. Tão distorcidas e repetitivas como a vida real, as canções desenvolvem-se a meio tempo, entre gracejos maliciosos ou tiradas como "*Wait… everybody start at the same time. Ready?*" (na «Nothing»), que vêm reforçar a ideia de que esta gente se estava positivamente a borrifar para as expectativas do universo em que se movia. Não é, por isso, difícil perceber porque, de lés a lés, alguém se lembra de creditar este disco como tendo inspirado as primeiras bandas de sludge. O som geral é espesso, sujo e, salvo excepções como a mais directa «Way Of The World», antagónico em partes iguais.

"*THIS IS ROCK'N'ROLL, THIS IS PUNK ROCK WOODSTOCK*"
Entre 1979 e 1987, os Flipper afirmaram-se como uma banda de culto, que sem nunca ter atingido a atenção de multidões, deixou uma marca indelével no movimento underground da música pesada. Lançando dois álbuns ao vivo e o segundo de estúdio, «Gone Fishin'», em 1984, o grupo manteve-se em actividade durante quase uma década, até à morte de Will Shatter, vítima de *overdose*, a 9 de Dezembro de 1987. Passando a década seguinte embrulhados em várias disputas legais, os sobreviventes da formação original só voltariam a juntar-se em 2002, mantendo-se até hoje ocasionalmente no activo – e, às vezes, contando com a ajuda de amigos como Dave Yow e Krist Novoselic, dos The Jesus Lizard e Nirvana. Este é, para todos os efeitos, o melhor dos álbuns da fase Shatter que, há uma década, foram finalmente reeditados em vários formatos. Longe de nós estarmos a sugerir que, na altura, a Domino já estava a prever o crescimento que bandas como Pissed Jeans e Metz sofreram nos últimos anos, mas agora, mais do que nunca, fazia sentido que os Flipper fossem recompensados com uma nova audiência.

# SWR BARROSELAS METALFEST 22

19.04.25-28 – Barroselas

SAINT VITUS
FOTOS: MARTA LOURO

**DIA 0**

São 22 anos, muitas caras familiares e outras tantas novas, quatro dias de música bem alta e uma animada comunhão entre diferentes gerações de metaleiros. É sempre bom perceber que o SWR continua bem vivo e relevante para os apaixonados pela música extrema. Talvez por ser um feriado, o "dia zero" do festival contou com mais gente do que é habitual e foi um óptimo mote para os três que se seguiriam. Os **Grog** venceram o W:O:A Metal Battle Portugal e vão estar no mítico festival alemão já este Verão, mas quem saiu a ganhar verdadeiramente foi o público, que além da potente prestação dos veteranos grinders nacionais, foi brindado por intensos concertos dos **Roädscüm** e dos **Diabolical Mental State**.

**DIA 1**

Sexta-feira, o cartaz prometia muita diversidade e o primeiro grande destaque do dia foram os nacionais **Analepsy**, que assinaram um concerto absolutamente irrepreensível. Umas horas mais tarde, Trevor Strnad, vocalista dos The Black Dahlia Murder, afirmou em palco que os Analepsy são a melhor banda de slam death metal do mundo, e a verdade é que os lisboetas justificaram o epíteto. Também devido ao que se passou imediatamente antes, mas não só, o concerto dos **Morte Incandescente** acabou por deixar a desejar, ficando na retina alguma falta de coesão. Aos **Venenum** não faltou a cola, mas o death metal com apontamentos psicadélicos dos alemães teria tido ainda mais impacto no LOUD! Dungeon, o palco secundário. Foi precisamente aí que os italianos **Grime** destilaram javardice sludge com fartura, um aperitivo perfeito para um dos concertos do festival, cortesia dos **Midnight**. Black rock'n'roll de luxo e a confirmação de que a música composta por Athenar atinge o expoente máximo em concerto. A reacção do público foi proporcional à "orelhudice" das malhas e, riff após riff, os norte-americanos contagiaram toda a plateia. Pouco depois e também no palco principal, os **The Black Dahlia Murder** mostraram, mesmo a quem não os aprecia, porque razão atingiram o patamar de sucesso em que se encontram. Numa actuação absolutamente devastadora, que teve como pontos altos os temas do fantástico «Nocturnal», a vedeta maior foi mesmo o guitarrista Brandon Ellis, que debita solos à velocidade da luz e de forma irrepreensível com a descontracção de quem está a comer tremoços. Os **Skull Fist** tinham uma tarefa hercúlea para superar o muito rodado colectivo de Detroit, mas tornaram-na fácil, assinando um dos melhores concertos de todo o festival. Saídos directamente de um vídeo-clip dos anos 80, os canadianos deram uma enérgica lição de como fazer heavy/speed metal fiel aos primórdios do género, sem soarem a uma banda meramente nostálgica. Intensos, divertidos e, acima de tudo, excelentes *performers* e executantes, os Skull Fist arrecadaram o prémio de maior surpresa desta edição. À orgânica e animada prestação da banda de Toronto, seguiu-se a frieza industrial dos britânicos **Godflesh**, que apostaram num *set* muito *groovy*, onde o gigantesco baixo de G.C.Green esteve sempre em evidência. Justin Broadrick, por seu turno, manteve-se na penumbra, escondido por trás do cabelo comprido, do microfone e da guitarra, porém capaz de invadir todo o recinto com a sua corrosiva e poderosa voz. Foi um belo concerto, a que faltou apenas um bocadinho mais de dinâmica no alinhamento.

**DIA 2**

O segundo dia arrancou com uma maligna torrente de death metal obscuro, a cargo dos **Archaic Tomb** e dos **Summon**, que assinaram prestações mais do que competentes. Era hora das bandas portuguesas brilharem e o concerto dos regressados **Namek** não deixou ninguém indiferente. O baterista Rolando Barros esteve ligado à corrente e o imponente Simão Santos liderou a insanidade grindcore com guturais profundos, apesar da preocupação constante

VENENUM

IMPERIAL TRIUMPHANT

com o resultado do jogo do Benfica. A verdade é que ninguém diria que era um concerto de reunião. Os finlandeses **Demilich** levaram-nos numa viagem a um passado longínquo, concretamente ao velhinho «Nespithe», mas apesar de terem dado um concerto competente, nunca conseguiram traduzir em palco a atmosfera sufocante e distorcida desse álbum clássico. Por isso, a meio, fomos espreitar os **Son Of Cain**, cuja fusão de Pentagram com Danzig (a voz do Nocturnus Horrendus remete cada vez mais para essa referência e para Nazareth) resulta sempre em contexto de festa. Quando os riffs são bons, não há muito mais a pedir a uma boa banda de rock. Se os Son Of Cain tiveram a capacidade de animar as hostes, os **Dopelord** vieram colocar quem resistiu em transe. Para uns terá sido boa hipnose, a estes ouvidos soaram apenas repetitivos e aborrecidos. Felizmente, seguiram-se os **Benediction**, outro dos grandes concertos do festival e um momento histórico, porque, sem sabermos, estávamos a assistir a um dos últimos concertos do vocalista Dave Hunt (já não gravará o próximo álbum) com a veterana banda britânica. A verdade é que velhos são os trapos e os Benediction estiveram a todo o gás, com o carismátivo frontman sempre muito comunicativo, com um apurado e *sui generis* sentido de humor. Cada incursão ao «Transcend The Rubicon» valeu-lhes uma efusiva saudação da plateia, que se manteve em constante movimento durante grande parte do espetáculo. Mais contemplativa foi a *performance* dos **Imperial Triumphant**, que acabaram por defraudar expectativas. A bizarria avant-garde na banda nova-iorquina soou sempre demasiado forçada e maquinal, e, talvez porque o *mood* de todo o dia fosse outro, a monotonia acabou por se instalar pouco tempo depois de começarem a tocar. Mais animado foi o concerto dos **Saint Vitus**, que tinha como grande atractivo o regresso de Scott Reagers. Apesar da boa prestação da banda liderada por Dave Chandler, que não hesitou em convidar o público para cima do placo, e de todos os malhões que tornam quase impossível um concerto de Saint Vitus ser mau, Reagers oscilou entre o muito bom e o sofrível, com pontuais desafinações que, ainda assim, não comprometeram o todo. No final da noite, destaque para a brutal aparição dos nacionais **Grindead**, com Luís Gonçalves (dos Genocide) a mostrar que quem sabe nunca esquece, e para o peso psicadélico dos **Greengo**, que foram a banda ideal para encerrar um dia intenso.

## DIA 3

O corpo já começava a ceder, mas a vontade de ver ou rever, valeu a pena mais um esforço para testemunhar a violência sonora dos **Auroch**, que ao vivo soam ainda mais dementes, sobretudo quando abrandam o ritmo. Os canadianos foram pesados, mas não puderam competir com o **Martelo Negro** que se seguiu, um dos grandes concertos do festival e um festim de riffs da escola Hellhammer/Celtic Frost que colocou muitos dos presentes de punho no ar e sorriso no rosto. O balanço dos temas mais recentes do disco «Parthenogenesis» funcionaram particularmente bem ao vivo e terão sido responsáveis por algumas das mais intensas dores de pescoço do dia seguinte. Saltou-se da festa para experimentação e não se pode dizer que o SWR seja o palco ideal para as brasileiras **Rakta**. O *vortex* psicadélico de garage rock com post punk, com guitarras sombrias e órgãos assustadores, encharcados numa reverberação fantasmagórica, criaram uma paisagem sonora demasiado difusa para o seu próprio bem. E dessa abstração desfocada passou-se para o caos organizado dos espanhóis **Wormed**, que apesar de serem igualmente impressionantes ao vivo, não conseguem reproduzir em palco a parede esmagadora que criam em álbum. Ainda assim, o que fazem é tecnicamente irrepreensível e não está ao alcance de muitas bandas. O regresso dos **Vomitory** à actividade foi muito saudado pelos fãs e os suecos fizeram questão de mostrar que não é preciso debitar 50 riffs por tema para se ser uma banda monstruosa de death metal. Com um *set* que percorreu quase todos os discos de uma respeitável – ainda que muito subvalorizada – carreira, o quarteto sueco comandado pelo monstruoso baterista que é Tobias Gustafsson esteve simplesmente perfeito, com os pontos mais altos a serem «Revelation Nausea» e a incontornável «Chaos Fury» já perto do fim. Os **Deaf Kids** sofreram do mesmo "deslocamento" estilístico das suas compatriotas Rakta, mas dotados de um potencial de selvajaria maior, mesmo assim conseguiram que a sua hipnose repetitiva meio à Swans fosse lentamente conquistando a plateia semi-despida. A expectactiva para ver os **Craft** era enorme, no entanto a linguagem corporal do vocalista Nox, como se estivesse em palco por favor, acabou por ser o reflexo de um concerto que poderia ter sido brilhante e foi apenas mediano. A banda sueca tem temas brilhantes e debitou riffs a que nenhum fã de black metal conseguirá ficar indiferente, porém nunca conseguiu criar a atmosfera niilista e a urgência de um disco como o «Fuck The Universe», por exemplo. Não foi tanto um problema de execução, mas sim de entrega, sem a paixão que se viu nuns Midnight no dia anterior. Paixão e entrega não faltou ao thrash metal das brasileiras **Nervosa**, que quase a terminar o festival conseguiram colocar em reboliço o muito público que não arredou pé. A festa final ficou reservada para os **Serrabulho**, que fizeram o serviço do costume, proporcionando bailarico a rodos. Valeu por cada minuto, mesmo os que deram para ir comer a última sandes de porco no espeto. [J.A.R.]

MORTE INCANDESCENTE

MARTELO NEGRO

MIDNIGHT

ANALEPSY

# DESERTFEST BERLIM

19.05.03-05 – Arena Berlim

**DIA 1**

Debaixo de chuva miudinha, com uns sentidos oito graus centigrados, temperaturas pouco desérticas para este acontecimento, e alguma curiosidade em perceber quais as novidades prometidas pela organização em resposta às críticas recebidas nas edições anteriores, lá arrancou, no coração da cidade, a oitava edição do Desertfest Berlim, o franchisado da marca na Alemanha, com o rio Spree como cenário de fundo. Frio e chuva não foram desculpa para se cancelarem as já habituais actividades exteriores. DJs na área *lounge*, *karaokes* em modo *rockaokes*, *biergartens* e afins... Valham-nos os casacos! Também não foi pretexto para se cancelar a primeira visível novidade do festival, um pequeno palco a bordo do barco Hoppetosse normalmente atracado em frente à Arena. No agora único palco levantado no interior da Arena, e como que se tivessem saído directamente do barco atracado no exterior vindos da Noruega, os **The Devil And The Almighty Blues**, com ênfase para os seus blues, que criaram um óptimo ponto de partida para estes três dias de festival. Seguiram-se os **Mondo Generator**, e infelizmente a qualidade do som e os problemas técnicos na guitarra de Nick Oliveri foram tão presentes que a desistência foi inevitável. Ainda a tempo de espreitar **Wino** a bordo do Hoppentosse. Olha-se para cima e lá está, a sua incontornável figura, de manga cava, a mostrar que isto de tocar num palco exterior com estas temperaturas germânicas não é cá para meninos, é só para duros! Perto do final aparece Nick Oliveri, de *hoodie* vestido (olha que dois), e juntos tocam a «Iron Horse» dos Motörhead. No entanto, a conclusão é que estamos perante o primeiro *desertfail,* ficando o desejo de presenciar este *set* acústico num ambiente mais intimista e definitivamente sem uma audiência eufórica movida a cervejas, no *biergarten* atrás de nós. Mas surpresas positivas também acontecem e são sempre bem-vindas. Os instrumentais **Monkey 3** foram uma delas, presenteando a audiência com o seu space rock progressivo, numa espécie de viagem astral pelo deserto profundo. No palco principal ouve-se a habitual e obscenamente longa *jam* instrumental de stoner rock a que os **Earthless** já nos acostumaram, uma actuação algo previsível, cativando apenas os acérrimos fãs da banda californiana. A antecipação e expectativa eram altas para o concerto que se seguia, os **Witch** de J.Mascis, um dos aguardados cabeças de cartaz do notoriamente bastante povoado dia um. Imediatamente se percebe que mais uma vez a qualidade do som irá ameaçar aquela que é uma das raras aparições da banda, fazendo com que clássicos como «Hand Of Glory» ou «Seer» se tornassem quase imperceptíveis. Para esta banda finca-se pé e ainda se abana a carola, mas... *desertfail* número dois. A provarem o seu já merecido reconhecimento estiveram os **All Them Witches**, como se confirmou pela adesão de um público claramente mais jovem, que finalmente encheu as medidas ao recinto. A terminar o dia, os **Colour Haze**, ficaram como pano de fundo. O cansaço a ganhou pontos e os ouvidos não ansiavam por mais falhas técnicas.

**DIA 2**

Há capas, *leggings* de veludo, e um grande... par de botas prateadas em palco! São os **Hällas**, vêm da Suécia e a premonição é de que algo aqui está prestes a correr bem. E confere! Estes cavaleiros psicadélicos, liderados por uma figura como que inspirada num jovem Arthur Brown, cumpriram com tudo aquilo a que se comprometeram. Mesmo com ocasionais falhas no microfone (sim, mais uma vez), fizeram com que o público presente desse um ou dois passinhos de dança. Ainda no palco principal, seguiram-se os **The Shrine**, o trio de skate rock que recentemente adicionou a carismática baixista Corey Parks. Em modo coreografado, entregaram um esperado rock'n'roll cru e um espectáculo digno de uma banda vinda de Los Angeles. Os japoneses **Kikagaku Moyo** são altamente considerados por terras germânicas, e foram outro dos momentos altos do segundo dia. Encantam-nos com a sempre humilde presença em palco, e assim como que com um efeito xamânico de uma *trip* de *ayhuasca*, deixámo-nos levar através do *fuzz* das guitarras, pontualmente acordados à bruta com um peso arrastado, muito mais flagrante nos temas do último álbum. Felizmente o som tinha melhorado consideravelmente por esta altura, de outra forma teria sido praticamente impossível aguentar os lendários **Fu Manchu**, com Scott Reeder no baixo exclusivamente para o Desertfest em Berlim e Londres. O verdadeiro stoner rock dos anos 90 encheu a sala e a cabeça dos demais, com um nível de decibéis realmente muito acima do tolerável, porém ninguém se comprometeu a sair da sala.

**DIA 3**

Começámos com a única banda de doom a sério deste alinhamento, os **The Skull**. Num dia de mais peso, os poucos presentes, claramente numa faixa etária diferente da dos primeiros dois dias, sabiam exactamente ao que iam. Numa actuação pujante que nos fez levantar o punho cerrado no ar por várias vezes, foi no entanto crescendo uma certa desilusão por estarmos perante o lendário Eric Wagner e não estarmos a ouvir os temas clássicos dos Trouble. A esperança é a última a morrer, diz-se, e para terminar, a pergunta foi "*are you up for some Trouble?*" Finalmente! Estamos sempre prontos para sarilhos, sejam eles grandes ou pequenos, e foi então com a «Tempter» que a temperatura dentro do recinto subiu e o *headbanging* desenfreado nos deixou a precisar de um colar cervical. Foi também dia de clássicos, e os **Wovenhand** encaixam bem nessa categoria. Claro está, os problemas técnicos da praxe tiveram logo de calhar à banda de David Eugene Edwards. Foi difícil a envolvência, e os problemas (outra vez o microfone) fizeram com que alguns temas favoritos como a «Golden Blossom» perdessem alguma magia. Em comparação com outras actuações, garantidamente já vimos melhor. Na recta final desta saga, não poderia ter havido escolha mais feliz para fechar este cartaz que os **OM**. A expectativa aqui era alta e a resposta não desiludiu! Percorrendo genialmente temas dos álbuns «Advaitic Songs», «God Is Good» e «Pilgrimage», Al Cisneros assumiu durante toda a actuação uma posição de controlo, numa atitude ligeiramente diferente daquela a que nos habituou a ver em Sleep. Num dos breves momentos em que se abre os olhos, e porque algo nos alertou para tal, o bater estridente nos pratos e a expansão da percussão de Emil Amos (também dos Grails) foi tão forte que a determinada altura ia praticamente desmantelando a bateria em dois. Grande besta! Foram necessários uns quantos minutos para assentar os pés e a cabeça na terra depois disto. Para o ano há mais, e com um bocadinho menos de *desertfails*, esperemos! **[Cátia Nóbrega]**

WITCH

FOTOS: PEDRO ROQUE

HÄLLAS

FU MANCHU

OM

METALLICA
FOTO: MARTA LOURO

# METALLICA
## + GHOST + BOKASSA

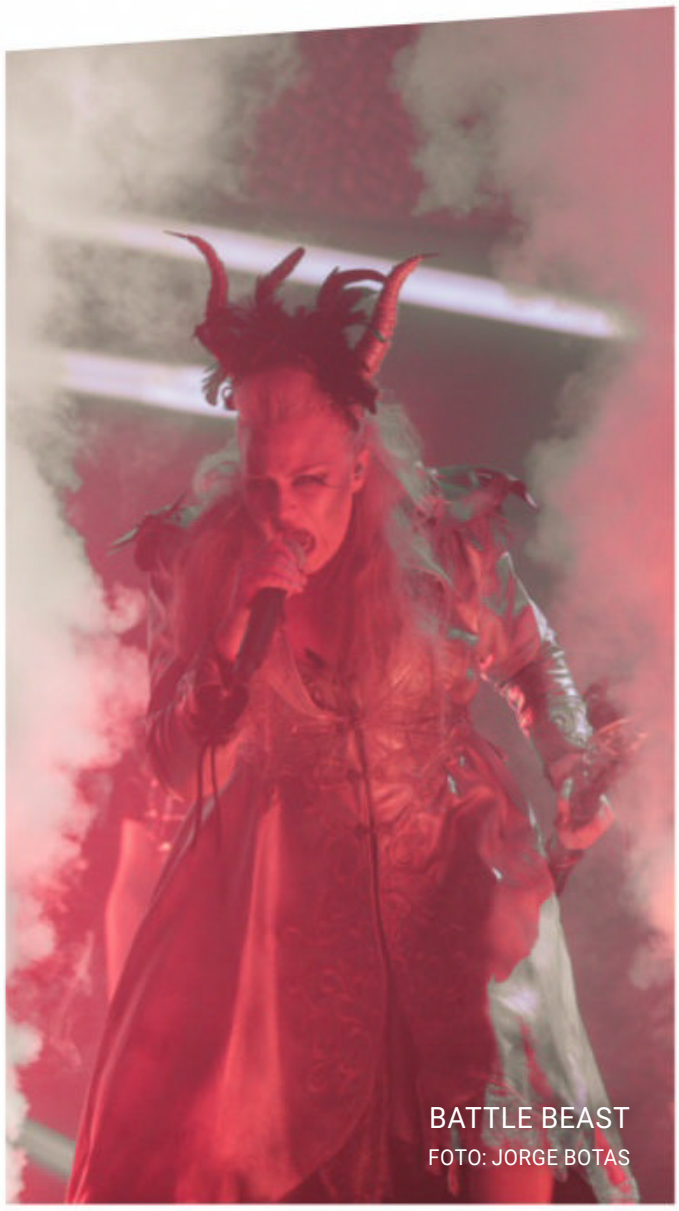
19.05.01 – Estádio do Restelo, Lisboa

Dois minutos antes das 19:00, subiam ao palco os noruegueses Bokassa, convidados pessoalmente por Lars Ulrich para abrirem os concertos desta digressão. O trio norueguês pareceu por vezes um pouco perdido no meio do gigantesco palco com o vento a prejudicar a sua sonoridade que mistura stoner com punk. Os Ghost apresentaram-se com «Ashes» e «Rats» ainda o sol brilhava nos céus de Belém. Acompanhado por sete Nameless Ghouls, todas as atenções centravam-se em Cardinal Copia, que começou por saudar o público em português antes de avançar para um alinhamento bem equilibrado que contou com, entre outros, «Ritual», «From The Pinnacle To The Pit» ou «Miasma», no qual tivemos a bem-humorada presença do Papa Emeritus a tocar o solo de saxofone. Ao anoitecer surgiram «Year Zero» e «Mommy Dust», antes do momento de puro pop «Dance Macabre» e de «Square Hammer». Apesar de terem obtido a aprovação dos fãs de Metallica, é indiscutível que todo o cenário e envolvência dos Ghost funcionam muito melhor na escuridão da noite. Depois de uma longa espera, nos ecrãs surgiram as imagens que suportam a tradicional introdução «The Ecstasy Of Gold» de Ennio Morricone. O já esperado «Hardwired» abriu um alinhamento que contou com algumas surpresas como «Disposable Heroes» ou «The God That Failed», misturado com recordações («Ride The Lightning» e «The Unforgiven») e malhas do último disco («Here Comes Revenge» e «Moth Into Flame»). A partir daqui começaram a surgir os problemas com um técnico que desmaiou em palco e um qualquer imprevisto que atrasou o início de «Sad But True». Durante este tema os ecrãs falharam numa situação que só ficaria totalmente resolvido mais tarde. «Welcome Home (Sanitarium)» antecipou a homenagem de Rob Trujillo e Kirk Hammett a João Ribas dos Censurados e a Zé Pedro dos Xutos & Pontapés, com duas atabalhoadas e curtas versões de «Censurados» e «A Minha Casinha». Outra das grandes surpresas foi a inclusão de «Frantic» do mal-amado «St. Anger» antes de «One», que contou com um dos melhores cenários da noite. Com Lars noutra bateria montada mais à frente, ouvimos «Master Of Puppets», «For Whom The Bell Tolls», «Creeping Death» e «Seek & Destroy». No *encore* tivemos, para além da novidade «Lords Of Summer», as inevitáveis «Nothing Else Matters» e «Enter Sandman». Embora notando-se por vezes alguma insegurança na interpretação de alguns temas, foi sem dúvida uma noite especial para os fãs de Metallica em Portugal. **[C.G.]**

# BATTLE BEAST + ARION

19.03.16 – Lisboa Ao Vivo, Lisboa

Há fenómenos estranhos na música em Portugal. Por um lado, temos artistas com talento limitado que enchem arenas, e depois aparecem artistas como os Battle Beast, com muito talento, mas com pouca adesão do público. Não houve nenhuma conjectura que justificasse não haver mais gente na sala de Lisboa. Felizmente, as duas bandas mostraram ser compostas por autênticos profissionais e deram um concerto memorável. Às 20h30 em ponto, os Arion subiram ao palco ao som do tema «The End Of The Fall» do mais recente «Life Is Not Beautiful». Durante os 45 minutos que se seguiram a banda focou boa parte do alinhamento no último disco de estúdio, com o vocalista Lassi Vääränen a ser o grande destaque desta formação finlandesa. Para quem já viu os Battle Beast ao vivo, o que tivemos a oportunidade de presenciar não foi surpresa nenhuma. Noora Louhimo é das melhores vocalistas femininas da era moderna. Pode parecer exagero, mas a entrega em palco é algo difícil de explicar e só mesmo presenciando se consegue perceber o porquê. Desde o início com «Unbroken» até terminar com «King For A Day» e «Beyond The Burning Skies», a vocalista mostra uma energia incessante e um vozeirão impressionante. Pelo meio ainda houve «Black Ninja», «Bastard Son Of Odin» ou «The Hero», com direito a flexões de um dos guitarristas. Ficou a perder quem não esteve presente, num concerto que certamente estará entre os melhores de 2019. **[J.B.]**



BATTLE BEAST
FOTO: JORGE BOTAS

# MARDUK
## + VALKYRJA + ATTIC
## + SURVIVAL IS SUICIDE

19.05.04 – Hard Club, Porto

Noite em escalada, que começou com os Survival Is Suicide, que no papel prometiam mais do que vieram a oferecer. Do anunciado "*death experimental com baixo e bateria*", resultou um death convencional com guitarra e teclados pré-gravados, desinteressante e desenquadrado no cartaz. Já os alemães Attic trouxeram um som claramente influenciado por Mercyful Fate, num alinhamento baseado praticamente em «Sanctimonious». Recordando ser este um regresso ao território nacional, o vocalista Meister Cagliostro foi o centro duma excelente actuação que terminou em alta com «The Headless Horseman», um tema muito *priestiano*. Os Valkyrja pertencem a uma escola sueca de black metal em que Watain e os próprios Marduk tem particular influência, mas mesmo assim há uma grande diferença entre querer e ser. Ainda assim, a energia e raiva demonstradas em palco fizeram perceber que os autores de «Throne Ablaze» são um nome forte nesse tipo de black metal. Face a uma sala praticamente esgotada, Mortuus entrou incentivando o público e não hesitando em recuar vinte anos para iniciar o concerto com «Panzer Division Marduk» e «Baptism By Fire». A sala estava ganha, depois foi só uma questão de lembrar que existe um novo disco, através de «Werwolf» e seguir com mais nove temas que resultaram numa das melhores actuações do colectivo sueco por cá, sendo necessário levar a memória até aos seus primeiros concertos, ainda com Legion na voz, para encontrar paralelo. **[E.F.]**

# BAD RELIGION
## + MAD CADDIES
## + LESS THAN JAKE

19.05.15 – Sala Tejo, Lisboa

Tal era a multidão que esgotou a "sala das traseiras" da Altice Arena, que se calhar teria sido boa ideia termos expulsado o Marco Paulo e o seu *following* geriátrico da arena principal, que ocorria simultaneamente, e ocupado aquilo tudo. Vontade maluca para isso havia de certeza, tal foi a intensidade (até com alguns excessos) de um público que deu mesmo tudo do princípio ao fim, mesmo durante as bandas de abertura, Less Than Jake e Mad Caddies. Ajudou que o ska punk de ambas tivesse sido animado e repleto de entusiasmo, claro. E quantos menos conhecedores do pop punk mais *mainstream* terão ficado a pensar que a «She», interpretada pelos Mad Caddies, é mesmo dos NOFX? Um gozão, o Chuck Robertson. Mas pronto, findo este preâmbulo agradável, os lendários Bad Religion subiram finalmente ao palco, e arrancaram um dos melhores concertos dos últimos anos em solo nacional. É uma afirmação ambiciosa, mas não tão ambiciosa quanto percorrer uma carreira de 40 anos através de 31 temas que revisitaram quase todos os álbuns da discografia da banda. Mesmo "só" com Mike Dimkich e Brian Baker nas guitarras (sem o fundador Brett Gurewitz, portanto), a veterana banda de Los Angeles manteve-se sempre "na batata" durante esta odisseia celebratória, interpretando os temas com dedicação e mestria, tivessem eles quase 40 anos ou quinze dias, como era o caso das malhas do novo «Age Of Unreason». Aí reside boa parte do apelo universal dos Bad Religion – não só «Chaos From Within» ou «Lose Your Head», por exemplo, já são atiradas para o meio dos clássicos sem qualquer perda de qualidade ou intensidade (tal como a «Fuck You», ou a «New Dark Ages», de álbuns recentes, também), mas também a sua relevância continua a ser total. Greg Graffin – perfeito na voz – e companhia continuam "ligados" ao mundo, seja politica, social ou musicalmente, e tanto apelam aos cinquentões como aos adolescentes que elevaram a temperatura da Sala Tejo a valores quase insuportáveis. Transpirados, exaustos, mas de coração cheio, recebemos a «Sorrow», a «You» e a «American Jesus» do *encore* com sofreguidão e êxtase, fazendo fé nas palavras de Graffin minutos antes, de que esta visita se devia repetir todos os anos. Concordamos, ó Greg. Estamos à espera. **[J.C.S.]**

BAD RELIGION
FOTO: ESTEFÂNIA SILVA

MADRUGADA
FOTO: ESTEFÂNIA SILVA

# MADRUGADA + A JIGSAW

19.05.10 – Lisboa Ao Vivo, Lisboa

Numa altura em que este tipo de rock alternativo, com laivos de gótico, industrial e até uma pitadinha de grunge, escasseia em qualidade, foi com grande satisfação que recebemos a notícia do regresso do conjunto norueguês, para já só para tocar ao vivo. Focando-se no aniversariante «Industrial Silence», o já lendário primeiro álbum que cumpre vinte anos, os Madrugada interpretaram-no na íntegra durante a primeira parte do concerto, alterando só a ordem original dos temas, e a variedade de emoções evocadas deixaram bem patente o porquê de ser um disco que já faz parte do imaginário global da música alternativa. Dinâmicos, bem dispostos (nem quando o foco de luz preparado para a «Strange Colour Blue» não funcionou o bom do Sivert Høyem perdeu a descontração), provaram que tanto a *rockar* à grande – como no trio de abertura, «Vocal», «Belladonna» e «Higher» – como nos momentos de maior sensibilidade – «Shine», ou a arrepiante «Quite Emotional» – são uma banda de verdadeira eleição. Teríamos ficado satisfeitíssimos com aquelas treze canções mágicas, mas ainda havia mais sete presentes guardados para a segunda parte. A majestosa... «Majesty», talvez o tema mais conhecido da banda, e o final em absoluta apoteose com «The Kids Are On High Street» e «Valley Of Deception» deixam-nos a desejar que este regresso não fique só por aqui. Esperamos a próxima visita já com álbum novo na bagagem, pode ser? Até porque faltou a «Honey Bee» nesse alinhamento de sonho. E podem voltar a convidar os A Jigsaw (de preferência entregando rolhas à porta, para enfiar na boca dos imbecis que fazem questão de ir para os concertos conversar aos gritos enquanto os músicos tocam), que mais uma vez mostraram ser um grupo à parte no panorama nacional, evocando os espíritos *mischievous* de Tom Waits, Johnny Cash ou Nick Cave, na companhia da convidada Tracy Vandal, e alicerçados na impossivelmente grave voz de João Rui e nas histórias de crime e redenção tão típicas do imaginário do *midwest* norte-americano. **[J.C.S.]**

# MORBIDFEST
## I AM MORBID + ATROCITY + VITAL REMAINS + SADIST + ARCANUS

19.05.12 – Lisboa Ao Vivo, Lisboa

Um ajuste de última hora – a pedido dos próprios – que antecipou o início do Morbidfest fez com tivéssemos perdido a actuação dos espanhóis Arcanus. Os italianos Sadist seguiram-se e foram competentes o suficiente para aquecerem o público, fazendo valer pela presença em palco do "carniceiro" Trevor Nadir e a sua motosserra. O "festival" começou a sério com a presença dos veteranos Vital Remains, e foi daquelas actuações de chorar por mais. O vocalista Brian Werner é um autêntico animal de palco, e acabou por cumprir a promessa de se atirar do balcão da sala para a plateia, com os fãs, felizmente para ele, a segurarem-no bem. Não faltou a óbvia menção da descendência portuguesa do guitarrista Tony Lazaro e alguns clássicos como «Forever Underground» e «Dechristianize». A tarefa dos Atrocity não se avizinhava nada fácil, depois do que os Vital Remains tinham feito, e a prova acabou por não ser superada pelo colectivo germânico. Apesar das tentativas de incentivo ao público, de falar da amizade que tem com os Moonspell e Heavenwood, a verdade é que os temas mais recentes da banda não apelam muito ao público. As pessoas que se deslocaram à sala lisboeta queriam mesmo era ver David Vincent e companhia. Apesar do atraso com que subiram ao palco – o quadro de eletricidade foi-se abaixo – desde as primeiras notas de «Fall From Grace», até às últimas de «World Of Shit», passando por «God Of Emptiness» ou «Where The Slime Lives», o concerto foi uma autêntica celebração do legado dos Morbid Angel da era David Vincent, que só ele consegue cantar com a mestria que se espera. De referir que Tim Yeung é um animal autêntico na bateria e que toca sem falhas os clássicos. **[J.B.]**

HELL XIS AGENCY APRESENTA

# Sitting Suckers

1ª PARTE

## ARTIGO 21

## CONTRA SENSO

6 Junho 2019

## RCA Club Lisboa

PORTAS 21H00 | RUA JOÃO SARAIVA 18, 1700-249 LISBOA

HELL XIS AGENCY APRESENTA

# Possessed

Devils Over Europe 2019

## Mordjevel

18 JUNHO 2019

RCA CLUB • LISBOA

PORTAS 21H00 | RUA JOÃO SARAIVA 18, 1700-249 LISBOA

CLOCKWORK LOUD! MOSHER WWW.HELLXIS.COM

HELL XIS AGENCY APRESENTA

# TRINTA&UM

CONCERTO DE REUNIÃO DA MÍTICA BANDA DE LINDA-A-VELHA

BANDA CONVIDADA

## CRASH MONSTERS

29 JUNHO

RCA CLUB . ALVALADE

/////// 22H00 . 10€ ///////

COVIL RECORDS SABIAN VATER

HELL XIS AGENCY APRESENTA:

# Nashville Pussy

1ª PARTE

## SON OF CAIN

3 JULHO 2019

RCA CLUB LISBOA

PORTAS 21H00 | RUA JOÃO SARAIVA 18, 1700-249 LISBOA

CLOCKWORK LOUD! MOSHER WWW.HELLXIS.COM

# AGENDA

POWERED BY WONDERWORKER
DENIM LABORATORY
— RESEARCH & DEVELOPMENT —

## JUNHO

06 – **Satanic Surfers** [E.U.A.] / **Artigo 21** / **ContraSenso** – RCA Club, Lisboa
07 – **Serrabulho** / **Shivers** / **GoBabyGo** / Maria Leal – Paço da Comenda, Tomar ***Comendatio Music Fest (arraial)***
08/09 – **TesseracT** [Ing] / **Leprous** [Nor] / **Nosound** [Ita] / **Uneven Structure** [Ing] / **Sinistro** / **WAKO** / **Kandia** / **Wheel** [Fin] / **Sullen** / **Pântano** / **Kælling** / **A Last Day On Earth** / (…) – Paço da Comenda, Tomar ***Comendatio Music Fest***
08 – **Enisum** [Ita] / **Dantalion** [Esp] / **AanomM** [Esp] / **Grievance** – Metalpoint, Porto ***Porto Black Metal II***
09 – **Ho-Chi-Minh** – Sabotage Club, Lisboa
14 – **Carach Angren** [Hol] / **Wolfheart** [Fin] / **Thy Antichrist** [E.U.A.] / **Nevalra** [E.U.A.] – Hard Club, Porto
15 – **Carach Angren** [Hol] / **Wolfheart** [Fin] / **Thy Antichrist** [E.U.A.] / **Nevalra** [E.U.A.] – RCA Club, Lisboa
15 – **Diabolical Mental State** / **Impera** – Cabra Negra, Marinha Grande
16 – **Kamelot** [Nor] – Hard Clube, Porto
18 – **Possessed** [E.U.A.] / **Nordjevel** [Nor] – RCA Club, Lisboa
19 – **Possessed** [E.U.A.] / **Nordjevel** [Nor] / (…) – Hard Club, Porto
19 – **Affäire** – Quiet Riot Bar, Almada ***«Less Ain't More» listening party***
20 – **Eddie Vedder** [E.U.A.] – Altice Arena, Lisboa
21 – **Affäire** / **Scrap** – Rock Star Pub, Braga
22 – **Serrabulho** / **Analepsy** / **In Vein** / **Infraktor** / **Booby Trap** / **Bad!** – Carqueijo, Mealhada ***Um Metaleiro Também Chora Fest***
22 – **Glassjaw** [E.U.A.] – Hard Club, Porto
22 – **Affäire** / **Scrap** – Metalpoint, Porto
23 – **Glassjaw** [E.U.A.] – Lisboa Ao Vivo, Lisboa
24 – **Corrosion Of Conformity** [E.U.A.] / **Mr. Mojo** – Hard Club, Porto
26 – **Scorpions** [Ale] – Altice Arena, Lisboa
28 – **Affäire** / **Clockwork Boys** – Rustykk, Olhão
29 – **Affäire** / **Clockwork Boys** – Cine Incrível, Almada
29 – **Trinta & Um** / **Crab Monsters** – RCA Club, Lisboa
29 – **Midnight Priest** / **Wanderer** / **Toxik Attack** – Hard Club, Porto
30 – **Red Fang** [E.U.A.] – Lisboa Ao Vivo, Lisboa

## JULHO

02 – **Tool** [E.U.A.] / (…) – Altice Arena, Lisboa
02 – **Nashville Pussy** [E.U.A.] / **Son Of Cain** – RCA Club, Lisboa
04/05 – **Slayer** [E.U.A.] / **Slipknot** [E.U.A.] / **Lamb Of God** [E.U.A.] / **Arch Enemy** [Sue] / **Trivium** [E.U.A.] / **Gojira** [Fra] / **Thormenthor** / **Moonspell** / **While She Sleeps** [Ing] / **Cane Hill** [E.U.A.] / **WAKO** / **Rasgo** / (…) – Estádio do Restelo, Lisboa ***VOA Rocks***
04-06 – **Fast Eddie Nelson** / **The Black Wizards** / **Miss Lava** / **Cassete Pirata** / **Meta** / **Kings Of The Beach** / **Whales** / **Quadra** / **Orquestra Incómoda** / **Raiva Rosa** / (…)-Quintanilha, Bragança ***Quintanilha Rock***
05 – **Hüll** / **Jesus The Snake** / **Orangotango** / **Cosmic Mass** / **Earth Drive** / **Acid Mess** / **Sun Mammuth** / **Desert'Smoke** / **Rusted Sun** / **Plastic Woods** / **Juseph** / **Astrodome** / **The Wab** – Campo de jogos de Perelhal, Pereira ***Distortion Fest #4***
13 – **Orangotango** / **Solar Corona** / **Desert'Smoke** / **Jesus The Snake** / **Razzmatazz** / **Dan's Revival** – Sra da Graça, Carrezeda de Ansiães ***Douro Jam***
18-20 – **Coven** [E.U.A.] / **Church Of The Cosmic Skull** [Ing] / **Linda Martini** / **The Quartet Of Whoa!** / **Santo Rostro** [Esp] / **Greengo** / (…) – Praia de Quiaios, Figueira da Foz ***Woodrock Festival***
25-28 – **Hypocrisy** [Sue] / **Samael** [Sui] / **Fleshgod Apocalypse** [Ita] / **Soilwork** [Sue] / **Entombed A.D.** [Sue] / **Crematory** [Ale] / **Peste & Sida** / **Sinistro** / **Contradiction** [Ale] / **Miss Lava** / **Gwydion** / **W.A.K.O.** / **Soldier** [Esp] / **Analepsy** / **Simbiose** / **Sollar** / **Ho-Chi Minh** / **Primal Attack** / **Tales For The Unspoken** / **Humanart** / **Wrath Sins** / **Grimlet** / **Toxikull** / **Lyfeordeath** / **Second Lash** / (…) – Louro, Famalicão ***Laurus Nobilis Music***

## AGOSTO

03 – **Serrabulho** / **Wanderer** / **Lyzzärd** / **The Small Hours** / **Take Back** / **When Sentences Are Band Names** – Vale de Cambra ***Cambra Metal Madness***
08-11 – **Candlemass** [Sue] / **Six Feet Under** [E.U.A.] / **Stratovarius** [Fin] / **Napalm Death** [Ing] / **Death Angel** [E.U.A.] / **Primal Fear** [Ale] / **Alestorm** [Esc] / **Watain** [Sue] / **Aborted** [Bel] / **Týr** [I.F.] / **Jinjer** [Ucr] / **Iron Reagan** [E.U.A.] / **Necrophobic** [Sue] / **Dagoba** [Fra] / **Visions Of Atlantis** [Aut] / **Letters From The Colony** [Sue] / **Process Of Guilt** / **Wormwood** [Sue] / **Chepang** [Nep] / **Ignea** [Ucr] / **Painted Black** / **Midnight Priest** / **Redemptus** / **Equaleft** / **Infraktor** / **The Godiva** / **Vendetta** FM [Esp] / **Burn Damage** / **Toxikull** / **Repulsive Vision** / **Ways** / (…) – Quinta do Ega, Vagos ***Vagos Metal Fest 2019***
08-10 – **Orange Goblin** [Ing] / **Om** [E.U.A.] / **Windhand** [E.U.A.] / **My Sleeping Karma** [Ale] / **The Obsessed** [E.U.A.] / **Monolord** [Sue] / **Lucifer** [Sue] / **Dopethrone** [Can] / **Toundra** [Esp] / **Satan's Satyrs** [E.U.A.] / **Sacri Monti** [E.U.A.] / **Harsh Toke** [E.U.A.] / **Petyr** [E.U.A.] / **Minami Deutsch** [Jap] / **Zig-Zags** [E.U.A.] / **Kaleidobolt** [Fin] / **Maidavale** [Sue] / **Maggot Heart** [Sue] / (…) – Moledo ***Sonic Blast 2019***
22-24 – **The Offspring** [E.U.A.] / **Prophets Of Rage** [E.U.A.] / **Manic Street Preachers** [Ing] / **Skunk Anansie** [Ing] / **Gogol Bordello** [E.U.A.] / **Killing Joke** [Ing] / **The Sisters Of Mercy** [Ing] / **Gang Of Four** [Ing] / **Nitzer Ebb** [Ing] / **Linda Martini** / **The Wedding Present** [Ing] / **Clan Of Xymox** [Hol] / (…) – Vilar de Mouros ***EDP Vilar de Mouros***
23/24 – **Rhapsody Of Fire** [Ita] / **Cloven Hoof** [Ing] / **Ostrogoth** [Bel] / **Gwydion** / **Attick Demons** / **Midnight Priest** / **Sojourner** [Int] / **Lost In Pain** [Lux] / **Lèpoka** [Esp] / **Frozen Crown** [Ita] / **Incursed** [Esp] / **Perpetual Night** [Esp] / **Last Days Of Eden** [Esp] / **Inner Blast** / (…) – Pindelo dos Milagres, São Pedro do Sul ***Milagre Metaleiro XII***

## SETEMBRO

03-05 – **Bizarra Locomotiva** / **Process Of Guilt** / **Gaerea** / **Acromaníacos** / **Steal Your Crown** / **Redemptus** / **Cranky Geeks** / **Bad!** / **Inhuman** / **Patrulha Do Purgatório** / **Galvana** – ARCM, Faro ***Faro Alternativo 9***
13 – **Overkill** [E.U.A.] / **Destruction** [Ale] / **Flotsam & Jetsam** [E.U.A.] – Hard Club, Porto
13 – **Burning Witches** [Suí] / **Darkembrace** [Esp] – Side B Rocks, Alenquer
13/14 – **Perpetual** [Esp] / **Gaerea** / **Redemptus** / **Systemik Viølence** / **Wrath Sins** / **Fere** / **Pneura** [Esp] / **Divine Ruin** / **Verbian** / **Ruína** / **Niil** – Outeiro Seco, Chaves ***Outeiro Metal Fest***
14 – **Humanart** / **Lucifer's Child** [Gre] – Hard Club, Porto
21 – **Omnium Gatherum** [Fin] / **Rise To Fall** [Esp] / **Celtibeerian** [Esp] / **Serrabulho** / **Prayers Of Sanity** / (…) – Rio de Moinhos, Penafiel ***River Stone 2019***

## OUTUBRO

03 – **Bizarra Locomotiva** / **Acromaníacos** / **Serrabulho** / **Gaerea** / (…) – A.R.C.M., Faro ***Faro Alternativo 9***
12/13 – **Amenra** [Bel] / **Author & Punisher** [E.U.A.] / **Birds In Row** [Fra] / **Bliss Signal** [Irl] / **Candura** / **Daughters** [E.U.A.] / **Deafheaven** [E.U.A.] / **Emma Ruth Rundle** [E.U.A.] / **Gaerea** / **Ingrina** [Fra] / **Inter Arma** [E.U.A.] / **JK Flesh** [Ing] / **Nadja** [Can] / **Pelican** [E.U.A.] / **Portrayal Of Guilt** [E.U.A.] / **Some Became Hollow Tubes** [Can] / **Touché Amoré** [E.U.A.] – Hard Club, Porto ***Amplifest 2019***
30 – **Mark Lanegan Band** [E.U.A.] – Lisboa Ao Vivo, Lisboa
31 – **Mark Lanegan Band** [E.U.A.] – Hard Club, Porto
31 – **Affäire** / **The Bateleurs** / **DJ Carlos Freitas** – Side B, Alenquer

## NOVEMBRO

02 – **Corpus Christii** / **Valafar** [Ing] / **Biolence** / **Dharma** / (…) – Pavilhão Multiusos, Malveira ***Oeste Underground Fest IV***

PRÓXIMA LOUD! **#220**

**LINGUA IGNOTA MEMORIAM**
**RUSSIAN CIRCLES SABATON**
**TORCHE D:A:D**

AMAZING
events

APRESENTA

# glassjaw

NY db 1gg3

22 JUNHO - HARD CLUB

23 JUNHO - LISBOA AO VIVO

APPEARING AT

## LAV - LISBOA AO VIVO
## 30 JUNHO

RED FANG

VAGOS METAL FEST

08 09 10 11 AUGUST 2019 | QUINTA DO EGA | VAGOS | PORTUGAL

8
Candlemass • JINJER • PROCESSOFGUILT
BASALTO • EQUALEFT • BURN DAMAGE • DALLIAN • DIESEL HUMM • PAINTED BLACK

9
Six Feet Under • Watain • COMING SOON
TYR • NECROPHOBIC • EXUMER
THE GODIVA • CHEPANG • REDEMPTUS • WAYS.

10
SATYRICON • ALESTORM • primal fear
ABORTED • WORMWOOD • LETTERS FROM THE COLONY
SOI • INFRAKTOR • MIDNIGHT PRIEST • REPULSIVE VISION

11
STRATOVARIUS • NAPALM DEATH • DEATH ANGEL
IRON REAGAN • DAGOBA • VISIONS OF ATLANTIS
IGNEA • TOXIKULL • VENDETTA F.M.

**BILHETES EM BOL.PT E PONTOS DE VENDA HABITUAIS**

SEGUE-NOS NO FACEBOOK E INSTAGRAM @AMAZINGVANILLAEVENTS